



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS NATURAIS

DJENANE DE LIMA TOMÉ

**TURISMO E MEIO AMBIENTE: aspectos ambientais na Serra do Tepequém –  
Amajari / RR**

Boa Vista, RR

2017

DJENANE DE LIMA TOMÉ

**TURISMO E MEIO AMBIENTE: aspectos ambientais na Serra do Tepequém -  
Amajari / RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Universidade Federal de Roraima como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Recursos Naturais. Área de Concentração: Manejo e conservação de bacias hidrográficas. Linha de Pesquisa: Manejo e Dinâmica de Recursos Naturais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geórgia Patrícia da Silva Ferko.

Boa Vista, RR

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima)

T552t Tomé, Djenane de Lima  
Turismo e meio ambiente: aspectos ambientais na Serra do  
Tepequém – Amajari / RR /Djenane de Lima Tomé. -Boa  
Vista, 2017.  
113p.: il.

Orientadora: Profa.Dra. Georgia Patrícia da Silva Ferko.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de  
Roraima, Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais.

1 – Turismo. 2- Impactos ambientais. 3- Serra do  
Tepequém. 4- Roraima. I- Título. 2 – Ferko, Georgia Patricia  
da Silva (orientadora).

CDU –79:379.8.095

DJENANE DE LIMA TOMÉ

**TURISMO E MEIO AMBIENTE: aspectos ambientais na Serra do Tepequém –  
Amajari / RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Universidade Federal de Roraima como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Recursos Naturais. Área de Concentração: Manejo e conservação de bacias hidrográficas. Linha de Pesquisa: Manejo e Dinâmica de Recursos Naturais.

---

Profa. Dra. Geórgia Patrícia da Silva Ferko  
Orientadora / Curso de Administração - UFRR

---

Dr. Francisco Joaci de Freitas Luz  
EMBRAPA/RR

---

Prof. Dr. Ismar Borges de Lima  
Curso de Turismo - UERR

---

Profa. Dra. Maria Barbara Magalhães Bethonico  
Instituto Insikiran de Educação Superior Indígena - UFRR

À minha avó Adalgiza de Lima Tomé (*In Memoriam*) e aos meus pais Dagmar de Lima Tomé e Renato Queiroz da Silva.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido saúde e oportunidade de dar mais um passo em busca de conhecimento e crescimento pessoal.

Ao Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais - PRONAT da Universidade Federal de Roraima, pela oportunidade de ir em busca a este título.

A Profa. Dra Geórgia Patrícia da Silva Ferko, pela paciência, ensinamentos, orientação, amizade e incentivos.

Ao Prof. Romanul Bispo, pela atenção, paciência e auxílio nos dados estatísticos.

A Profa. Msc. Rita de Cassia da Silva Costa, pela atenção, carinho, paciência e auxílio nos dados estatísticos.

Aos meus tios, Dacymar Thomé da Rocha, Laurentino Gonçalves da Rocha e demais familiares pelo incentivo e compreensão nos momentos em família em que não pude estar presente.

Com um carinho todo especial aos meus pais, Renato e Dagmar de Lima Tomé pelo incentivo, paciência e compreensão nos momentos de angústia.

Aos colegas de turma em especial a amiga Suelen Bezerra pelas palavras de apoio e companheirismo no decorrer do curso.

Aos colaboradores do Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGeo pela ajuda prestada com informações importantes para esta pesquisa.

Aos moradores da Vila Tepequém pela participação na pesquisa e receptividade.

Aos demais amigos e pessoas que embora não citadas colaboraram e incentivaram, para que este trabalho fosse cumprido.

## RESUMO

O turismo é um fenômeno complexo e realizado como alternativa de promoção do desenvolvimento. Independente da modalidade, o turismo gera impactos, podendo ser em nível social, econômico e ambiental. Contudo, se trabalhado de forma organizada e planejada poderá promover mais impactos positivos do que negativos. Em Roraima o turismo ainda é pouco explorado, mas existem atrativos que vêm ganhando destaque em nível nacional, tal como a Serra do Tepequém, por se constituir de paisagens e beleza exuberantes, além de um clima agradável entre outras características que a torna única. A Serra do Tepequém está localizada ao norte do estado de Roraima mais especificamente no município do Amajari à 213 km da capital Boa Vista e teve como marco histórico a exploração do garimpo nos anos 50, quando se formou o primeiro vilarejo, hoje conhecida como Vila Tepequém ou Vila do Paiva. A Serra é considerada um dos pontos turísticos mais visitados, tendo o aumento do fluxo de visitantes e conseqüentemente a geração de impactos. O objetivo deste trabalho consiste em identificar quais são os impactos ambientais na Serra do Tepequém – RR, segundo a visão dos atores locais, em função do uso dos recursos naturais na atividade turística. A pesquisa deu-se de forma qualitativa e quantitativa, a partir da aplicação de questionários e entrevistas com atores locais ligados diretamente com o turismo, além da observação participante. Foram admitidos como problemas ambientais o lixo deixado pelos visitantes no espaço. Como impacto positivo identificou-se o aumento da renda e oportunidade de emprego para a comunidade, na visão dos atores. Verificou-se que, a natureza, o clima e tranquilidade são os principais aspectos que determinam a atratividade do local. Sendo assim, esses aspectos devem ser relevantes para o planejamento turístico da região, tendo em vista que ainda não existe por parte dos representantes governamentais interesse e investimento suficiente para tornar essa atividade mais eficiente ao desenvolvimento da região. Nesse contexto, a partir dos problemas encontrados foram sugeridas algumas diretrizes a fim de auxiliar em um possível planejamento no que tange essas questões.

Palavras-chave: Turismo. Impactos ambientais. Serra do Tepequém. Roraima.

## ABSTRACT

Tourism is a complex phenomenon and it is seen as an alternative to foster development. Regardless of the type of tourism, it generates impacts, which can be social, economic and environmental. However, if tourism is carried out in an organized and planned way, it can promote more positive than negative impacts. In Roraima, tourism is still little explored, but there are attractions that have been gaining prominence at a national level, such as Serra do Tepequém, for its exuberant landscapes and beauty, besides a pleasant weather among other characteristics that make it unique. Serra do Tepequém is located in the north of the state of Roraima, more specifically in the Region of Amajari, 213 km from the capital Boa Vista. The mining exploitation has become a historical landmark, in the 90's, when the first village was formed, where it is now known as Vila Tepequém or Vila do Paiva. Nowadays the mountain is one of the most visited tourist spots. The flow of visitors has increased and consequently so have the impacts generated. The objective of this work is to identify the environmental impacts at Serra do Tepequém - RR, due to the use of natural resources by the tourist activity, according to the local actors' view. The nature of this research is both qualitative and quantitative. A questionnaire was used to collect data and local actors linked to tourism were interviewed, in addition to participant observation. The garbage left by visitors in a place was admitted as an environmental problem. The community's increasing income and employment was identified as a positive impact, in the view of the actors. It has been found that nature, weather and peacefulness are the main aspects that determine the attractiveness of the place. Therefore, those aspects should be considered for tourism planning in the region, since government representatives still do not have enough interest and do not invest to make this activity more efficient for the development of the region. In this context, as a result of the problems detected, some guidelines were suggested in order to contribute to a potential planning regarding those questions.

Key words: Tourism. Environmental impacts. Serra do Tepequém. Roraima.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa de Amajari com destaque para a imagem de satélite da Serra de Tepequém.....	28
Figura 2	Mapa de localização da concentração desta pesquisa.....	35
Figura 3	Etapas da pesquisa.....	36
Figura 4	Vista da subida da Serra de Tepequém.....	38
Figura 5	Estrada de acesso à Serra do Tepequém.....	39
Figura 6	Mapa da região do Tepequém.....	40
Figura 7	Avenida principal da Vila do Paiva .....	41
Figura 8	a) Escola Municipal e b) Unidade de saúde.....	41
Figura 9	Faixa etária dos moradores que participaram da pesquisa.....	43
Figura 10	Gênero dos moradores.....	43
Figura 11	Origem dos moradores participantes.....	44
Figura 12	Escolaridade dos moradores participantes da pesquisa.....	44
Figura 13	Ocupação dos moradores participantes.....	45
Figura 14	Percentual de tempo que os moradores residem na Vila do Paiva...	46
Figura 15	Idade dos turistas participantes.....	46
Figura 16	Gênero dos turistas participantes da pesquisa.....	47
Figura 17	Origem dos turistas participantes.....	48
Figura 18	Tempo que os turistas frequentam a Serra do Tepequém.....	49
Figura 19	Previsão de dias dos turistas na Serra.....	50
Figura 20	Escolaridade dos turistas participantes da pesquisa.....	51
Figura 21	Dados acerca do que mais agrada o morador na Serra do Tepequém.....	53
Figura 22	Aspectos que mais interessam nas viagens dos turistas participantes.....	54
Figura 23	Localização espacial dos atrativos turísticos na área do Tepequém.	55
Figura 24	Opinião dos moradores com relação aos aspectos que as atividades turísticas devem envolver.....	57
Figura 25	Opinião do turista com relação aos aspectos que as atividades turísticas devem envolver.....	58
Figura 26	Corredeira do Cabo Sobral.....	59
Figura 27	Placa indicando acesso a corredeira do Cabo Sobral e trilha.....	59
Figura 28	Estação de coleta de dados hidrometeorológicos.....	60
Figura 29	Cachoeira do Paiva e placas de acesso.....	61
Figura 30	Cachoeira do Barata e placa de acesso.....	61
Figura 31	Cachoeira do Funil.....	62
Figura 32	Igarapé Preto e entrada da gruta.....	63
Figura 33	Vista panorâmica do Platô.....	64
Figura 34	Placa de acesso ao Platô.....	64
Figura 35	Poção e placa de acesso.....	65

Figura 36	Opinião dos moradores com relação aos prejuízos do turismo ao meio ambiente.....	67
Figura 37	Gráfico com a opinião do turista com relação aos prejuízos do turismo ao meio ambiente.....	68
Figura 38	Lixo próximo a área de banho e uma placa educativa na Cachoeira do Barata.....	71
Figura 39	Sinalização para coletor de lixo.....	72
Figura 40	Eletrodoméstico em desuso deixado por moradores no quintal de uma residência próximo a um ponto turístico.....	73
Figura 41	Placa orientando visitantes quanto ao uso de fogueiras.....	74
Figura 42	Restos de fogueira na Cachoeira do Barata.....	74
Figura 43	Danos à vegetação nas proximidades das cachoeiras.....	75
Figura 44	Placa alertando quanto aos cuidados com o ambiente em geral.....	75
Figura 45	Placa orientando visitantes quanto ao cuidado com a vegetação.....	76
Figura 46	Pichações na pedra de uma cachoeira.....	77
Figura 47	Pichação na beira da estrada na entrada na Vila do Paiva.....	77
Figura 48	Erosão a beira da estrada que dá acesso a um ponto turístico.....	78
Figura 49	Formação de trilhas nos pequenos morros.....	79
Figura 50	Ponto de acesso a uma área de camping muito próximo a uma das cachoeiras.....	80
Figura 51	Ponto mostrando uma casa dentro da mata próximo a morros.....	80
Figura 52	Avaliação dos moradores sobre os benefícios ambientais gerados pelo turismo.....	81
Figura 53	Avaliação dos moradores sobre o turismo.....	81
Figura 54	Percentuais representados por cada opção quanto aos aspectos que menos agradou na Serra do Tepequém.....	83

## LISTA DE SIGLAS

FEMARH	- Fundação Estadual do Meio Ambiente e recursos Hídricos
SEPLAN	- Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OEA	- Organização dos Estados Americanos
OMT	- Organização Mundial do Turismo
ONU	- Organização das Nações Unidas
UFRR	- Universidade Federal de Roraima

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA.....	13
1.2	TURISMO.....	17
1.3	TURISMO E OS CAMINHOS PARA MINIMIZAR OS IMPACTOS AMBIENTAIS.....	21
1.4	AMAJARÍ E TEPEQUÉM: UMA BREVE DESCRIÇÃO.....	27
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	31
2.1	OBJETIVOS GERAIS.....	31
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	31
<b>3</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	32
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	37
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS COM O TURISMO.....	42
<b>4.1.1</b>	<b>Principais atrativos turísticos na Serra do Tepequém</b> .....	52
4.1.1.1	Ótica dos moradores.....	53
4.1.1.2	Ótica do turista.....	53
4.1.1.3	Ótica do gestor.....	55
<b>4.1.2</b>	<b>Inventário e caracterização das atividades turísticas que fazem uso dos recursos naturais</b> .....	56
4.1.2.1	Corredeira do Cabo Sobral.....	58
4.1.2.2	Cachoeira do Paiva.....	60
4.1.2.3	Cachoeira do Barata.....	61
4.1.2.4	Cachoeira do Funil.....	62
4.1.2.5	Igarapé do Preto.....	62
4.1.2.6	Platô.....	63
4.1.2.7	Poço.....	65
<b>4.1.3</b>	<b>Efeitos sobre o ambiente em função do turismo</b> .....	66
<b>4.1.4</b>	<b>Diretrizes gerais para a Gestão Ambiental</b> .....	82
<b>4.1.5</b>	<b>Análise de Swot</b> .....	87
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91
	<b>ANEXOS</b> .....	101

## 1 INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia, dos meios de comunicação e transporte e das demais facilidades dos tempos modernos vêm proporcionando às pessoas possibilidades e condições de se deslocarem com maior facilidade, seja em busca do lazer, da aventura, de oportunidades de trabalho ou por outros motivos. Esses deslocamentos, indubitavelmente, refletiram no aumento do turismo, o qual vem desapontando ao redor do mundo.

Segundo Rabelo (2010), a diminuição da tranquilidade nas grandes cidades é resultado da agitação da vida urbana, o que tem contribuído para aumentar entre os turistas a procura por ambientes naturais; isso tem sido positivo tanto para a comunidade receptora, quanto para as pessoas envolvidas nessa atividade. Contudo, segundo Carvalho e Costa (2013), mesmo com pontos positivos, o turismo pode refletir de forma negativa, tanto no meio social como também ambiental, em função das grandes mudanças que essa atividade pode causar no espaço que o promove.

Dentro deste contexto, Braga, Gontijo e Vieira (2014) acreditam que o turismo constitui uma atividade que poderá causar transformações nas relações que envolvem diversos aspectos, entre eles as ambientais, fato que está relacionado ao grande dinamismo apresentado por essa atividade. Assim, o aumento do fluxo do turismo, desde a década de 1950, foi acompanhado de diversos impactos ambientais nas destinações turísticas, os quais, muitas vezes, passaram despercebidos ou foram ignorados por motivos financeiros. Neste sentido, as destinações com atrativos naturais são as mais procuradas por turistas, portanto são os destinos mais vulneráveis a qualquer tipo de pressão antrópica (FANDÉ; PEREIRA, 2014).

Um dos destinos turísticos mais importantes da América Latina é o Brasil, onde o número de turistas estrangeiros passa de 6 milhões de pessoas (ROCHA, 2011). Um ponto turístico, atualmente procurado no extremo norte do país, em Roraima, é a Serra do Tepequém, localizada a 213 km da capital Boa Vista, uma vez que em sua paisagem encontram-se morros, mirantes e, principalmente, cachoeiras.

O Estado de Roraima está situado no extremo norte do país, e classifica-se como um dos nove estados brasileiros da Amazônia Legal. A capital do Estado, Boa Vista, situa-se à margem direita do Rio Branco, alguns quilômetros abaixo da

confluência dos rios Tacutu e Uraricoera. Encontra-se, ainda, a uma distância de 658 km de Manaus, a 214 km da fronteira com a Venezuela e a 125 km da cidade de Lethem, na fronteira com a Guiana (MATTOS; AZEVEDO, 2009).

A análise atual da oferta turística de Boa Vista aponta para um panorama pouco explorado, pois não se verifica no município a valorização de seu patrimônio cultural e natural. Pela inexistência de estruturação para o turismo, bem como de divulgação desses recursos, o visitante tem a sensação de estar em uma cidade com praticamente nenhum atrativo e recurso turístico (MATTOS; AZEVEDO, 2009).

Duarte e Cortez (2015) registraram na Serra do Tepequém um crescente número de visitantes, mas a ausência de planejamento indica que essa atividade turística ocorre de forma desordenada, pois a prioridade à movimentação do capital acaba por deixar de lado a questão ambiental e traz grandes transformações para a comunidade local no decorrer do tempo. A serra possui características próprias, podendo-se citar os aspectos geológicos, geomorfológicos e, também, paisagísticos; assim, destaca-se dentro do contexto regional, apesar de que a paisagem acabou sofrendo transformações ocasionadas por fatores naturais e antrópicos.

Para Martins (2014), a Serra do Tepequém é considerada uma área de grande destaque por ter sido a região com maior extração de diamante da América do Sul, o que acabou ocasionando grande impacto no ambiente, podendo ser visto até os dias atuais.

Assim, considerando o aumento da procura pelo Tepequém e tendo em vista os problemas ambientais, questiona-se: como a atividade turística promovida e em execução está levando em consideração o uso sustentável dos recursos naturais? Uma das preocupações em voga está entre o que se promete e o que realmente se consegue com o turismo na região, na medida que, em áreas naturais onde ele é ofertado, instalam-se equipamentos e serviços para o seu funcionamento. Contudo, o planejamento e a gestão nem sempre são eficientes, e isso faz com que, muitas vezes, não haja infraestrutura adequada e apoio governamental, ocasionando, conseqüentemente, degradação ambiental.

Para Duarte e Cortez (2015), a análise do impacto ambiental pode contribuir para identificar, interpretar e prevenir as conseqüências ambientais ou os efeitos que podem causar à saúde e ao bem-estar do homem e ao entorno dele, ou seja, os ecossistemas em que vive e que dele dependem. Mucelin e Bellin (2008)

conceituam **impacto ambiental** como qualquer alteração física e biológica que cause modificações na paisagem e que possa comprometer os ecossistemas.

## 1.1 RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Embora a sociedade tenha se adaptado aos inúmeros avanços tecnológicos, observa-se ainda uma relação de estreita dependência entre o homem e os recursos naturais. Dentro do contexto histórico desde as épocas primitivas, a natureza era considerada como fonte de alimento e, mais tarde, com o intuito de se manter em liberdade, o homem criou novas habilidades tecnológicas. Essa busca pelo rompimento resultou em várias interferências desordenadas na sociedade, retirando e introduzindo elementos na natureza e ocasionando impactos ao ambiente (MARIANO *et al.*, 2011).

Gerent (2011) concorda que durante muito tempo os elementos que fazem parte da natureza foram desprezados, tidos, então, como coisas de ninguém, motivo pelo qual eram explorados de maneira irracional e sem limites. A busca pelo crescimento econômico e a competição contribuíram, desta maneira, para nortear o crescimento industrial.

Para Alves, Gonçalves e Costa (2014), o homem modifica a natureza frente a necessidade de alcançar seus objetivos. Diante disso, o trabalho é visto como estrutura do intercâmbio social entre ele, a natureza e seus recursos, retratando-se como parte do resultado desse processo. Sendo assim, a relação existente entre o ser social e a natureza se instala a partir do trabalho e das necessidades do homem em se manter. Contudo, ao mesmo tempo em que ele transforma a natureza, modifica também a si mesmo, promovendo a transição do ser biológico para o ser social.

Consoante Cortez (2011), a relação do homem com a natureza se manifesta de várias maneiras no tempo e no espaço. Evidenciam-se, então, três momentos da relação do homem com a natureza: o homem se adaptando a ela, em confronto com ela e reconstituindo o ambiente por ele impactado. Neste sentido, o homem é considerado como desestabilizador nato da terra e do céu, pois onde se instala possui a capacidade de impor modificações em cadeia no ambiente natural.

Neves e Bernardes (2014) destacam a existência de vários problemas sociais e, sobretudo, ambientais na relação entre o homem e a natureza. Ultimamente, as

questões ambientais têm sido importantes para promover mudanças na compreensão da relação homem-natureza, ocasionando mudanças de posicionamento mundial a respeito dessa temática, sendo um momento historicamente importante com relação à formação da identidade humana, pois desenvolvimento, tecnologia e meio ambiente articulam-se na busca de ambientes saudáveis, favorecendo o desenvolvimento econômico, ecológico e social.

Para Vieira e Lima (2012), a contradição nas relações homem e natureza é determinada, principalmente, por problemas decorrentes dos processos de trabalho criados pelo homem. Esse processo aparece como gerador de desenvolvimento, empregos, conhecimento e maior expectativa de vida. Sendo assim, ele acabou se afastando do mundo natural, como se não fosse parte constituinte deste. Refletir sobre a natureza atualmente, e de que forma o homem se relaciona com ela no conjunto do modo de produção, reporta-nos ao passado com o intuito de compreender as modificações ocorridas na maneira da sociedade pensar, interagir e produzir a natureza.

Para Cortez (2011), é importante considerar que a relação homem/natureza acontece concomitantemente, interagindo e produzindo ações advindas desse relacionamento, independente das diferenças de categorização das sociedades por meio da hierarquia tecnológica. Assim, independentemente do nível de desenvolvimento de uma sociedade, as relações entre o homem e o meio ambiente são constantes, fortes e íntimas.

Uma relação tão intensa que o ambiente, muitas vezes, é entendido como o conjunto das manifestações da vida no planeta; destaca-se, ainda, a noção de que o ser humano e a biosfera definem uma unidade, um único ambiente, que é o ambiente que nos explica no universo. Nesse sentido, fazemos parte de um meio indissociável: o meio natural e cultural inteiro como ambiente, como um só lugar para a vida de toda a humanidade.

As questões ambientais começaram a tomar grandes dimensões entre as décadas de 1960 e 1970, por meio de complexos problemas contemporâneos a respeito da degradação do meio ambiente. À medida que a sociedade evoluiu, trouxe consigo a relação entre o homem e a natureza com características primitivas e insustentáveis que se instalaram na cultura humana, de modo que se foi percebendo sutilmente a fragilidade e a esgotabilidade da natureza. A crise ambiental vivenciada atualmente se deu em decorrência da revolução industrial, do



incentivo exacerbado ao consumo, do crescimento econômico e populacional (BALIM; MOTA; SILVA, 2014).

Sobretudo, evidencia-se o ambiente natural como depositário de uma função que vai além da visão paisagística e economicista, acreditando que o valor da paisagem não se determina apenas pela beleza física e visual, e sim pelo grande potencial que esses ambientes possuem em despertar a mente para um pensamento mais humano voltado para o próprio ser, desencadeando uma reflexão e um entendimento maior do ser humano sobre si mesmo e seu papel diante do meio em que vive (PINHEIRO; SOARES; AZEVEDO, 2010).

Para Bruhns (2010), todas essas questões nos possibilitam uma reflexão a respeito da relação do homem com o meio ambiente onde estão presentes alguns valores, dos quais podemos nos aproximar do naturalismo. Neste sentido, o homem atua não só como produtor, mas também como produto de seu meio, e os problemas que surgem como consequência deste conflito referem-se, não ao fato, mas à maneira dessa ação.

Em se tratando da natureza pura, não-transformada, deve-se tomar cuidado nas formas de intervenção. Como já é sabido, a natureza é parte da história, não sendo preciso voltar atrás para que se restabeleça a harmonia perdida, mas sim restabelecer a relação de como se encontra a natureza conforme a situação histórica. O homem se opõe a natureza através de comportamentos conquistadores e controladores, explorando-a de acordo com seus reais interesses.

A intenção do homem em satisfazer suas necessidades traz como consequência o aumento de sua capacidade em intervir na natureza, o que acaba acarretando o surgimento de conflitos e tensões com relação ao uso do espaço e dos recursos naturais em função da possibilidade de acesso à tecnologia. Isso acontece em decorrência de um dos aspectos mais severos da economia industrial que é a pressão destrutiva que ele exerce sobre os recursos naturais, que se caracterizam como base material sobre a qual se determina a vida humana.

De fato, a separação homem-natureza é uma característica que exerce domínio na sociedade capitalista, em que a exacerbação do individualismo seja reflexo do sentimento de separação e de dominação das sociedades humanas para com a natureza. Desta forma, o homem vai assumindo uma postura individual com o passar dos anos, fazendo com que deixe de se sentir como parte integrante com o

todo e deixando, também, de assumir-se como parte da natureza (RUA; SOUZA, 2010).

O desenvolvimento das indústrias acarretou no aumento do consumo dos recursos naturais, bem como o nível de conforto e de consumo pela sociedade, o que se agravou ainda mais após a Segunda Guerra Mundial. Diante disso, a estreita relação do homem com a natureza passou por diversas transformações com o passar dos anos, considerando que a sociedade industrial levou a humanidade a enfrentar riscos, pois a mesma acaba entrando em conflito consigo mesma em decorrência dos danos que causou a si própria (OLIVEIRA; CORONA, 2008).

Segundo Teisserenc (2010), alguns paradigmas, bem como reconhecimento dos saberes tradicionais que abordam as questões ambientalistas buscam, a partir de uma reflexão, responder como ocorre a relação do homem com a natureza. Para o autor, tais paradigmas buscam responder melhor essas questões. De acordo com o pensamento de Edgar Morin, o autor trata deste assunto como uma relação complexa e paradoxal que se caracteriza por considerar a vontade de gerir sua própria vida.

Dias, Mahiques e Cearreta (2012) destacam que o homem aparece como propósito da necessidade de gestão, uma vez que em sua ausência não seria necessária a ação desta atividade como forma de melhorar o uso e a exploração dos recursos; diante disso, no primeiro momento pode se pressupor como verdadeira a distinção entre o homem e a natureza. Independente desta situação, a natureza sem a presença do homem possui capacidade de se autogerir garantindo a sustentabilidade em curto, médio e longo prazos, possibilitando a sobrevivência das espécies ainda que com dificuldades e limitações advindas da exploração e do mau uso dos recursos.

Neste sentido, pode-se afirmar que os impactos ocasionados pela sociedade ao meio ambiente antecedem aos acontecimentos históricos, mediante variações no tempo. Anterior a isso, a relação homem-natureza caracterizava-se por ser única e harmoniosa, mas os anos foram se passando e conforme o homem foi se organizando em sociedade, a natureza foi sendo apropriada pelo mesmo, passando então a existir uma relação de intenso uso destrutivo (TALASKA; PUNTEL; SIMON, 2014).

As mudanças acarretadas pela ação do homem na natureza têm provocado preocupação em grande parte da população mundial, principalmente quando se trata

das questões ambientais. Diante desta situação, especialistas criam meios que possibilitam a sensibilização da população a respeito da problemática ambiental. Essas ações incluem seminários, congressos e conferências sobre o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, procurando enfatizar que os recursos naturais são finitos e o mau uso em excesso desses recursos poderá pôr em risco o futuro das novas gerações (OLIVEIRA; CORONA, 2008).

Para Silva (2007), o entendimento a respeito das questões relacionadas aos impactos provocados pelos sistemas produtivos e pelas atividades humanas sobre a natureza é necessário, porém é preciso que se faça um resgate da história da evolução tecnológica e científica, bem como de todas as pessoas e suas relações com a revolução industrial e o processo de urbanização.

Em se tratando da inserção do turismo no ambiente natural, e tendo em vista as ações destinadas à execução desta atividade, comprova-se a possibilidade de uso de áreas protegidas objetivando sua preservação. Isso se deve ao fato de que, quando esta atividade é percebida como planejada e organizada como um evento por exemplo, a mesma passa a valorizar o ambiente natural saindo da superficialidade comercial e passando para um nível que possibilite a reflexão e o reencontro do homem com a natureza (PINHEIRO; SOARES; AZEVEDO, 2010).

Não se pode olvidar que o turismo e o meio ambiente possuem uma estreita relação de dependência, na medida em que a atividade turística acontece e se concretiza em um ambiente, seja ele natural ou artificial, o qual, de certa forma, pode sofrer impactos negativos ou positivos em função da ação concebida.

## 1.2 TURISMO

O turismo tem se expandindo pelo mundo promovendo o deslocamento de um grande número de pessoas entre diversos países. Isso está associado a incontáveis motivos que variam sobre o tempo, possuindo grande potencial para transformação dos espaços. Machado e Alves (2014) afirmam que ao longo dos anos o turismo adquiriu importância significativa na atualidade, e isso fez com que os seres humanos passassem a vivenciar uma nova relação do tempo e do espaço, sendo considerada uma atividade complexa, que se caracteriza por ser um conjunto de interações e mudanças de aspectos econômico, ambiental, social, cultural e política.

O turismo caracteriza-se por se apresentar como uma atividade que vem crescendo muito nos últimos anos, transformando-se em uma das principais atividades econômicas do mundo. Além dos deslocamentos de pessoas de uma determinada origem ao destino desejado, o turismo desperta interesses distintos, como a procura pelo conhecimento de novas culturas, novas experiências de cunho histórico, espiritual e práticas religiosas, contato e vivência com diferentes modos de vida, práticas esportivas, conhecimento gastronômico, rural, dentre outros (MACHADO; ALVES, 2014).

Assim como milhares de pessoas em todo mundo planejam viajar, as comunidades receptoras também tendem a se preparar cada vez mais turisticamente com o objetivo de atrair e receber bem os visitantes (AZEVEDO, 2014). No âmbito dos aspectos operacionais e estruturais, Markovic, Pavic e Meszaros (2015) debatem que a procura pelo turismo pode se dar pelo interesse em conhecer lugares e culturas diferentes, além da possibilidade de novas experiências, aprendizados, possíveis mudanças no cotidiano e busca pelo lazer. É fato que, seja qual for o motivo, o turismo está relacionado aos deslocamentos de pessoas, e esses deslocamentos movimentam vários recursos, inclusive o financeiro.

Medeiros e Morais (2013) discutem o turismo como um setor que tem sido palco principal, nos últimos tempos, de grande expansão do desenvolvimento de novas ideias, ações e alternativas. Segundo os autores, o aumento da demanda vem crescendo em decorrência do aumento populacional e da enorme complexidade urbana, que tem sido instigado pelo capitalismo, bem como seus modos de produção. Por ser considerado secundário na escala de prioridades dos consumidores, o turismo não se encaixa no quesito das necessidades básicas e deixou de ser visto como um mero capricho.

Já Menezes e Nunes (2012) defendem que o turismo, sob um olhar sociocultural, deve ser entendido por meio da prática em contato com o local, vivência de experiências externas, identificação dos diferentes hábitos, costumes, sotaques, pensamentos, religião, culinárias, vestimentas e espaço.

Essa perspectiva corrobora com o pensamento de Marujo e Santos (2012), para os quais algumas ferramentas são importantes ao contribuir para a procura de novos lugares e culturas. A paisagem seria um dos elementos importantes para garantir maior interesse para o público em explorar e conhecer novos lugares e culturas. Um fator importante para a identificação dos possíveis elementos

relacionados a esses interesses baseia-se na observação comportamental dos visitantes em determinados locais a serem visitados.

Segundo a Organização dos Estados Americanos - OEA, o turismo é:

[...] o movimento migratório, até um limite máximo de 90 dias, seja internacional ou nacional, sem propósito de longa permanência e sem exercício de uma atividade ou profissão remunerada. O objetivo pode ser por prazer, comercial ou industrial, cultural, artístico ou científico. Não inclui viajantes que juridicamente entram no país, como é o caso dos passageiros de avião que permanecem nos aeroportos, seja por escala ou conexão ou outras linhas aéreas, nem o movimento unicamente de fronteiras (ZARDO, 2003, p. 7).

Em 2008, a Organização das Nações Unidas - ONU, por intermédio da Organização Mundial de Turismo - OMT, definiu o turismo como fenômeno social, cultural e econômico que envolve o movimento de pessoas para lugares fora do seu local de residência habitual, geralmente por prazer (PAKMAN, 2014). Contudo, o fato é que o conceito de turismo vem sofrendo alterações, pois, pelo fato de ser dinâmica, essa atividade vem sendo interpretada e utilizada nas mais diversas formas; e assim, em função das vertentes, é visível uma grande produção literário-acadêmica no campo da investigação.

Panosso Netto (2010) apresenta três distintas visões sobre o turismo: a visão leiga, a visão empresarial e a visão acadêmico-científica. A visão leiga aborda o turismo com fins de descanso, férias, viagem, etc. A visão empresarial considera as oportunidades de aumento de lucros financeiros advindos da venda de produtos e de serviços oferecidos aos viajantes. Para a visão acadêmico-científica, o turismo:

[...] está relacionado com possibilidade de inclusão social; desenvolvimento de ações para minimizar seus impactos negativos e maximizar os positivos; coleta de dados qualitativos e quantitativos; produção de conhecimentos críticos na busca de sua melhor compreensão; implantação de políticas públicas de turismo; estudos interdisciplinares que envolvam a sociedade em todos os seus aspectos econômicos, políticos, culturais, sociais e ambientais na busca de resolução de algum problema causado pelas viagens; análise e previsão de tendências de desenvolvimento do turismo (PANOSSO NETTO, 2010, p. 17).

A partir dessas visões, percebe-se que não há um consenso sobre uma definição única do turismo. Contudo, conforme Farias e Sonaglio (2013), considerando diferentes tipologias e definições do turismo, garantem que ele pode ser entendido e vivenciado de diversas formas, seja pelo turista ou pelas pessoas

que trabalham na área. Por meio dos diferentes olhares, constroem-se formas diversificadas de viver o turismo, seja econômico, ambiental ou sociocultural.

É fato que o crescimento populacional, o desenvolvimento das cidades e do comércio contribuíram para possíveis transformações nas atividades econômicas, nas relações sociais e nos valores relacionados à natureza. Contudo, é necessário que haja reflexões éticas a respeito das relações econômicas para que o seu desempenho aconteça da melhor forma possível e para que o ambiente possa ser mais bem utilizado e aproveitado de forma sustentável e correta, a fim de não causar grandes danos ao ambiente e aos que ali convivem (FRANÇA; ARAÚJO, 2010).

Em consonância com esse pensamento, Rodrigues (2012) diz que, levando em consideração o turismo na escala planetária, pode-se considerá-lo como um dos objetos de fundamental importância da globalização, estando, portanto, subordinado ao capital. Numa análise geral, novas tendências caracterizam o turismo contemporâneo, destacando-se entre elas a descentralização da gestão e a busca de cooperação e parcerias. Outra característica dessa prática está voltada para o dinamismo, em que se buscam novas estratégias para melhor atender o turista.

Duarte e Cortez (2015) alertam que, para que ocorra a atividade turística, muitos locais passam por adaptações estruturais a fim de fornecerem condições para a execução desse serviço. Como consequência disso, observa-se a ocorrência de possíveis mudanças em lugares que recebem considerados fluxos de visitantes, sendo que essas modificações visam a adequar a realidade da atividade local.

Geralmente, o turismo está agregado a fatores que possibilitam aos visitantes desfrutar das belezas, sejam elas naturais ou urbanas, e a paisagem tem um papel importante nessa atividade. Neste sentido, se não houver equilíbrio entre essa atividade, o meio ambiente e a comunidade, todos os envolvidos sofrerão as consequências desse impacto (SOUZA; ANDRADE; BRITO, 2013). Fadini et al. (2010) também apontam que a falta de equilíbrio entre a atividade turística e o ambiente pode acarretar impactos negativos ao meio ambiente, ocasionando prejuízos muitas vezes irreparáveis. Esses impactos podem estar relacionados aos recursos naturais, como por exemplo a água, o solo, as florestas, os animais e as plantas.

Topke e Vidal (2013) asseveram que se deve compreender o fato de o turismo gerar impactos prejudiciais ao meio ambiente. A atividade tem sido um artifício essencial para o desenvolvimento econômico de um país, trazendo

oportunidades e melhorias para as comunidades locais, permitindo possibilidades de movimentação dos recursos financeiros, bem como gerando renda e alternativas positivas para as pessoas.

No esforço participativo pela busca de soluções para os possíveis impactos que ocorrerão, Cessa e Soares (2013) dizem que deve haver um exercício consciente para aceitar a realidade de que a sociedade humana é parte fundamental do meio em que vive, devendo, assim, garantir-lhe maior proteção e cuidado. Fazendo um comparativo, então, entre o homem e as potencialidades dos recursos, é pertinente que se faça uma reflexão sobre a fragilidade do ambiente natural. Nesse aspecto, a noção de ética ambiental tem grande relevância, pois, para Malta, Mariani e Arruda (2015), a ética ambiental pode contribuir na resolução dos conflitos entre turismo e degradação ambiental; contudo, devem-se seguir normas que visem a diminuir os impactos ambientais ocasionados pela atividade turística.

Conforme Barros (2013), até as diretrizes de educação ambiental devem ser usadas como instrumento para a busca de soluções voltadas para os problemas ambientais causados pela atividade turística. Ainda, as políticas educacionais devem visar, também, à sensibilização dos cidadãos para que reflitam sobre o meio ambiente de forma consciente e participativa.

Entretanto, o turismo pode trazer contribuições positivas para uma determinada comunidade, como, por exemplo, o desenvolvimento econômico, a geração de renda, as oportunidades de emprego. Daí a importância da participação social no planejamento e na formulação de políticas públicas de sustentabilidade, que possam incentivar os cuidados com o ambiente, sensibilizar a população na sua conservação e respeito às normas de controle e uso dos espaços naturais.

### 1.3 TURISMO E OS CAMINHOS PARA MINIMIZAR OS IMPACTOS AMBIENTAIS

O turismo é considerado uma atividade capaz de gerar emprego e renda, e isso tem despertado grande interesse mundialmente, intensificando a exploração dos recursos ambientais. Neste sentido, os recursos da natureza são explorados de forma intensa e, normalmente, de maneira indiscriminada, sem levar em consideração o fato de eles serem renováveis ou não, o que pode estar relacionado à cultura consumista e individualista.

Dentro deste contexto, muito tem se discutido e questionado acerca do meio ambiente e a respeito das dinâmicas espaciais e sociais da humanidade nos últimos anos, fazendo com que o homem reflita sobre suas ações na busca por caminhos para a sustentabilidade. No que tange à atividade turística, é crescente a busca por práticas ligadas à natureza, ao ar livre, como os esportes de aventura, o ecoturismo e o turismo ecológico. Porém, essas práticas, se não realizadas de forma consciente, podem degradar o meio causando impactos ambientais muitas vezes irreparáveis (FARIA et al., 2010).

Para Moraes (2015), as paisagens naturais e a cultura local são os principais atrativos turísticos do país. Neste sentido, preservar a paisagem seria uma alternativa importante para que se estabeleçam parâmetros responsáveis e harmoniosos ao turismo, pois a paisagem é algo motivador para os visitantes. Um comportamento responsável com relação ao meio ambiente natural ou urbano contribui para tornar viável a atividade turística dando atenção específica aos aspectos naturais que envolvem as localidades.

Para Maia, Freitas e Portuguez (2012), o problema está nas viagens que envolvem um grande número de visitantes, o que acaba resultando no aumento do consumo dos recursos naturais, culturais, infraestruturais, entre outros. Somando esse consumo ao da população residente, o espaço sofre consideravelmente com a pressão social decorrente de sua abrangente funcionalidade. Neste caso, se houver mecanismos de controle, inicia-se (ou acelera-se) os processos de degradação ambiental e, neste sentido, deve-se conduzir a reflexão sobre os espaços onde essa atividade venha a ser inserida.

Segundo Silva e Souza (2013), o comportamento humano é complexo. Sendo assim, as aspirações, as decisões e as ações, individuais e coletivas, desenvolvidas pelo homem com relação ao ambiente podem ser avaliadas por meio de uma cuidadosa análise das atitudes, preferências, valores, percepções e imagens construídas pela mente humana.

Diante disso, os estudos das percepções ambientais dos homens de hoje caracterizam uma importante ferramenta que contribui para o processo de uma gestão eficaz e equilibrada do ambiente. Dentro desse contexto, define-se percepção ambiental como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o cidadão aprende a proteger e a cuidar do meio ambiente. Assim, cada indivíduo percebe, reage e responde de maneira diferenciada às ações sobre o



ambiente em que vive. O reflexo disso tudo é o resultado das percepções (individuais e coletivas) dos processos cognitivos, dos julgamentos e das expectativas de cada pessoa.

Diante do exposto, considera-se importante a implantação das atividades turísticas, educativas e de lazer em regiões que apresentem grandes potenciais turísticos e grande diversidade biológica. Essas regiões são consideradas aptas a se tornarem consideráveis ferramentas que direcionem esses ambientes para a sua preservação e conservação. A partir disso, deve haver um planejamento para a atividade turística em benefício das comunidades locais e, também, dos turistas, devendo ser considerada como fonte motivadora de novas experiências, trocas culturais e interação entre os turistas e a população da comunidade receptora (COSTA; SANTOS NETO; SILVA, 2014).

O registro de inúmeros acontecimentos conflituosos foi resultado de muitas providências exercidas em função da atividade turística que, possivelmente, acabam provocando efeitos negativos, portanto de difícil controle e reparo. Diante desses efeitos, o equilíbrio entre o desenvolvimento desta atividade e a proteção ambiental torna-se um grande desafio configurando a complexidade entre a relação do turismo e o meio ambiente (PINHEIRO; SOARES; AZEVEDO, 2010).

Segundo Feitoza e Gomez (2013), a noção de Pegada Ecológica do Turismo, proposta por S. Gössling, é um meio de mensurar os impactos ambientais do turismo em determinado destino, identificando o quantitativo de terras para colheita, pastoreio e corte de madeira, além de área de florestas e mar necessária para a absorção de emissões de carbono e, ainda, área para casas, construções, estradas e infraestrutura entre outras atividades de grandes impactos necessárias para suportar a atividade turística.

A conscientização e sensibilização juntamente com as possíveis mudanças de atitude da população envolvida podem ser agregadas a disponibilização de informações capazes de constatar para sociedade os problemas ocasionados pelo mau uso dos recursos presentes no meio ambiente. Diante disso, evidencia-se o papel de ferramentas para avaliação dos impactos do turismo em destinos turísticos, como é o caso do *Tourism Ecological Footprint Method* ou Método da Pegada Ecológica do Turismo.

Na tentativa de minimizar os problemas relacionados a esta estreita relação entre o turismo e meio ambiente é importante conceber a prática de reflexões e

discussões sobre os impactos advindos desta atividade, sejam eles positivos ou negativos, propondo ações para minimizar principalmente os impactos negativos, aprimorando os impactos positivos e evidenciando que a atividade turística pode trazer, sim, impactos negativos, mas que também pode ser vantajoso o desenvolvimento dessa atividade.

Assim sendo, é uma atividade que deve acontecer de forma bem planejada, bem implementada e conduzida de forma responsável e ética. Para tentar resolver esta questão é necessário um estudo de forma minuciosa que determine ações com objetivo de diminuir ao máximo esses problemas, e para que isso ocorra com sucesso são necessários estudos que busquem minimizar a degradação ambiental das comunidades receptoras. Para esta ação é importante e necessário o apoio de vários profissionais de diversas áreas para o melhor entendimento e planejamento de ações voltadas para educação ambiental que contemplem a população local e do entorno, bem como visitantes e empreendedores do turismo (MACHADO; ALVES, 2014).

Rocha e Zouain (2015) defendem a importância de se desenvolver a percepção socioambiental, pois esta pode ser usada como ferramenta de educação ambiental, contribuindo na defesa do meio ambiente, fortalecendo a ligação entre o homem e a natureza, sensibilizando para os cuidados e despertando valores que levarão ao respeito para com o planeta. Desta forma, poderão ocorrer melhorias na qualidade de vida para gerações futuras.

Diante do exposto, o turismo precisa gerir os esforços para estabelecer práticas ambientais sustentáveis devido à sua relação de proximidade ao meio e a necessidade de mantimentos de boas condições ambientais, além do interesse em manter as características culturais tradicionais das comunidades.

Neste sentido, sendo o turismo considerado uma atividade que causa impactos sobre o ambiente, por outro lado, ele poderá sofrer alterações em decorrência dessas mudanças, uma vez que os recursos naturais são utilizados como opções para atrações turísticas. Dessa forma, se tais áreas forem degradadas, danificadas ou extintas, todas as ações e estruturas constituintes do produto turístico que estejam voltadas para esta atividade poderão sofrer prejuízos (MACHADO; ALVES, 2014).

Segundo Medeiros e Morais (2013), em muitos casos, os impactos negativos do turismo com relação ao meio ambiente natural acabam superando os impactos

positivos causados pelo mesmo; como exemplo desses impactos pode-se citar a poluição sonora ocasionada pelo aumento do fluxo de turistas e, em consequência disso, o aumento de resíduos sólidos, alteração de ecossistemas frágeis, ameaça a perda da biodiversidade, compactação dos solos resultante do pisoteamento da cobertura vegetal e do solo, aceleração de processos erosivos, evasão da fauna nativa, entre outros.

Em vista disso, é importante que sejam adotados alguns cuidados para que a atividade turística alcance bons resultados, do contrário, resultados irreversíveis podem prejudicar os ambientes de visitação, já que esta modalidade turística busca ambientes conservados e mais próximos do natural possível. Para Lima e Silva (2011), a Gestão Ambiental oferece ferramentas que proporcionam melhores condições ambientais e sociais à prática das atividades turísticas. O desenvolvimento de atividades que buscam benefícios para as unidades receptoras e para os turistas, bem como a conservação do ambiente, requer um planejamento que envolve diversos setores, públicos e privados e, também, a comunidade.

No geral, o turismo pode acarretar riscos ambientais. Diante disso, os autores afirmam que nos locais onde há atividades voltadas para o turismo, existe degradação do meio ambiente. Sendo assim, o turismo pode, realmente, impactar negativamente o ambiente receptivo, oferecendo riscos não apenas ambientais como também sociais e culturais, principalmente se não existir um planejamento para tais atividades. Além disso, deve-se existir também uma conduta consciente por parte dos turistas, visando respeitar a cultura e a economia local (PINTO; COSTA, 2012).

Segundo o Artigo 1º da Resolução nº 001/86 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), Impacto Ambiental é:

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas, biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que afetem diretamente ou indiretamente:

- A saúde, a segurança, e o bem-estar da população;
- As atividades sociais e econômicas;
- A biota;
- As condições estéticas e sanitárias ambientais;
- A qualidade dos recursos ambientais (CONAMA, 1986, p.1).

Sendo assim, destaca-se a importância de que se tome algumas medidas para minimizar o impacto ambiental. Neste caso, a educação ambiental pode ser uma alternativa para proteger os recursos naturais da degradação, formando cidadãos conscientes da necessidade de preservação (OLIVEIRA; SANTOS, 2012). Para Medeiros e Moraes (2013), o turismo sustentável caracteriza-se da seguinte forma:

[...] o turismo sustentável é composto pelas pilastras que formam o tripé do desenvolvimento sustentável: eficiência econômica, justiça social e prudência ecológica, através disso as organizações associadas, o trade, também vem buscando uma série de normas e diretrizes para o desenvolvimento e administração da atividade turística. O desenvolvimento do turismo de forma sustentável é um grande paradigma, encarado como um desafio por especialistas na área, pois o crescimento descontrolado, muitas vezes visto como desenvolvimento de um destino turístico pode levar ao esgotamento dos recursos naturais, assim como, a descaracterização cultural e desequilíbrio social (MEDEIROS; MORAES, 2013, p. 215).

O termo turismo sustentável surgiu ao final dos anos 1980 chamando a atenção para a modalidade do turismo de massa e seu conceito não é bem definido, deixando espaço para múltiplas interpretações (LINHARES; GARRIDO, 2014).

Para Silveira e Morelato (2011), a expansão do turismo não planejado e sem manutenção regular pode se tornar predatória, depreciando os atrativos, acarretando modificações nas paisagens e transformando o patrimônio em mercadoria de consumo. Sendo assim, a associação do turismo com a sustentabilidade tem ganhado importância no âmbito dos estudos acadêmicos e das discussões a respeito do referido tema.

Neste sentido, Moura-Fé (2015) afirma que todo patrimônio natural, onde quer que seja, deve ser protegido a fim de que não se perca, porém isso só se dará mediante o reconhecimento e a valoração dos recursos que devem passar pelo processo de planejamento para um turismo sustentável. Segundo Soares e Lopez (2015), para um planejamento turístico sustentável é necessário tornar a comunidade local mais participativa diante dos benefícios advindos da atividade turística, visando não apenas integrar a comunidade no meio, mas também proporcionar a oportunidade de os próprios locais criarem seu negócio de forma que os mesmos possam gerir o seu micro empreendimento.

Desta forma, o turismo agrega grande benefício para a comunidade, sendo que, neste caso, toda a renda gerada pelo turismo permanece na própria comunidade. Ficando, assim, a comunidade local detentora do conhecimento do

meio em que vive, das atividades que desempenha, das possibilidades e das limitações encontradas no seu entorno; desta forma, a sustentabilidade ganhará mais força.

Dentro deste contexto, Medeiros e Moraes (2013) reconhecem que para a implantação de um turismo sustentável é necessário o desenvolvimento de atividades que exponham em todos os seus momentos a consciência humana e seu efeito. De acordo com os autores, é inevitável afirmar que não existem consequências negativas de práticas galgadas em visões simplesmente econômicas, mas também no que tange as questões ambientais, principalmente havendo reconhecimento da limitação dos recursos naturais a serem explorados por essa atividade. De mesmo modo, não se pode excluir o vínculo humano com sua cultura, tradições e história colocando abaixo o cenário e a organização social constituída pela tão distinta sociedade contemporânea.

O presente estudo foi desenvolvido na Serra do Tepequém, no município de Amajari – RR, e teve como objetivo principal identificar os impactos ambientais na Serra do Tepequém – RR na percepção dos atores locais, em função do uso dos recursos naturais na atividade turística. A pesquisa envolveu a análise de dados obtidos sobre turismo, meio ambiente e os impactos ambientais que esta atividade pode estar ocasionando nesta região.

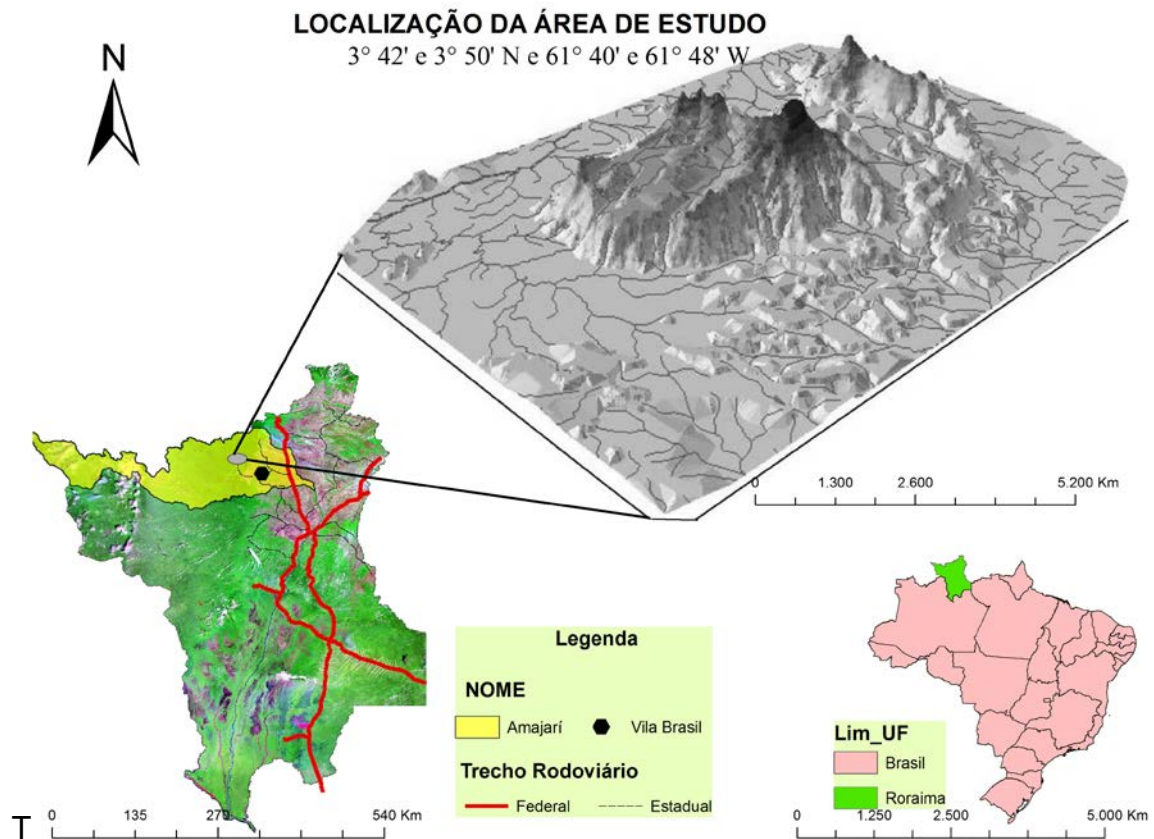
#### 1.4 AMAJARÍ E TEPEQUÉM: UMA BREVE DESCRIÇÃO

A Serra do Tepequém é um espaço geográfico pertencente ao município de Amajari, o qual está localizado ao norte do Estado de Roraima. Roraima, por sua vez, está localizada ao norte do país, fazendo fronteira com a Guiana Inglesa e com a Venezuela. O potencial do Estado se destaca pela presença de cachoeiras, corredeiras, serras, zonas de florestas e savanas e rios de águas claras, constituindo, portanto, boa opção para apreciação da natureza (ARANTES *et al.*, 2013).

Amajari (Figura 1) fica a 158 km da capital Boa Vista, possuindo uma área de 28.472 km<sup>2</sup>. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a população dobrou nos últimos 14 anos, passando de 5.294 em 2000 para 10.721 habitantes em 2014. Segundo Neto e Senhoras (2015), com o fim do garimpo houve um esvaziamento populacional no Amajari, fazendo com que grande

parte dos garimpeiros fossem residir na capital Boa Vista; porém, uma minoria permaneceu executando outras atividades como a agropecuária.

Figura 1 – Mapa de Amajarí com destaque para a foto de satélite da Serra de Tepequém



Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

Anteriormente chamada de vila, o município de Amajarí foi fundado em 17/10/1997, decorrente da união de várias vilas, como a do Paiva e Trairão, além de três projetos de assentamentos, como Amajarí, Bom Jesus e Ametista, e, ainda, de um total de 18 comunidades indígenas (CUNHA et al., 2015).

O primeiro morador, Sr. Brasil, chegou em 1975. A economia do município se baseia na agricultura, com a produção de milho, mandioca, banana, cana-de-açúcar e arroz. Possui potencial para a cultura de café, dispendo também de pontos favoráveis para o desenvolvimento da piscicultura, além do turismo como a Serra do Tepequém (CUNHA et al., 2015).

O nome Serra do Tepequém se origina das palavras indígenas “Tupã queem”, que significa “Deus do fogo”, por estar localizado sobre um vulcão extinto há milhares de anos. Diz uma lenda regional que esse vulcão era zangado e queimava

as roças das comunidades indígenas próximas, e só foi abrandecido com a oferenda de três lindas índias virgens, cujas lágrimas se tornaram diamantes (NASCIMENTO; LIMA; SILVA, 2014).

Mais tarde, Robert Hermmam Schomburgk (1804-1865), explorador britânico, visava ao mapeamento das fronteiras do Brasil e usou a palavra *top* para se referir às serras. Para a maior que encontrou, denominou *serra-rei* que em inglês se escreve *Top-King*; na linguagem dos caboclos passou a ser *Tepe-quém* (NASCIMENTO; LIMA; SILVA, 2014).

A década de 1930 foi marcada pelo aparecimento dos primeiros garimpeiros que seguiam saindo de seus locais de origem com o intuito de buscar ouro e diamante. No ano de 1990, por meio do decreto de Lei Federal, o garimpo foi proibido em virtude dos grandes impactos ambientais causados pela mineração na natureza e considerados até irreparáveis (GHEDIN *et al.*, 2011).

Durante os anos de 1950, 1960 e 1970, a Serra do Tepequém, localizada a 213 km da capital Boa Vista, foi marcada pela disputa de um forte modelo econômico, descontrolado e concentrador de riquezas, tendo como atividade principal o garimpo. Esse fato pode ser facilmente observado pelas grandes e notáveis transformações ocorridas ao ambiente daquela localidade como, por exemplo, a cachoeira do Funil, que desenvolveu um novo formato após um grande número de explosões de diamantes feitas por garimpeiros. O fim desse ciclo se deu na década de 1990 (RODRIGUES; VIEIRA, 2009).

Por descumprimento da Lei Federal que proíbe o garimpo no Estado de Roraima, e por outras razões que dizem respeito às dificuldades enfrentadas pela população local de cultura garimpeira, foi aprovada, em 2001, pelo Congresso Nacional, uma lei complementar que autorizou aos residentes o garimpo de forma manual, o que causa menos danos ao meio ambiente (GHEDIN *et al.*, 2011).

A Serra do Tepequém foi palco central do período econômico mais importante do Estado de Roraima, caracterizando-se pela grande exploração de minérios, como ouro e diamantes, a alteração do curso dos igarapés, fenômeno causado pela lavra, por restos de maquinários, automóveis e outros equipamentos deixados naquele local e que registram a história daquela região. Muitos moradores antigos contam como ocorreu a transformação que sofreu a Serra e falam, também, do desaparecimento dos peixes e de espécies que existiam somente ali (NASCIMENTO; LIMA; SILVA, 2014).

A Serra do Tepequém é uma área de 70 km<sup>2</sup> situada no centro de uma bacia fechada com altitude de 575 a 1.100 metros, com uma paisagem composta de savanas estépicas e floresta ombrófila densa. O clima é predominantemente quente e úmido, e a altitude é de, aproximadamente, 1.200 metros acima do nível do mar (BESERRA NETA; TAVARES JÚNIOR; COSTA, 2014).

Por possuir grande potencial turístico, o que se caracteriza pelas belezas naturais encontradas nesta região, a Serra do Tepequém passa lentamente pelo processo de turistificação. A chegada do asfalto contribuiu para aumentar e fortalecer o fluxo de turistas nessa localidade. Contudo, se a atividade ocorrer de forma desorganizada, a comunidade poderá não conseguir absorver o fluxo de turistas, com oferta de serviços e de espaço, o que pode acontecer se a capacidade de carga for superior à possibilidade de suporte. Neste sentido, podem ser gerados impactos ambientais que resultarão em degradações irreparáveis nos espaços afetados, o que hoje já pode ser facilmente presenciado por visitantes e pesquisadores (RODRIGUES; VIEIRA, 2009).



## 2 OBJETIVOS

Com o intuito de responder ao questionamento desta pesquisa, foram elaborados os objetivos abaixo.

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar os impactos ambientais na Serra do Tepequém – Amajari/RR, na percepção dos atores locais, em função do uso dos recursos naturais na atividade turística.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- identificar os atores sociais envolvidos com o turismo, bem como seus interesses e preocupações prioritárias;
- identificar quais são os principais atrativos turísticos da Serra do Tepequém;
- inventariar as atividades turísticas que fazem uso da natureza;
- identificar os efeitos sobre o ambiente em função do turismo; e,
- apontar diretrizes que podem ser consideradas em futuras propostas de gestão ambiental.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracterizou-se como qualitativa e quantitativa, pois, segundo Minayo (2010), nestes estudos é importante destacar que na comparação de ambos os métodos não se deve priorizar um sobre o outro, e sim buscar entender que cada um pode contribuir e tem seu lugar, papel e adequação, trazendo, portanto, entendimentos relevantes e complementares, devendo oferecer melhor compreensão do fenômeno.

Corroborando com esta afirmação, Souza et al. (2013, p. 15) afirmam que “a pesquisa quantitativa utiliza-se de parâmetros estatísticos, para analisar os dados. Tudo é transformado em números, e a pesquisa qualitativa usa a subjetividade que não pode ser traduzida em números”. O uso de procedimentos quanti-qualitativos nos estudos surge devido à necessidade de relacionar dados numéricos ou estatísticos, bem como as informações obtidas por meio de dados documentais (CRESWELL, 2007).

A pesquisa é descritiva, pois, de acordo com Andrade (2007, p. 114), nela “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”. Além disso, correlacionam-se fatos e fenômenos (variáveis) sem manipulá-los (CERVO; BERVIAN, 2002).

No que diz respeito ao levantamento de dados, foram utilizados o levantamento bibliográfico e documental. A modalidade bibliográfica visa levantar, no meio científico, artigos e publicações com finalidade de esclarecer o conhecimento do campo da pesquisa (THIOLLENT, 2008). Neste estudo, mais especificamente, foram utilizados trabalhos científicos de diversas fontes, como artigos, teses, periódicos e livros. As buscas foram realizadas em bancos de dados, como o Portal de Periódicos da Capes, Scielo e Google Scholar.

A modalidade documental contribuiu para a identificação e análise de documentos oficiais referentes à gestão e ao planejamento público acerca da atividade turística na região da Serra de Tepequém. Foram utilizados, também, documentos oficiais como, por exemplo, relatório da Fundação Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – FEMARH (ANEXO A), bem como relatório de Gestão do Município de Amajari referente ao ano de 2014, atos administrativos, estatísticas, planos e dispositivos, normativos arquivos públicos, arquivos privados e planejamentos.

Para complementar, foram utilizados dois tipos de instrumentos de coleta de dados primários: entrevista e questionários. Nas entrevistas, foram consultados atores locais (comunidade local, setor público e privado e terceiro setor) ligados diretamente com o desenvolvimento da atividade turística em curso na Serra do Tepequém. Com o instrumento, buscou-se analisar os impactos ambientais decorrentes da atividade turística.

Para iniciar esta etapa, foi necessário, primeiramente, realizar uma observação geral visando conhecer a realidade local, conhecer um pouco da história, do comportamento e da dinâmica social envolvendo todos os atores. As informações foram obtidas através de leituras de artigos, livros, jornais, *homepages* e conversas informais com pessoas que moram, frequentam ou já frequentaram o local, representantes de secretarias municipais e com membros da comunidade em geral.

Diante disso, foi feito o levantamento de informações através da observação participante. A aplicação das entrevistas foi conduzida, primeiramente, por uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa. A entrevista foi estruturada com perguntas abertas e realizadas no mês de agosto de 2016. As análises das interpretações foram baseadas nos trabalhos científicos citados no referencial teórico, nas observações e na vivência em campo que possibilitaram o contato direto com os entrevistados.

Foi realizado um total de 10 entrevistas com empreendedores que envolvem os donos de pousadas, restaurantes e comerciantes da Vila Paiva, centro turístico e dois representantes de órgãos públicos envolvidos com a comunidade e com o turismo local. A entrevista visou identificar os impactos ambientais da Serra do Tepequém segundo a visão dos atores, bem como as atividades turísticas que fazem uso da natureza, os interesses e as preocupações prioritárias, dentre outros pontos que serão analisados neste estudo para melhor entendimento a este complexo de informações (ANEXO B).

Os questionários, por sua vez, foram destinados aos moradores da Vila do Paiva e aos turistas (ANEXO C, D). Este instrumento foi distribuído conforme o sistema de amostragem probabilística estratificada. Antes da aplicação definitiva dos questionários, foi realizado um pré-teste para verificar as falhas no instrumento, a clareza das perguntas, o tempo de resposta e o interesse dos respondentes pelos temas abordados, como também para nortear o dimensionamento da amostra.

Essa amostra é considerada uma técnica apropriada para alcançar a representatividade do universo ou da população em estudo (OLIVEIRA, 2008). Como o censo do IBGE (2010) aponta que a vila do Tepequém possui cerca de 116 habitantes, decidiu-se aplicar 90 questionários destinados aos moradores e 40 destinados aos turistas no período de agosto de 2016.

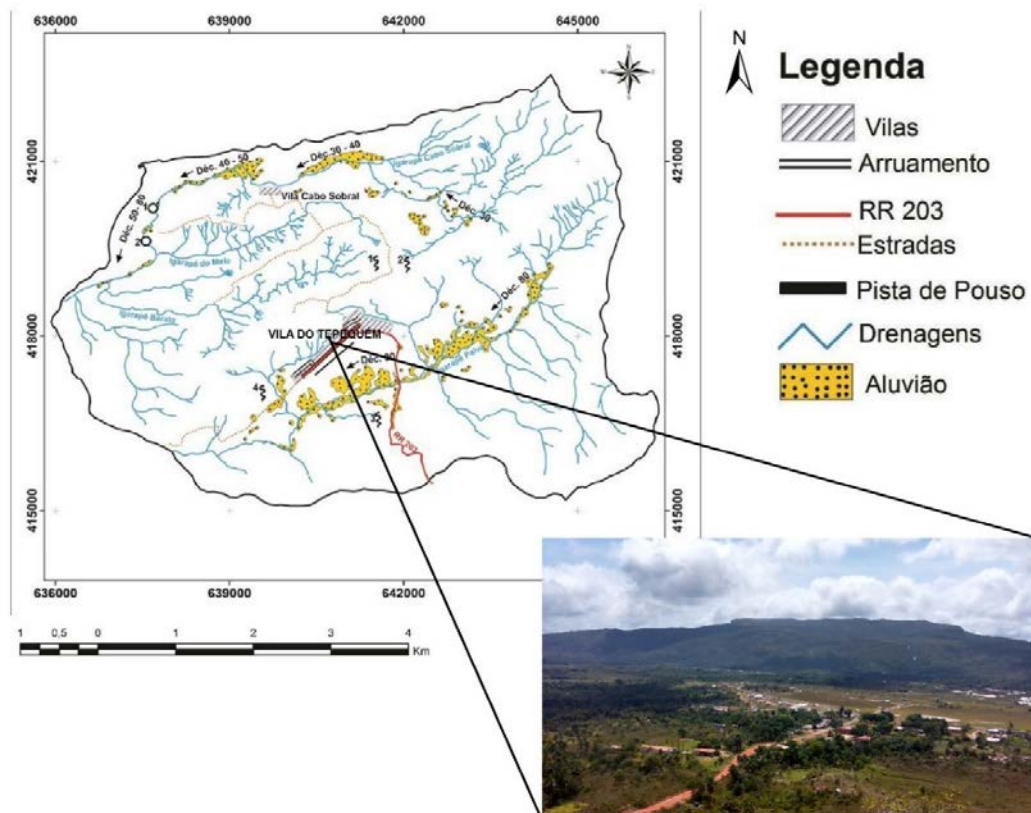
O instrumento foi elaborado com perguntas fechadas, semiestruturadas e de múltipla escolha, onde o respondente, em algumas questões, teve a opção de marcar mais de uma alternativa, justificando os dados obtidos em que a soma ultrapassa 100%. O objetivo deste instrumento foi identificar os problemas ambientais em função do turismo, na visão dos atores locais. Também objetivou a obtenção de informações junto aos turistas e moradores a respeito dos atrativos, aspectos positivos e negativos relacionados ao turismo e ao meio ambiente na Serra do Tepequém. Os questionários para turistas foram aplicados em pousadas, restaurantes e lanchonetes; já os questionários para moradores foram aplicados nas residências da Vila do Paiva. Tanto os questionários quanto as entrevistas foram os de Barbosa (2003), já validado, realizando-se apenas adaptações, conforme anexo.

A pesquisa foi realizada mais especificamente na Vila do Tepequém, visto que é o local com maior número de residências e empreendimentos, o que contribuiu para que se pudesse chegar a um percentual proporcional ao total do número de moradores (Figura 2).

O mapeamento dos atrativos turísticos foi baseado nas informações disponíveis em sites na internet, panfletos e guias turísticos da própria região, bem como informações dos atores e da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima - SEPLAN e observação do pesquisador.

Para o inventário e levantamento das atividades turísticas da Serra do Tepequém foram utilizadas as informações das Secretarias de Planejamento do Estado, assim como do município de Amajari e, ainda, informações encontradas em panfletos de divulgação, sites da internet, propagandas e matérias publicadas em jornais, revistas, programas de televisão, levantamento de informações com guias turísticos e funcionários de operadoras de turismo locais, entre outras fontes que estiveram acessíveis. As diretrizes propostas foram feitas a partir da identificação dos potenciais problemas ambientais encontrados em decorrência da atividade turística e da análise de publicações de experiências exitosas em regiões do Brasil.

Figura 2 – Mapa de localização da concentração desta pesquisa



Fonte: Adaptado de Cunha (2013).

Foi construída, ainda, a matriz de SWOT, que se caracteriza, segundo Mirely e Virginio (2014), como uma metodologia adequada para realizar estudos voltados para o meio ambiente, podendo, através deste, realizar coleta de dados do ambiente interno e externo. Sendo assim, SWOT tem como significado: *Strengths*/Forças, *Weaknesses*/Fraquezas (ambiente interno), *Opportunnities*/Oportunidade, *Threats*/Ameaças (ambiente externo).

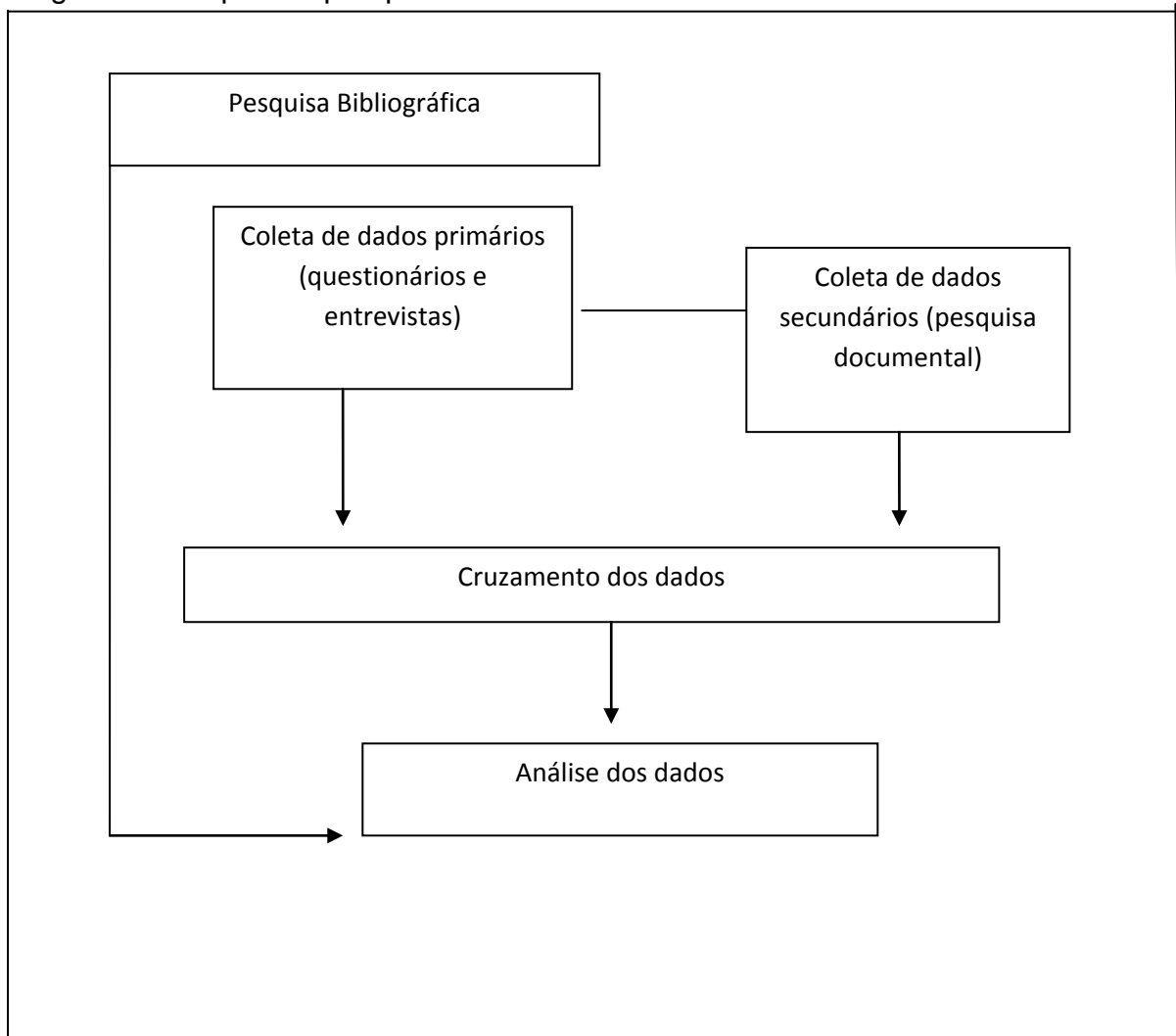
A matriz foi realizada de acordo com os resultados achados mediante visitação, observação *in loco*, resultados obtidos após aplicação de questionários com moradores e entrevistas com empreendedores da região. Esta análise teve como objetivo enriquecimento e concentração das informações. Quanto aos pesquisados, os moradores, empreendedores e turistas foram abordados em residências e estabelecimentos, sendo convidados a participar desta pesquisa.

De posse dos dados obtidos, foram feitos os cruzamentos e as análises das informações, relacionando os dados qualitativos extraídos do levantamento documental e das entrevistas, e os dados quantitativos extraídos dos questionários. Os programas Microsoft Excel e o IBM SPSS Statistics foram utilizados como

ferramenta de apoio para obtenção dos dados em termos percentuais para o tratamento estatístico. Os dados foram inseridos nos programas no período de dezembro a janeiro para posterior análise.

Na parte qualitativa foi feita análise de conteúdo, a qual se organiza em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2006). A partir do cruzamento dos dados, da análise e das discussões das informações, foi possível chegar aos resultados dos objetivos propostos no projeto de pesquisa. Assim, o presente estudo seguiu as etapas descritas na Figura 3.

Figura 3 – Etapas da pesquisa



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O turismo atual, como atividade econômica, gera a produção de bens e serviços para pessoas que buscam deslocar em função de atender diversos tipos de necessidades, e tem capacidade de interferir no espaço geográfico. Segundo Feitosa e Gómez (2013), o turismo pode acarretar impactos positivos e negativos; como impactos positivos pode-se observar o crescimento econômico, a geração de emprego e renda, bem como a possibilidade de proporcionar ações voltadas para a preservação ambiental e a disseminação do conhecimento. Quanto aos impactos negativos, de modo geral, Michelin e Filho (2015), consideram o turismo como uma atividade dinâmica, podendo gerar impactos que podem ser modificados constantemente.

Estes impactos podem ser de aspectos econômicos, culturais, sociais e ambientais, e, dentre os impactos econômicos, fala-se daqueles que estão relacionados aos gastos dos visitantes e a geração de emprego, por exemplo. Quanto aos impactos socioculturais estão relacionadas as relações entre visitantes e visitados no que tange a aceitação ou não do turismo pela comunidade. Sobre os impactos ambientais pode-se perceber a degradação dos recursos naturais ocasionados, geralmente, pela ação do homem.

Para Arantes *et al.* (2013), a Serra do Tepequém é considerada um dos principais pontos turísticos localizados próximo da capital Boa Vista e que recebe muito visitantes. Segundo os autores, o turismo vem crescendo desde a década de 1990 e destacando-se como um dos principais impulsionadores para a economia local. A partir da identificação da potencialidade turística do local já é possível observar que houve, nos últimos anos, o surgimento de novas empresas na região, como por exemplo a instalação de pousadas, restaurantes, entre outros recursos turísticos disponibilizados, especialmente, para atender a crescente demanda de visitantes.

Para Arantes *et al.* (2013), a Serra do Tepequém ficou conhecida pelo garimpo de pedras preciosas em meados das décadas de 30 e 70 do século passado. Ainda de acordo com os autores, o topo da serra é constituído por um imenso vale por onde atravessam os rios Sobral e Paiva. Segundo Michelin e Filho (2015), com a proibição do garimpo, o turismo surgiu na comunidade como uma alternativa para o desenvolvimento econômico, fazendo com que houvesse incentivo

para que o acesso ao local fosse asfaltado, pois no período do garimpo o acesso era de terra, tornando-se quase impossível chegar até a vila. O turismo na localidade se instalou após a decadência do garimpo e, deste modo, a região passou a exercer outras atividades econômicas (ALVES; BESERRA NETA, 2015).

Sobre o acesso, é possível chegar até a serra por via terrestre através da BR 174. Chegando até o quilometro 100, seguem mais 50 km até o município de Amajari, na BR 203; daí em diante para chegar até a Vila de Tepequém é preciso percorrer mais 100 km em estrada pavimentada (GHEDIN, 2006). A rodovia estadual foi pavimentada em 2008, sendo possível percorrer 250 km em 2 horas e 30 minutos, o que ocasionou o aumento do fluxo de visitantes no local (MARTINS, 2014).

No caminho para a serra é possível observar que a paisagem vai se modificando a cada quilômetro (Figura 4). O lavrado e os igarapés encontrados no percurso vão, aos poucos, cedendo espaço para a mata fechada (ARANTES *et al.*, 2013).

Figura 4 – Vista da subida da Serra de Tepequém



Sobre o acesso, observou-se que já há a necessidade de reparos e de manutenção na via em decorrência de possível desgaste por conta do tempo e do aumento do fluxo de visitantes. Durante a subida à serra, é possível apreciar a beleza de uma exuberante paisagem vista de cima, bem como a sensação de um clima agradável (Figura 5).



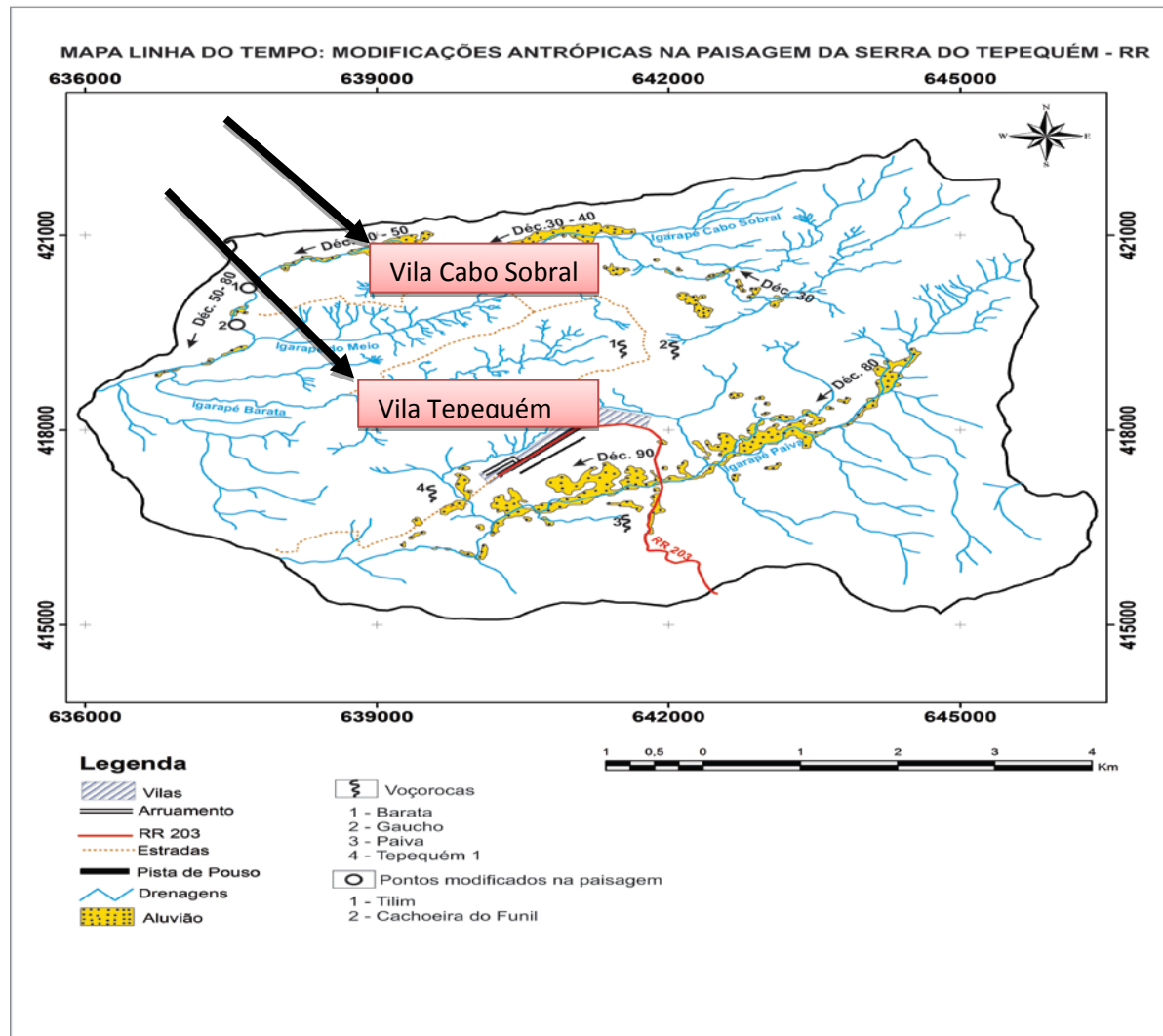
Figura 5 – Estrada de acesso à Serra do Tepequém



A Serra do Tepequém destaca-se por possuir belezas naturais, tais como cachoeiras, flora e fauna singulares. A flora do Tepequém é constituída por savanas de vegetação ombrófila. Durante o percurso de subida é possível avistar a presença de ipês amarelos, flores do campo e grande variedade de outras espécies de plantas como, por exemplo, as orquídeas (PARNAÍBA; BEZERRA; CAVALCANTE, 2011). Nascimento, Lima e Silva (2014) afirmam que a região do Tepequém está localizada em uma zona em que a vegetação varia entre campos e florestas que, geograficamente, situam-se ao norte entre os rios Amajari, e ao sul entre a ilha de Maracá (Figura 6).

Os dados do Departamento de Turismo da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (RORAIMA, 2013) apontam que a Vila do Tepequém se encontra localizada a noroeste do município, entre as coordenadas geográficas N 3° 51'30" / W 61° 45' 69" e N 3° 40'10" / W 61° 36'45" próximo à fronteira com o país vizinho (Venezuela). Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2010, a Serra do Tepequém é composta por 116 habitantes distribuídos entre a Vila do Paiva e a Vila do Cabo Sobral.

Figura 6 – Mapa da região do Tepequém



Fonte: Adaptado de Cunha (2013).

Segundo Beserra Neta e Alves (2015), a Vila do Paiva, bem como a Vila do Cabo Sobral, iniciou seu processo de ocupação a partir de uma pequena pista de pouso de aviação, construída para atender as necessidades das atividades do garimpo em decorrência da extração de ouro e diamante estabelecidas na região em 1937. A partir de então, a localidade ficou marcada como sendo a principal atividade econômica, sendo desenvolvida ao longo das margens dos rios Paiva e Cabo Sobral.

A Vila do Paiva está localizada a 250 km da capital Boa Vista e dispõe de: uma escola municipal, um posto de saúde, associação de moradores, uma pista de pouso, pousadas e área de camping (GHEDIN, 2006). Na Figura 7 vê-se a principal avenida pavimentada da Vila do Paiva e as residências dos moradores mais antigos.

Esta avenida dá acesso a um dos principais atrativos turísticos da Serra: a Cachoeira do Paiva.

Figura 7 – Avenida principal da Vila do Paiva



Na Figura 8 é possível ver as fotos da única escola pública e do posto de saúde, ambos localizados na avenida principal, sendo que a escola atende alunos do ensino fundamental.

Figura 8 – a) Escola Municipal e b) Unidade de Saúde



#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS COM O TURISMO

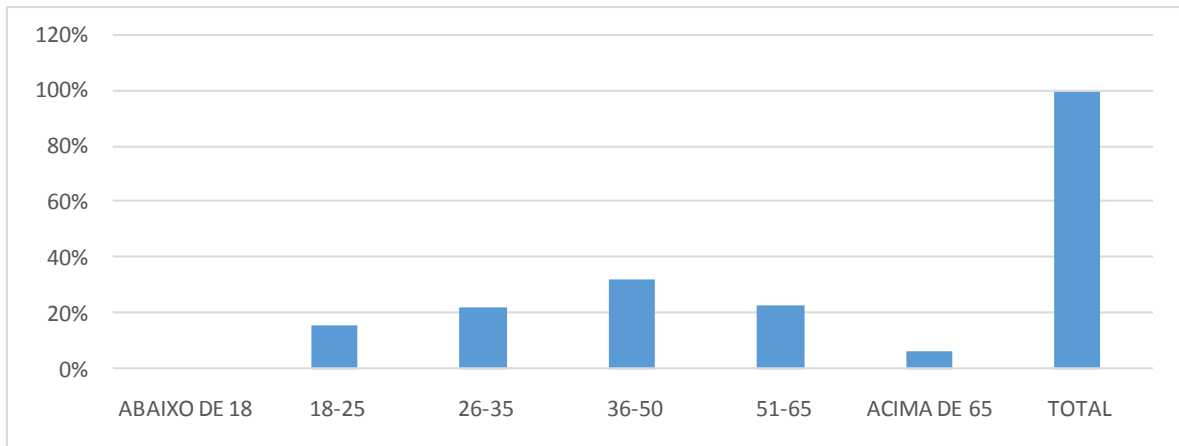
De acordo com Nascimento, Lima e Silva (2014), os primeiros moradores da Serra do Tepequém eram chegados do Nordeste, Mato Grosso, Goiás e Pará; além desses migrantes haviam, também, aqueles vindos da Venezuela para trabalhar no garimpo. Atualmente, a comunidade da Vila Tepequém é formada por ex-garimpeiros e indígenas, bem como por moradores da capital Boa Vista que frequentam a vila nos finais de semana por possuírem casas e empreendimentos no local (MICHELIN; FILHO, 2015).

Segundo Rodrigues e Vieira (2009), a facilidade de acesso à Serra do Tepequém trouxe intenso fluxo de turistas até a comunidade de forma desorganizada, fazendo com que a comunidade local apresentasse dificuldades em oferecer os serviços necessários para o visitante. Quanto à questão da ocupação de terras, os autores ressaltam que muitos empresários do ramo imobiliário começaram a comprar terras. Um fato citado na pesquisa é que há, também, muitas invasões por parte dos interessados que logo acabam vendendo as terras. Para os autores, essas foram algumas das transformações que ocorreram com a intensificação do turismo na região, além de outras mudanças de cunho social, econômico e ambiental.

Para esta pesquisa, identificaram-se os atores locais envolvidos direta e indiretamente com o turismo, sendo eles: moradores, empreendedores e representantes de instituições públicas. Os que fizeram parte da amostra foram 90 moradores e dois representantes institucionais, além de um total de 40 turistas.

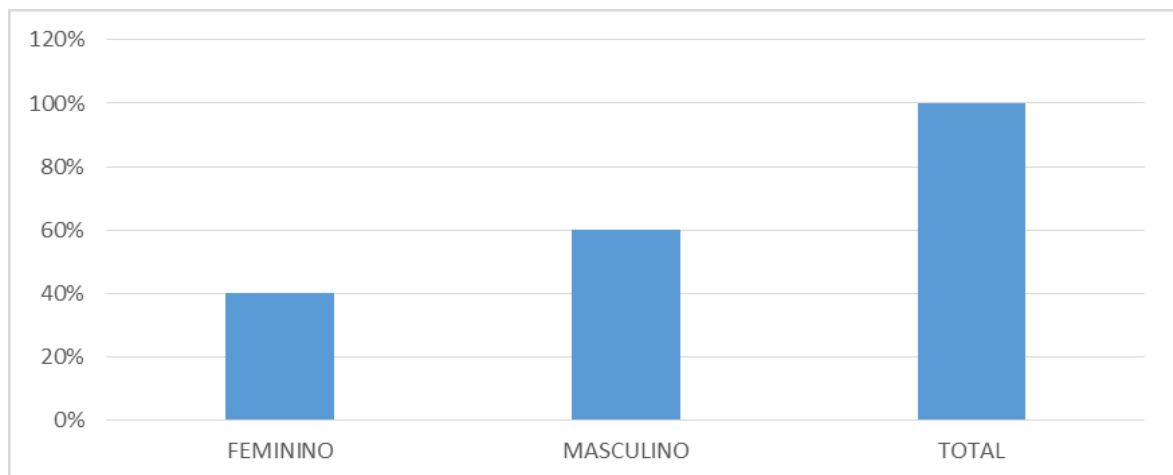
Para o grupo de 90 moradores participantes, o percentual da faixa etária do grupo foi de 36 a 50 anos (32,2%). Já a classe de 51 a 65 anos foi de 23,3%, na classe de 26 a 35 anos foi de 22,2%, entre 18 e 25 anos foi de 15,6% e acima de 65 anos foi de 6,7%, como mostra a Figura 9. Observa-se que o maior percentual dos respondentes indica um grupo de pessoas de meia idade.

Figura 9 – Faixa etária dos moradores que participaram da pesquisa



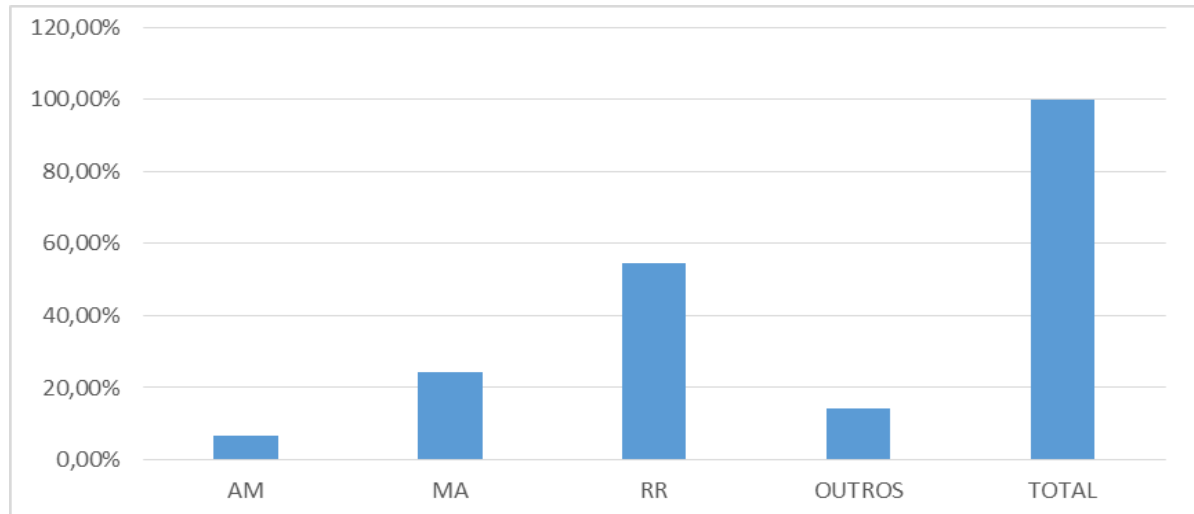
Quanto ao gênero, 60% dos respondentes foram do sexo masculino e 40% do sexo feminino, o que pode ter alguma relação com atividade do garimpo (Figura 10).

Figura 10 – Gênero dos moradores



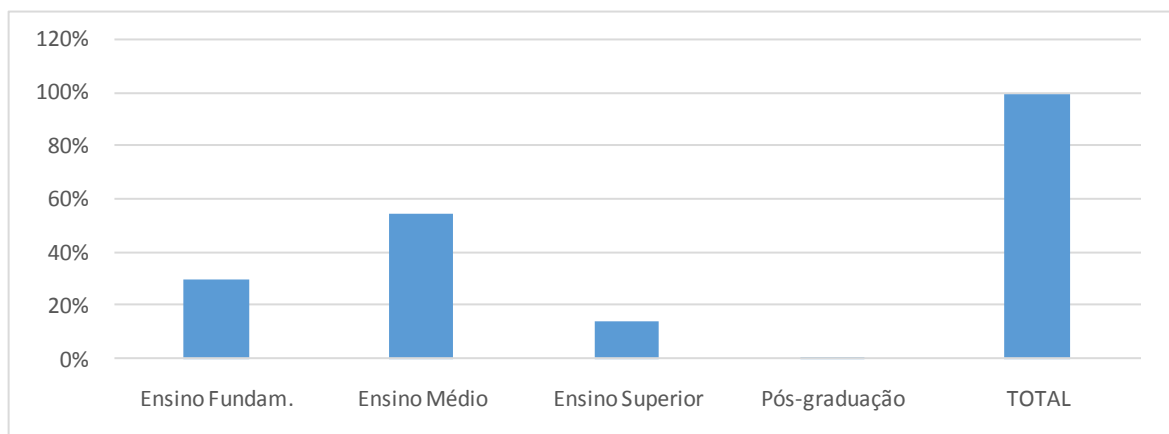
Com relação a origem dos moradores, 54,4% são de Roraima, 24,4% do Maranhão, 14,4% afirmam ser de outros estados e 6,8% correspondem ao Estado do Amazonas (Figura 11). Segundo Staevie (2011), no ano de 1990 houve relevante crescimento populacional por parte de pessoas nascidas em outras regiões do país, como por exemplo do Sul e Sudeste. Estas pessoas vieram diretamente para o Estado, no entanto a massa de migrantes residentes em Boa Vista é de nordestinos que passaram por outra etapa migratória em estados do Norte, sobretudo no Pará e no Amazonas. Diante disso, estes nordestinos incorporaram alguns elementos da cultura nortista, tais como o modo de falar e vestir.

Figura 11 – Origem dos moradores participantes



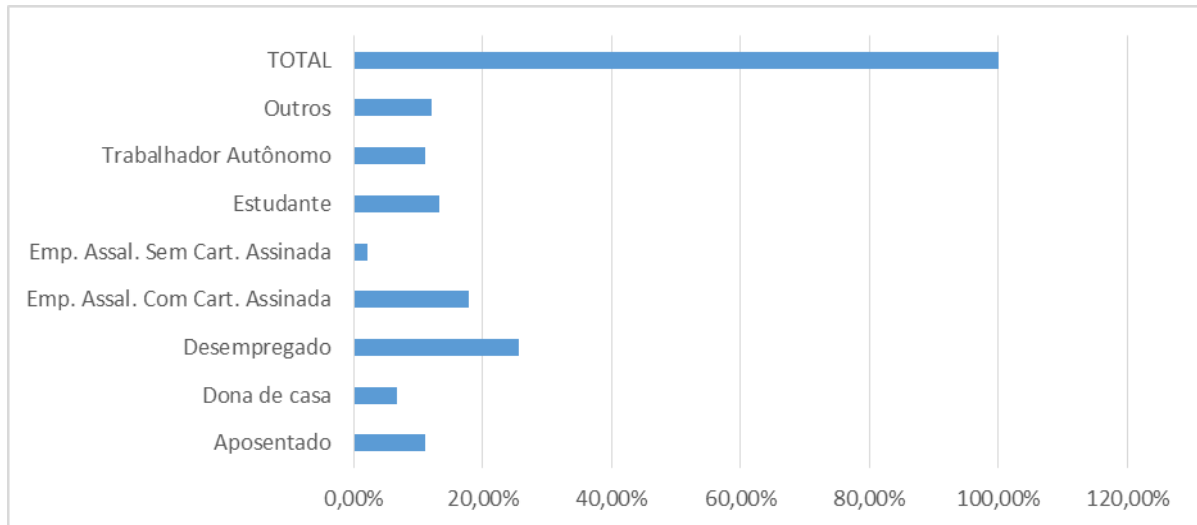
Quanto a escolaridade, 54,4% dos moradores possuem somente o ensino médio, 30,0% possuem o ensino fundamental, 14,4% o ensino superior e apenas 1,6% possui pós-graduação (Figura 12).

Figura 12 – Escolaridade dos moradores participantes da pesquisa



Com relação a ocupação dos moradores, observa-se que 25,6% estão desempregados, 17,8% trabalham em empresa privada com carteira assinada, 13,3% são estudantes, 12,2% desempenham outras funções, 11,1% são aposentados, outros 11,1% são trabalhadores autônomos, 6,7% são donas de casa e 2,2% são empregados assalariados sem carteira assinada, ou seja, a maioria dos participantes está desempregada, estando uma pequena parcela trabalhando com carteira assinada (Figura 13).

Figura 13 – Ocupação dos moradores participantes



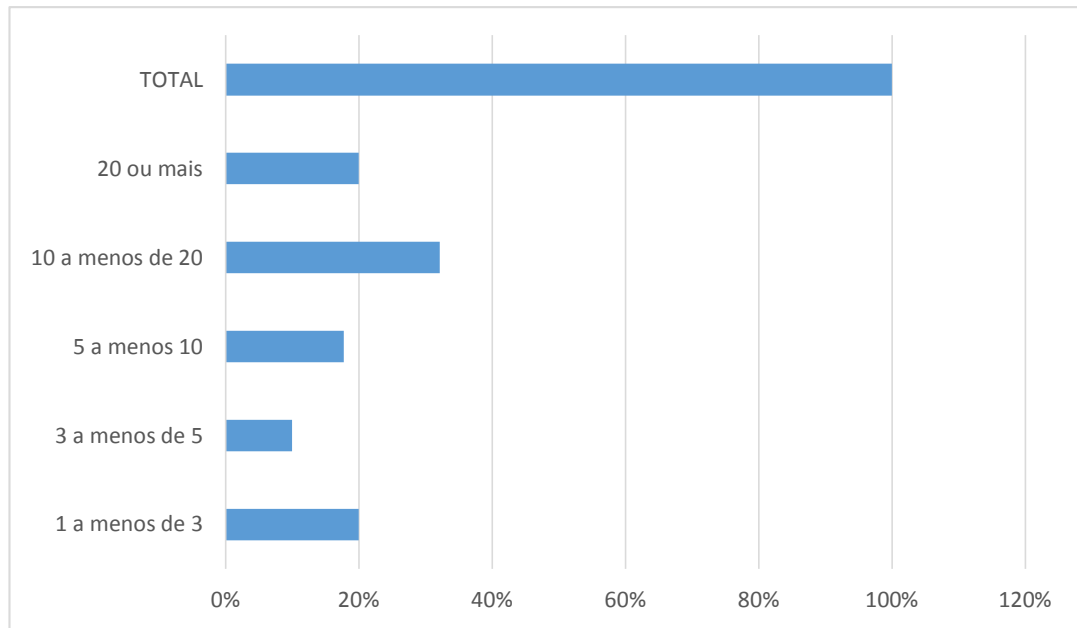
Com a Figura 13 é possível destacar que muitas pessoas ainda vivem desempregadas, muitas vezes trabalhando por conta própria, geralmente no comércio e de modo informal.

De acordo com Cerqueira Neto e Silva (2015), a atividade turística proporciona interferências na dinâmica espacial dos lugares e regiões, e, apesar de gerar emprego e renda a determinadas localidades, é preciso que busque equidade na divisão dos recursos, pois, ao contrário, não se chegará ao desenvolvimento regional.

Quando perguntado aos moradores a respeito de quanto tempo residem na Vila do Paiva, 32,2% responderam que moram no local entre 10 e 20 anos, 20% responderam que moram na localidade de um a menos de três anos, outros 20% disseram morar há mais de 20 anos, 17,8% de cinco a menos de 10 anos e outros 10% de três a menos de cinco anos (Figura 14).

Quanto ao tempo em que os moradores residem na Serra do Tepequém, é possível verificar na Figura 14 que existe um grupo de pessoas residindo a menos de 10 e 20 anos, observando-se que esse grupo se destaca em relação as outras categorias aqui analisadas.

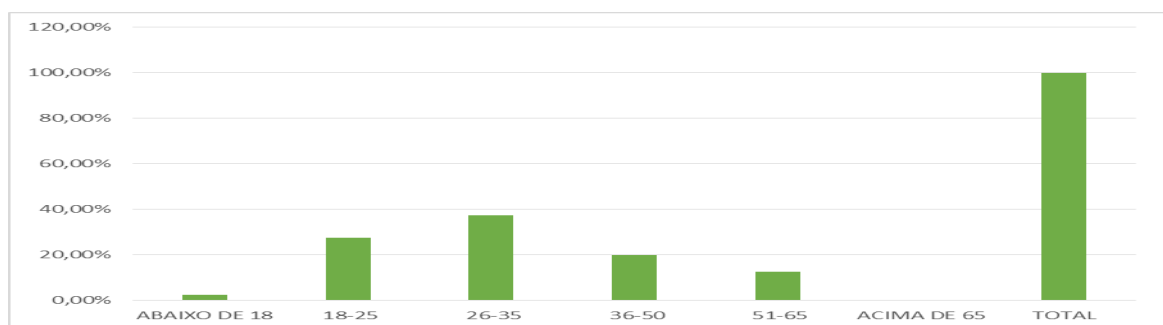
Figura 14 – Percentual de tempo que os moradores residem na Vila do Paiva



No que diz respeito aos turistas, dos 40 respondentes aos questionários da pesquisa, o maior percentual foi 37,5% para a faixa etária de 26 a 35 anos de idade, 27,5% para a faixa etária de 18 a 25 anos, 20,0% de 36 a 50 anos, 12,5% de 51 a 65 anos e o menor percentual foi de 2,5% referente a idade abaixo dos 18 anos (Figura 15).

Percebe-se que a maioria dos turistas respondentes é de jovens que buscavam lazer e diversão. É interessante destacar que existe uma definição para o que seja turista, visitantes e viajantes como é discutido logo abaixo. Esta pesquisa foi realizada em dias da semana e alguns dos participantes disseram que iriam passar somente um dia no local, ou seja, sem pernoite.

Figura 15 – Idade dos turistas participantes

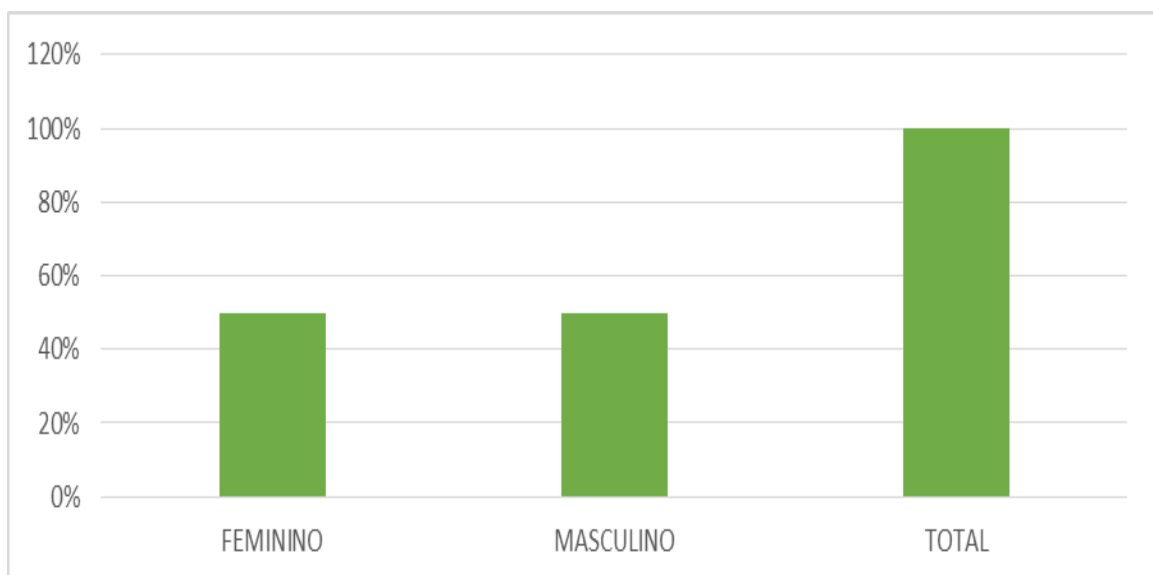




O fato da pesquisa apontar que a maioria dos turistas respondentes é de jovens corrobora com o do estudo de Carvalho (2009) que destaca que o turismo jovem vem se desenvolvendo com um crescimento acelerado, bem como vem ganhando importância no segmento do mercado global de viagens. Cabe destacar que este tipo de turismo se define como o turismo praticado por um grupo homogêneo de jovens, com as características marcadas por faixa etária, estilo de vida e, ainda, o estado de espírito que desencadeia uma série de vários outros subsegmentos. Diante disso, percebe-se que no Tepequém existem atividades que chamam a atenção dos jovens que visitam a região. Quanto a estrutura para atender esse público, observa-se a falta de investimentos que proporcione mais conforto e segurança para estes visitantes.

Quanto ao gênero, 50% dos turistas participantes eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino (Figura 16). Observa-se que houve equidade para as respostas de ambos os sexos, o que corrobora com o pensamento de Pimenta (2014) que ressalta uma tendência cada vez maior para a prática das atividades turísticas tanto para homens quanto para mulheres.

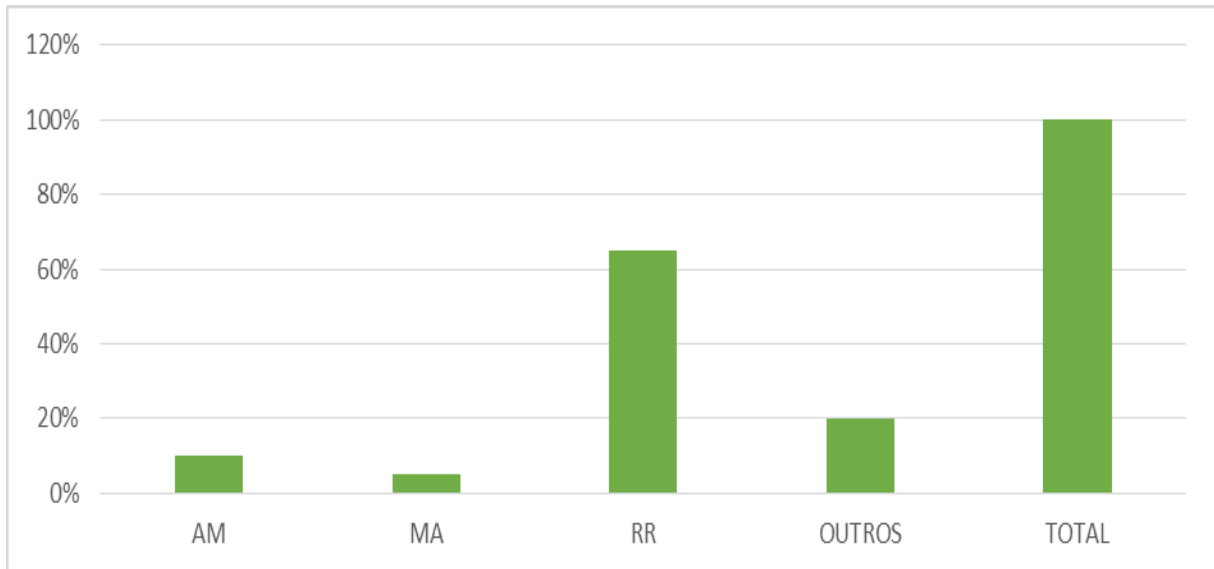
Figura 16 – Gênero dos turistas participantes da pesquisa



Contudo, Pimenta (2014) afirma que, apesar dessa tendência, ainda é possível que se visualize determinado enquadramento baseado no gênero, como por exemplo: as atividades consideradas para mulheres são mais sutis e menos radicais, já as atividades para homens são mais radicais.

Com relação ao local de origem dos visitantes, 65% eram do Estado de Roraima, 20% correspondentes de outras localidades, 10% do Amazonas e 5% do Maranhão (Figura 17).

Figura 17 – Origem dos turistas participantes



Os resultados da Figura 17 apontam que a maioria dos turistas respondentes, que estava visitando o local, era de Roraima, caracterizando, assim, o turismo endógeno. Autores como Vieira e Ferreira (2016) defendem que o desenvolvimento endógeno pode contribuir como estratégia para o progresso de comunidades caracterizadas geograficamente por seus recursos e potencialidades. Neste sentido, trata-se do desenvolvimento local e do desenvolvimento das pessoas e suas comunidades.

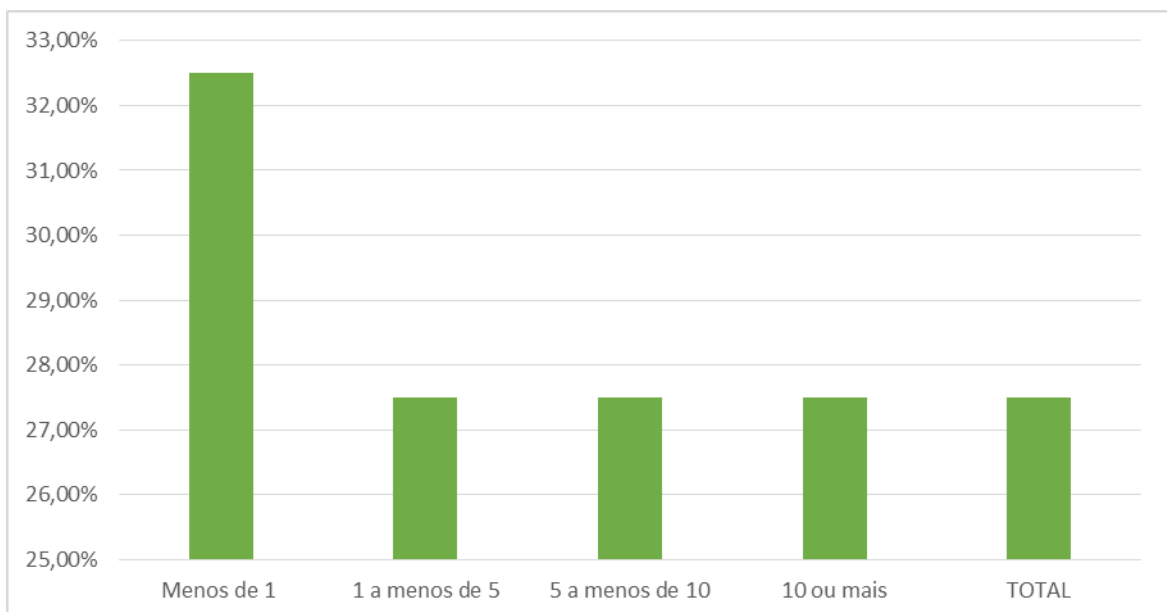
Scótollo e Panosso Netto (2015) também destacam a importância do turismo endógeno e consideram interessante as localidades utilizarem seus potenciais, bem como as habilidades, capacidades e competências dos sujeitos envolvidos como parte integrante deste meio, para desenvolverem-se de forma endógena. Os autores pressupõem, ainda, que para que haja desenvolvimento dessas localidades com potenciais turísticos é preciso que se busquem estratégias para o incremento da economia local visando, também, a melhoria da qualidade de vida de sua comunidade a partir do aprimoramento de suas características naturais, históricas e culturais.

Quando perguntado se era a primeira vez que estavam visitando o local, 77,5% já haviam visitado a Serra do Tepequém outras vezes e 22,5% dos turistas estavam visitando-a pela primeira vez.

No aspecto tempo que frequenta a serra, 32,5% disseram frequentá-la a menos de um ano, 27,5% responderam que a visitam de um a menos de cinco anos, 22,5% de cinco a menos de 10 anos e 17,5% de 10 ou mais anos (Figura 18).

O retorno do turista ao local visitado diz respeito ao fator satisfação. Oliveira (2010) afirma que a atração e o aumento ou a diminuição do fluxo de turistas em determinado local são fortemente influenciados pela satisfação gerada. Diante disso, o autor destaca a importância de se conhecer os fatores e as variáveis que possuem significativa importância na satisfação do turista, e saber a avaliação deles sobre cada um. Desta forma, caso insatisfeitos, além de se perder a oportunidade de fazer com que o turista retorne para visitação, a disseminação dessa insatisfação pode contaminar outros potenciais turistas.

Figura 18 – Tempo que os turistas frequentam a Serra do Tepequém

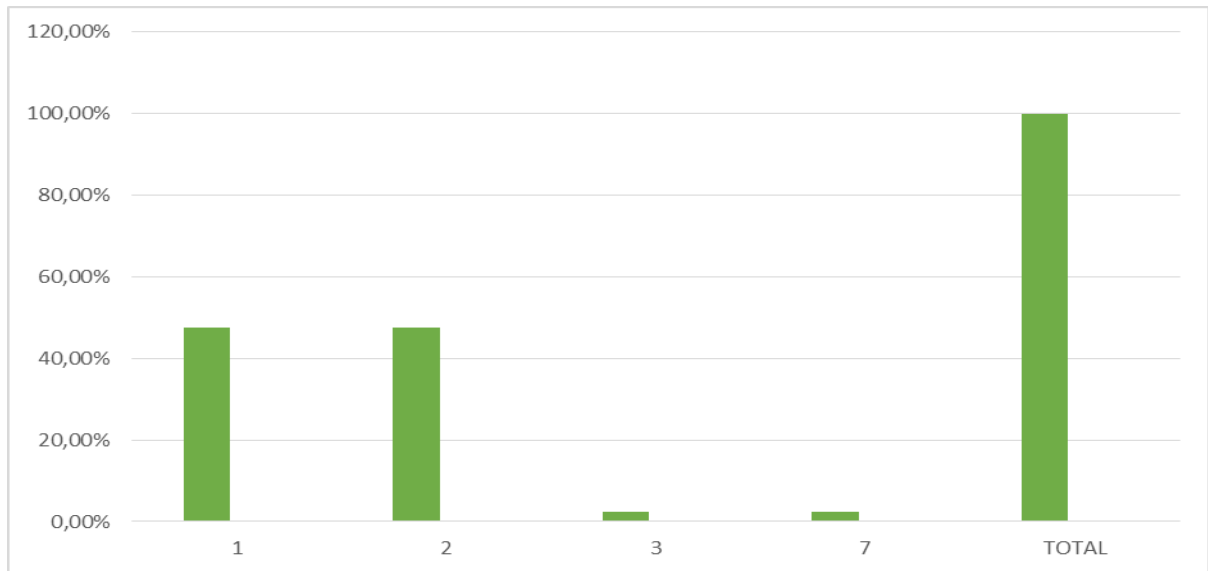


Com rela o a previsão de estada, 47,5% afirmaram que iriam passar apenas um dia na serra, outros 47,5% responderam que estavam previstos dois dias, 2,5% tinham previsão de três dias e 2,5% a previsão era de sete dias (Figura 19).

Para Rodrigues, Castro e Santaella (2015), a satisfa o do turista com rela o aos serviços oferecidos no local de visita o pode influenciar diretamente no retorno e, conseqentemente, na quantidade de dias que o turista pretende passar

no local. Os autores destacam, também, que em período de férias e feriados o fluxo de visitantes nos locais é sempre maior, possibilitando aumento no tempo de estadia dos visitantes e, conseqüentemente, no aumento do consumo que gera movimento na economia.

Figura 19 – Previsão de dias dos turistas na Serra do Tepequém



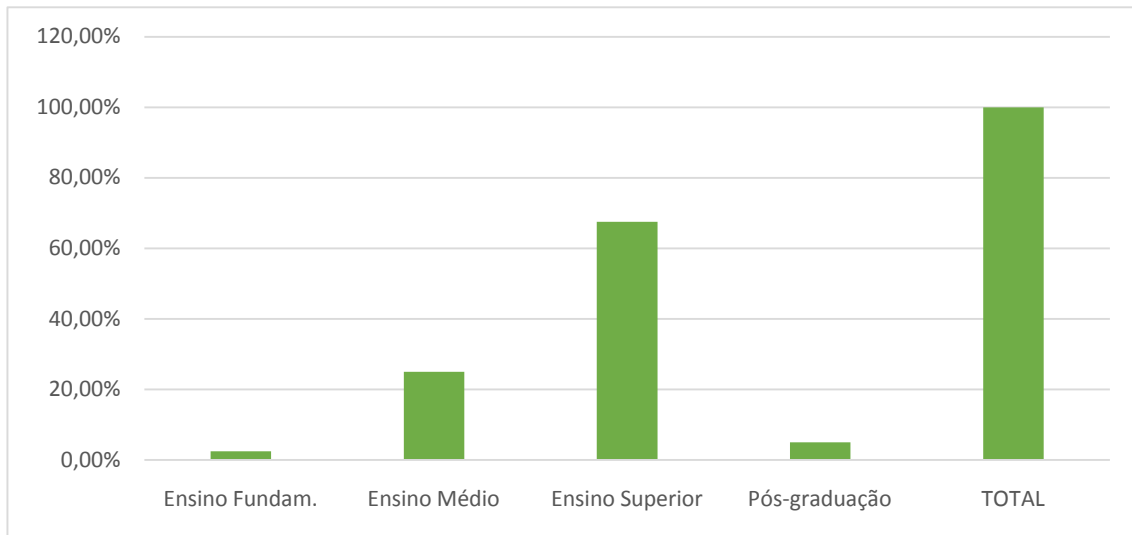
Neste sentido, o que se pode observar, também, foi que mesmo fora do período de férias (agosto) há sempre um fluxo razoável de visitantes na Serra do Tepequém. Há eventos particulares, como casamentos e aniversários, em que as pessoas se programam para comemorar e, nesses casos, há sempre pessoas que visitam pela primeira vez, de acordo com a fala dos moradores.

Com relação ao nível de escolaridade dos turistas respondentes, 67,5% possuem nível superior, 25% ensino médio, 2,5% possuem somente o ensino fundamental e 5% são pós-graduados. Podemos verificar que a maioria dos turistas participantes desta pesquisa possui nível superior (Figura 20), o que pode ser um indicativo de renda, favorecendo, então, a economia local. Em comparação com o grau de escolaridade dos moradores, percebe-se que o nível de escolaridade de quem visita é maior do que o das pessoas que moram na Serra do Tepequém.

Relacionando o grau de escolaridade do turista com os impactos ambientais observados na pesquisa, percebe-se que, apesar de a maioria dos visitantes possuir nível superior, é possível fazer uma reflexão a respeito desta relação, já que é

possível observar nos pontos visitados a presença do lixo que é deixado em locais inapropriados.

Figura 20 – Escolaridade dos turistas participantes da pesquisa



Brandalise et al. (2009), em suas pesquisas que tratam da percepção e do comportamento ambiental de pessoas que possuem escolaridade de nível superior, verificaram que a percepção ambiental não está associada ao grau de educação ambiental que é recebida. Os autores concluem essa afirmação baseando-se nas informações que as pessoas que tiveram ou têm acesso ao nível superior de educação provavelmente cursaram disciplinas direcionadas a este contexto. Sendo assim, destacam que não basta a inclusão da educação ambiental nas academias, sendo necessário que haja informação a respeito do consumo ecológico e da degradação dos produtos ao consumidor para que ocorram as mudanças de comportamento. Por outro lado, sabe-se que o turista, apesar de gerar impactos ambientais na localidade, também são gerados na economia da região.

Outro grupo de entrevistados foi constituído pelos empreendedores, ou seja, pelos donos de pousadas, restaurantes, entre outros estabelecimentos. No geral, foram entrevistados 10 empreendedores que serão aqui identificados como pousadas A, B, C, D, E, F, G, H, I e J.

Com relação à origem, todos são brasileiros sendo que os proprietários das pousadas B, E, I e J são naturais de Roraima e os demais de outros estados do Nordeste e de São Paulo. Todos atuam como gestores no empreendimento, contudo, apenas as pousadas I e J possuem sócios, sendo que os demais não

possuem sócios e nem filiados. Vale ressaltar, ainda, que os donos das pousadas A, B, E, I e J residem em Boa Vista, estando no estabelecimento durante os finais de semana.

Quando perguntado aos empreendedores se seus estabelecimentos estão localizados em área urbana e rural, A, D, E, F e H consideram zona urbana; já os empreendedores das pousadas B e I consideram a área zona rural e os gestores das pousadas G e J consideram tanto urbana como rural.

Jacinto, Mendes e Perehouskei (2012) discutem a relação entre o que é urbano e o que é rural apontando a existência de uma visão dicotômica existente até hoje, visto que é comum relacionarmos o urbano à cidade e o rural a algo que se opõe a cidade. Dentro deste contexto, os autores chamam a atenção, por exemplo, para as atividades agrícolas que são praticadas no espaço urbano e as atividades urbanas que são praticadas no espaço rural, destacando que, muitas vezes, o que caracteriza a urbanidade está inserida no espaço rural e, no mesmo sentido, o que caracteriza o ruralismo pode estar inserido no ambiente urbano.

Com relação ao tempo de atuação dos gestores no empreendimento, apenas a pousada I atua há três meses, ao passo que as pousadas A, B, E, H e J atuam de um a 10 anos e as pousadas C, D, F e G atuam de 11 a 30 anos no local.

#### **4.1.1 Principais atrativos turísticos na Serra do Tepequém**

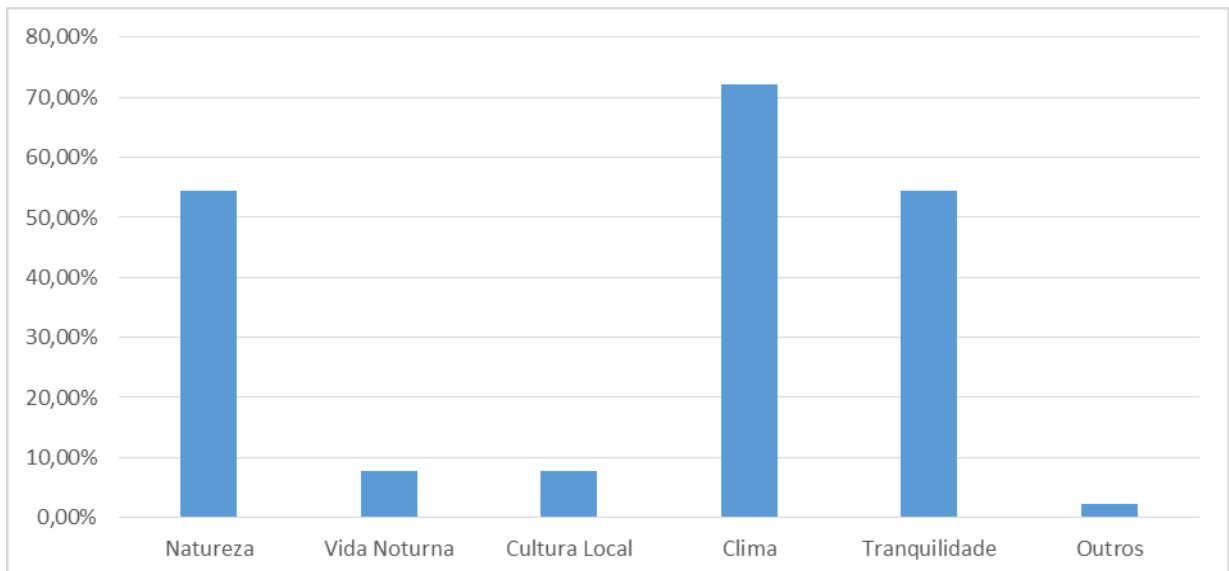
Nesta etapa da pesquisa foram identificados os principais atrativos turísticos citados pelos atores locais participantes da pesquisa. Castro e Mendonça (2010) classificam os atrativos turísticos em naturais e artificiais, e os definem como um recurso ou ferramenta que é procurada pelo visitante.

Os atrativos naturais envolvem os fatores primordiais da natureza e englobam tudo que está ligado à natureza, como a fauna e a flora, levando em consideração a paisagem de determinada localidade. Já os recursos artificiais envolvem as obras produzidas pelo homem e que estão relacionadas a serviços que contribuem com a natureza histórica de determinado local.

#### 4.1.1.1 Ótica dos moradores

Quando perguntado aos moradores o que mais os agrada na Serra do Tepequém, 72,2% dos respondentes disseram ser o clima, 54,4% afirmaram ser a natureza, 54,4% preferem a tranquilidade, 7,8% gostam da vida noturna, 7,8% apreciam a cultura local e 2,2% optaram por outros itens (Figura 21). Fazendo uma breve ligação destes dados com aqueles referentes a origem dos moradores, observa-se que os mesmos gostam de morar na Serra do Tepequém pelo clima agradável do local, já que em Boa Vista o clima é quente.

Figura 21 – Dados acerca do que mais agrada o morador na Serra do Tepequém



#### 4.1.1.2 Ótica do turista

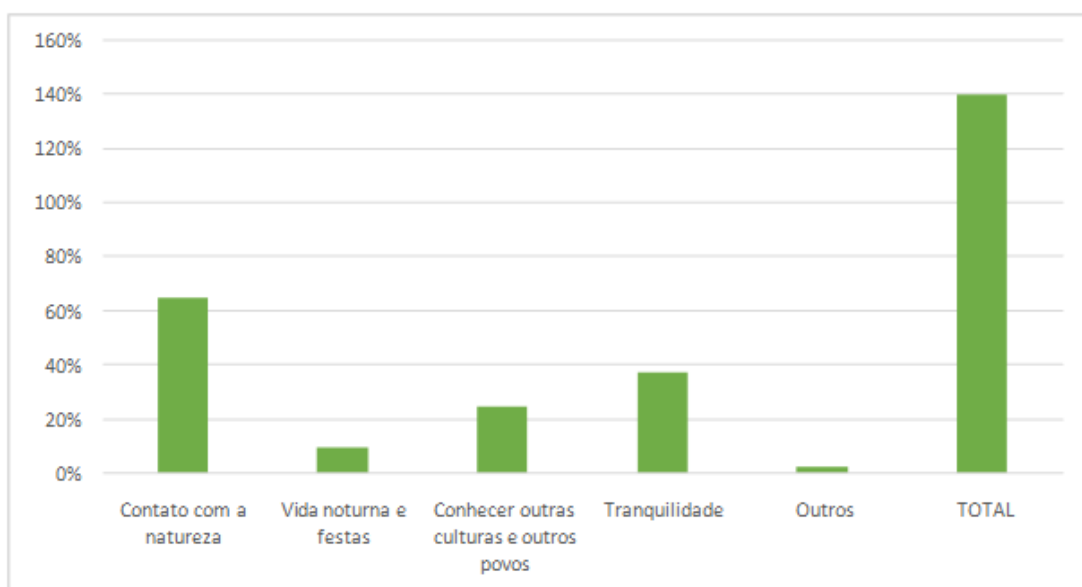
Com relação aos aspectos que foram determinantes para escolher a serra, destacando que as questões neste item eram de múltipla escolha, chegou-se aos seguintes resultados: 72,5% dos turistas respondentes disseram que a natureza foi o que mais influenciou na escolha. O segundo aspecto que chamou atenção dos visitantes foi a tranquilidade, com 42,5% dos resultados; 12,5% determinaram outros aspectos, 5,0% foi a cultura local e 2,5% o interesse pela meditação. Sendo assim, os dados confirmam que, realmente, o que atrai o visitante, segundo os turistas respondentes desta pesquisa, é a natureza.

Além disso, foi perguntado aos turistas o que mais lhe agrada na Serra do Tepequém – de mesmo modo as questões aqui analisadas eram de múltipla escolha. Sendo assim, para os turistas, 75,0% gostam da natureza da serra, 60,0% responderam que gostam do clima, 35,0% preferem a tranquilidade, 5,0% preferem a cultura local e outros 5,0% preferiram outras alternativas. Observa-se, então, que as duas categorias (moradores e turistas) gostam mais da natureza e do clima da serra.

No aspecto o que mais agrada na serra, os moradores que participaram da pesquisa disseram que o que mais agrada é o clima, seguido da natureza, enquanto que para o turista a natureza vem em primeiro lugar e o clima em segundo. Neste sentido, o que se pode perceber é que tanto moradores quanto turistas apreciam as mesmas características.

Em relação ao que mais interessa nas viagens de turismo, 65,0% dos participantes afirmaram ser o contato com a natureza, 37,5% disseram que o que mais lhes interessa é a tranquilidade dos locais visitados, 25,0% gostam de conhecer as culturas locais e outros povos, 10% preferem visitar os locais para apreciarem a vida noturna e as festas, e 2,5% se interessaram por outros aspectos. Destaca-se que a questão também foi de múltipla escolha e os respondentes optaram por mais de uma alternativa, o que explica os valores obtidos em percentuais (Figura 22).

Figura 22 – Aspectos que mais interessam nas viagens dos turistas participantes



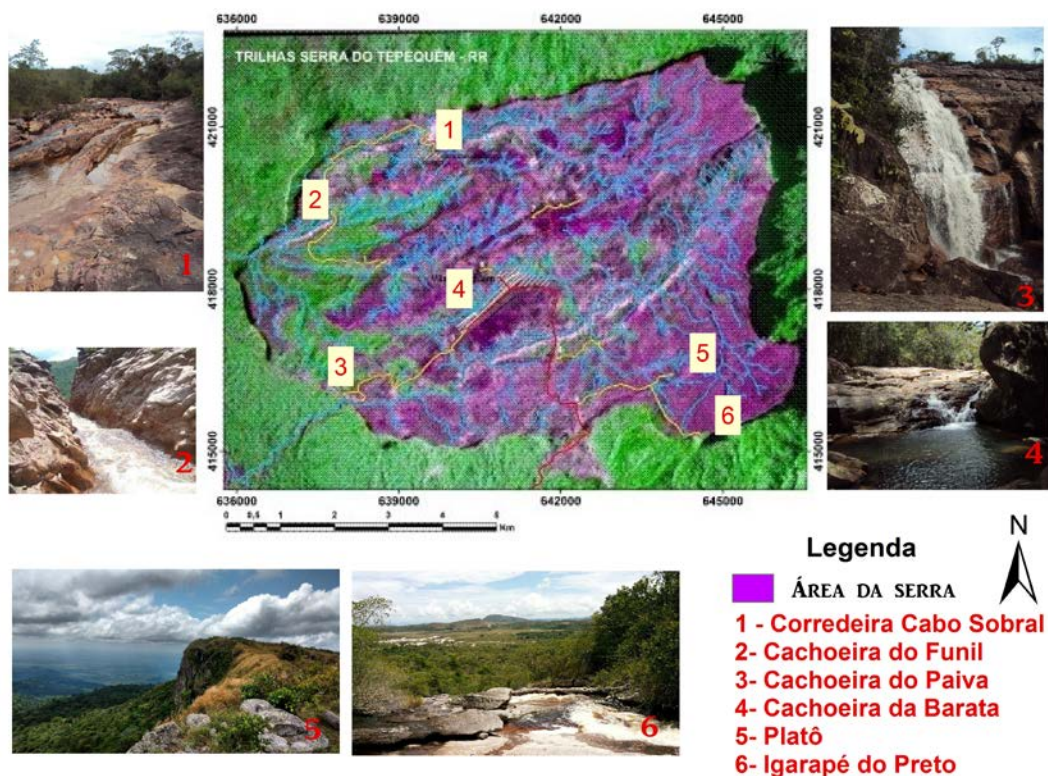


Para os moradores, os eventos não são os principais atrativos turísticos da serra; conforme os dados obtidos, 55,5% responderam que não, ou seja, que o que atrai o visitante é a natureza, já 44,4% disseram que consideram os eventos (shows culturais, corrida na serra, campeonato de ciclismo) como principais atrativos para conhecer a localidade. Quanto aos turistas, os mesmos concordam que a natureza é o principal fator que colabora para atrair mais visitantes.

#### 4.1.1.3 Ótica do gestor

Com relação aos principais atrativos turísticos da Serra do Tepequém, os gestores (empreendedores) A, B, C, D, E, F, G, I e J foram unânimes em apontar a Cachoeira do Barata, a Cachoeira do Paiva, a Corredeira do Sobral, a Cachoeira do Funil, o Igarapé do Preto e o Platô como principais atrativos (Figura 23). A pousada B apontou, além dos atrativos citados acima, as cavernas, as paisagens, o clima, as poções e os eventos culturais como principais atrativos.

Figura 23 – Localização espacial dos atrativos turísticos na área do Tepequém



Fonte: Adaptado de Cunha (2013).

Também foi perguntado aos gestores das pousadas se os mesmos consideravam os eventos o principal atrativo turístico para a Serra do Tepequém. As pousadas A, C, D, F e G responderam que sim, isto é, que os eventos atraem os turistas que vêm em busca de conhecer a cultura para se divertir. Já as pousadas B, E, I, J e H responderam que não, que o que realmente atrai o turista são as belezas naturais da Serra do Tepequém.

Percebe-se nas falas e nos dados obtidos que o que atrai, tanto moradores quanto turistas e empreendedores na Serra do Tepequém, é o contato com a natureza, o clima e a tranquilidade do local. O ponto turístico mais citado são as cachoeiras, sendo que outra percepção importante é que todos os participantes falaram da conservação do ambiente, dos cuidados com o ambiente e com os recursos naturais.

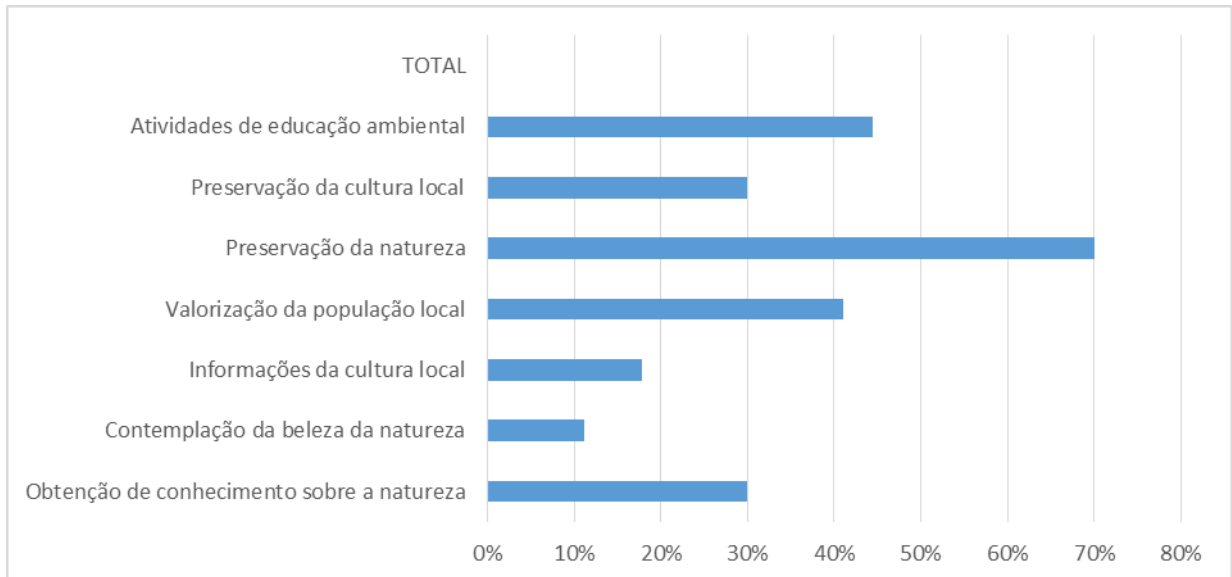
#### **4.1.2 Inventário e caracterização das atividades turísticas que fazem uso dos recursos naturais**

Segundo Oliveira, Viana e Braga (2010), a atividade turística de modo geral vem se expandindo de forma acelerada nas últimas décadas em todos seus aspectos, como por exemplo no aumento do número de turistas, no movimento da economia, nas modificações do meio ambiente em decorrência do uso dos recursos naturais, no desenvolvimento de obras de infraestrutura para atender as necessidades dos visitantes e nas mudanças de comportamento da população, que modificam e causam conflitos com relação a cultura das comunidades receptoras.

Quando perguntado aos moradores que aspectos as atividades turísticas devem envolver (questões de múltipla escolha), obtiveram-se os seguintes resultados: 70% disseram que as atividades devem envolver a preservação da natureza, 44,4% disseram que acham importante que as atividades turísticas envolvam atividades de educação ambiental, 41,1% disseram que as atividades turísticas devem envolver a valorização da população local, 30,0% acreditam que seria interessante envolver o conhecimento sobre a natureza, outros 30,0% disseram que seria bom desenvolver trabalhos ligados a preservação da cultura local, 17,8% reconheceram que atividades envolvendo informações sobre a cultura local seria relevante e 11,1% consideram que as atividades turísticas devem favorecer a contemplação da beleza da natureza.

Diante das respostas, faz-se relevante destacar que a preservação da natureza e a educação ambiental relacionam-se de forma muito próxima (Figura 24).

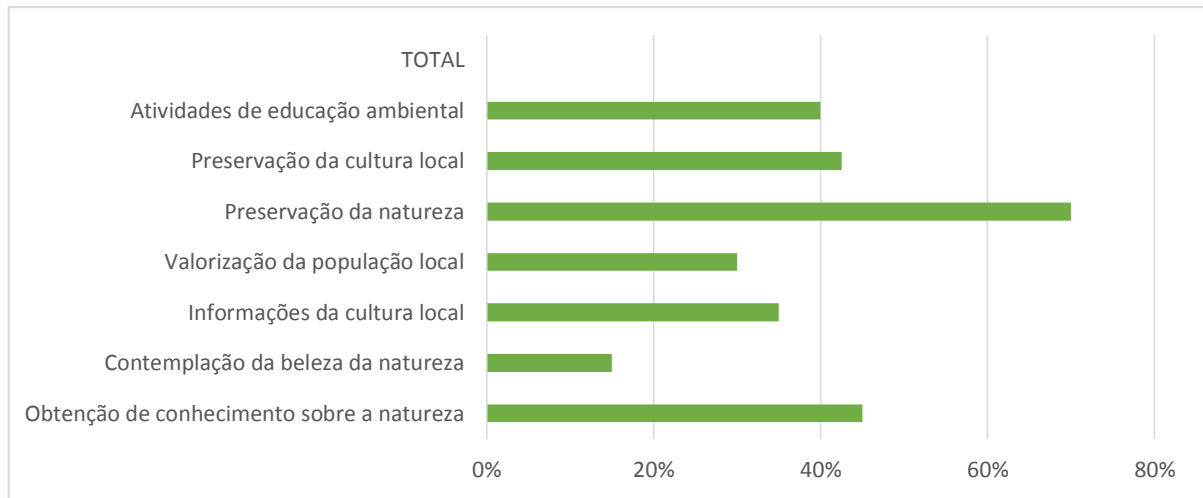
Figura 24 - Opinião dos moradores com relação aos aspectos que as atividades turísticas devem envolver



Foi feita a mesma pergunta aos 40 turistas participantes da pesquisa, sendo que 70,0% dos respondentes disseram que as atividades turísticas devem envolver a preservação da natureza, 45,0% consideram que devem envolver a obtenção de conhecimentos sobre a natureza, 42,5% acham interessante envolver a preservação da cultura local, 40,0% acham que deveria incluir as atividades de educação ambiental, 35,0% disseram que seria bom envolver informações da cultura local, 30,0% que estas atividades devem envolver a valorização da população local e outros 15,0% referiram que seria interessante envolver a contemplação da beleza da natureza (Figura 25).

Os dados obtidos mostram que tanto os moradores quanto os turistas consideram importante que as atividades turísticas envolvam primeiramente a preservação da natureza. Em segundo lugar, os moradores consideram que as atividades devem envolver atividades de educação ambiental, enquanto que os turistas optaram em responder que estas atividades devem envolver a obtenção do conhecimento sobre a natureza. Em terceiro, os moradores destacaram importante a valorização da população local, ao passo que os turistas referiram como importante, também, a preservação da cultura local.

Figura 25 – Opinião do turista com relação aos aspectos que as atividades turísticas devem envolver



Para os empreendedores foi perguntado quais as atividades turísticas que fazem uso dos recursos naturais. Os empreendedores A, D, E, F, G, H, I e J responderam que as atividades turísticas são: as trilhas ou caminhadas, o banho de cachoeira e a observação de pássaros. Já os empreendedores B e C afirmaram que estas atividades são, além das já citadas acima, o ciclismo, a tirolesa (que é realizada na Cachoeira do Funil) e a observação de orquídeas na subida do Platô.

A seguir, segue uma breve descrição dos principais pontos destacados pelos participantes da pesquisa.

#### 4.1.2.1 Corredeira do Cabo Sobral

A Corredeira do Cabo Sobral é formada por uma paisagem que constitui margens assoreadas formando extensa faixa de praia, compreendendo morfologia de diversos degraus de blocos areníticos (Figura 26). Quanto a infraestrutura, percebe-se a falta de fiscalização ambiental, o que torna o local vulnerável aos impactos antrópicos negativos (CUNHA, 2013). Segundo Martins (2014), existe uma trilha para chegar até o local, a qual segue um percurso de 4,46 km por uma estrada de piçarra.

Figura 26 – Corredeira do Cabo Sobral



Ao chegar na Vila do Cabo Sobral com destino para visitar a corredeira do Cabo Sobral, é preciso fazer uma caminhada curta indicada e orientada por uma placa, porém existem outros caminhos por dentro da mata que também dão acesso ao local (Figura 27).

Figura 27 – Placa indicando acesso à corredeira do Cabo Sobral e trilha



Percebe-se, através de observação, que algumas placas foram colocadas recentemente, contudo ainda há dificuldades para chegar até alguns pontos que dão acesso aos atrativos, conforme viu-se na Figura 27. Em observação *in loco*, verificou-se que na Vila do Cabo Sobral existe uma estação de coleta de dados hidrometeorológicos usada para verificação dos processos de precipitação e de evaporação da água na atmosfera e na superfície, como mostra a Figura 28.

Figura 28 – Estação de coleta de dados hidrometeorológicos



#### 4.1.2.2 Cachoeira do Paiva

É formada por inúmeros blocos de arenito e seixos de quartzo. Quanto a infraestrutura, dispõe de algumas placas sinalizando o acesso e informações educativas com relação aos cuidados com o meio ambiente, conforme pode ser vislumbrado na Figura 29 (CUNHA, 2013).

A trilha para chegar até o atrativo ocorre por um percurso de 3,3 km que segue por uma estrada de piçarra. O local dispõe de estacionamento para veículos e para chegar até a cachoeira é preciso descer uma escadaria de madeira com 246 degraus (MARTINS, 2014). Faz-se importante destacar pela observação que não existe acessibilidade adequada nesta localidade para os deficientes.

Figura 29 – Cachoeira do Paiva e as placas de acesso



#### 4.1.2.3 Cachoeira do Barata

Para chegar até a Cachoeira do Barata é preciso percorrer um caminho de 2,43 km por estrada de piçarra, sendo que nesta trajetória se observa a presença de voçorocas que, eventualmente, podem dificultar o acesso (MARTINS, 2014). Cunha (2013), por sua vez, aponta a presença de mata ciliar nas margens da cachoeira, o que confere piscina de forma circular e água cristalina (Figura 30).

Figura 30 – Cachoeira do Barata e placa de acesso



#### 4.1.2.4 Cachoeira do Funil

É formada pela união do igarapé Cabo Sobral e do igarapé do Meio compondo um belo cenário paisagístico (Figura 31). Quanto à morfologia, apresenta fraturamento nas rochas em decorrência das explosões para abertura das mesmas na época do garimpo. Percebe-se, ainda, a falta de placas sinalizadoras e educativas que chamem a atenção para os cuidados com o meio ambiente (CUNHA, 2013).

Quanto ao acesso, Martins (2014) afirma que existem dois caminhos para se chegar até a Cachoeira do Funil: um seria pela vila do Cabo Sobral, com percurso de 8,11 km, e o outro percorrendo um caminho de 5,54 km no sentido da Cachoeira do Barata. Segundo a autora, a estrutura física da cachoeira sofreu alterações no seu formato devido as explosões por dinamites para facilitar a atividade do garimpo, fazendo com que o curso do igarapé fosse desviado para facilitar a lavagem do diamante.

Figura 31 – Cachoeira do Funil



#### 4.1.2.5 Igarapé do Preto

Consoante Cunha (2013), o acesso para chegar até este ponto se dá pela RR 203 sentido norte. O caminho é composto por solo de tonalidade amarelada em decorrência da presença de ferro em sua decomposição; há, também, a presença de



muitos blocos rochosos. O ponto de referência para chegar ao local é uma casa que oferece serviço de camping, sendo que neste local encontra-se, ainda, uma gruta conhecida como Gruta do Preto ou como Caverna do Preto (pela comunidade) (Figura 32).

Figura 32 – Igarapé Preto e entrada da gruta



#### 4.1.2.6 Platô

Para chegar até este atrativo é necessário percorrer uma trilha de trajeto linear que possui extensão de 3,400 m com percurso médio que leva cerca de 2 horas e 30 minutos, sendo que o grau de dificuldade de acesso vai aumentando no decorrer do caminho – para esse percurso é indicado que o visitante esteja em boas condições físicas (CUNHA, 2013).

De acordo com Martins (2014), o percurso é cheio de surpresas e belezas, como o Vale das Orquídeas, e um local onde pode-se observar algumas espécies de pássaros como araras, andorinhas, urubu-rei, entre outros (Figura 33).

Figura 33 – Vista panorâmica do Platô



Através de observação *in loco* foi verificada a presença de uma placa, colocada recentemente, indicando acesso ao Platô (Figura 34).

Figura 34 – Placa de acesso ao Platô



#### 4.1.2.7 Poção

Para chegar até este ponto é preciso percorrer um caminho de 1,5 km de acesso fácil, sendo que sua formação ocorreu mediante a exploração desordenada de diamantes que acarretou em grandes crateras (Figura 35). No local foi autorizada a criação de peixes em cativeiro como iniciativa para a piscicultura na região; no entanto, esta iniciativa tornou-se inviável pelo alto custo. Sendo assim, essas piscinas naturais são aproveitadas para banho por frequentadores que apreciam a natureza do local (MARTINS, 2014).

Figura 35 – Poção e placa de acesso



A seguir, faz-se uma breve descrição das atividades turísticas de natureza (uso dos recursos naturais) identificadas pelos empreendedores e apresentadas por Arantes *et al.* (2013):

- a) **passeios a pé em veredas:** define-se por caminhadas leves e de baixo impacto, destacando que a Serra do Tepequém proporciona ao visitante mais radical caminhadas em maior grau de dificuldades;
- b) **cicloturismo:** caracteriza-se por ser uma modalidade em que se faz uso da bicicleta para percorrer as trilhas que dão acesso a este tipo de atividade;
- c) **observação de fauna e flora:** define-se pela observação de animais e vegetais que se encontram em seu habitat natural;

- d) **trekking**: são definidas como caminhadas ou trilhas em que se leva mais de um dia de duração e que segue por ambientes naturais que apresentam beleza cênica, geralmente percorrendo áreas montanhosas, lagos, vales ou cânions; e,
- e) **tiroleza**: caracteriza-se pela prática de travessias de montanhas, fazendo-se uso de cordas, roldanas e equipamentos apropriados para tal atividade. É considerado um esporte radical e muito apreciada no mundo inteiro.

Viana e Nascimento (2009) associam tais atividades ao turismo de aventura, bem como ao ecoturismo, onde este segmento possui características de consistência mercadológicas próprias que vêm ganhando enfoque e oportunizando mais ofertas e possibilidades. É importante ressaltar que o turismo de aventura praticado no Brasil é uma atividade recente que surgiu em meados dos anos de 1990. Segundo Nascimento et al. (2013), o termo ecoturismo foi utilizado no meio acadêmico na década de 1970 mediante divulgação de documentários que mostravam viagens que tinham como principal cenário a natureza, objetivando a promoção do turismo ecológico pelo mundo.

Em observação feita durante a presente pesquisa, neste aspecto, percebe-se que tanto moradores quanto turistas pensam e acham importante que o turismo deve abranger, em suas atividades, projetos e ações relacionados à preservação da natureza, bem como atividades voltadas para a educação ambiental. Quanto as atividades citadas, a caminhada para chegar até as cachoeiras e banho foram mencionadas, tanto pelos gestores quanto pelos turistas, como principal atividade que faz uso dos recursos naturais.

#### **4.1.3 Efeitos sobre o ambiente em função do turismo**

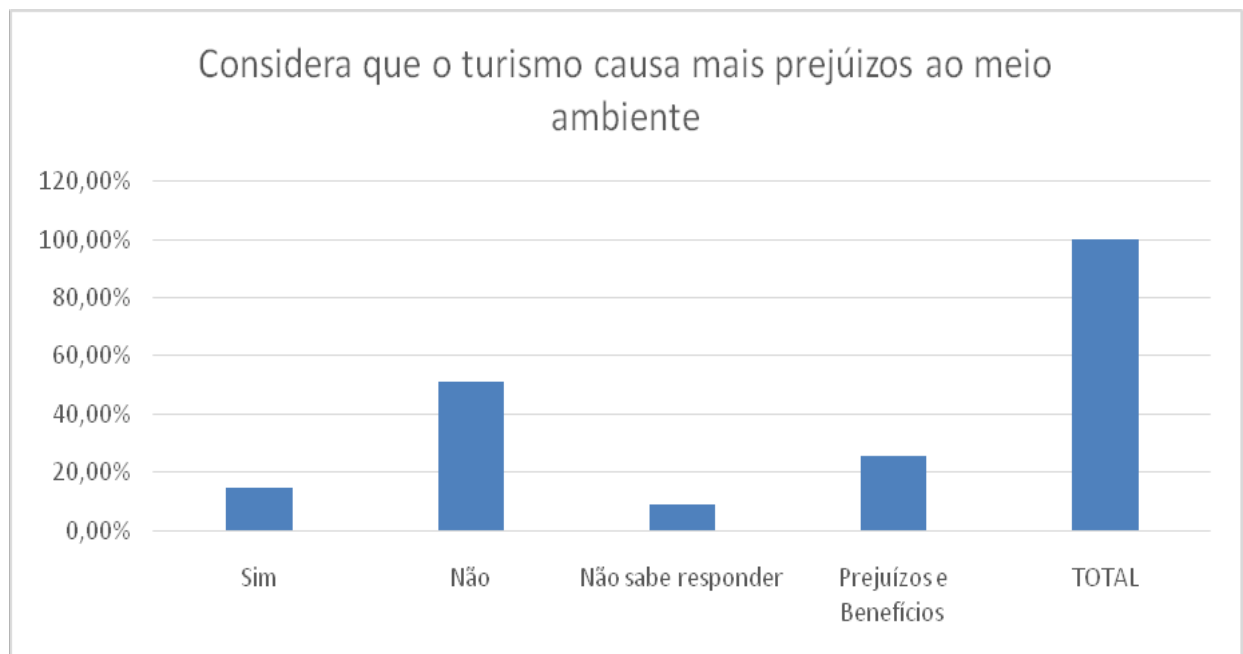
No que diz respeito aos prejuízos do turismo ao meio ambiente na Serra do Tepequém, 51,1% dos moradores dizem que o turismo não causa prejuízos ao meio ambiente, 25,6% acreditam que o turismo pode causar tanto prejuízos quanto benefícios para o meio ambiente, 14,4% responderam que o turismo causa, sim, prejuízos ao ambiente e 8,9% não souberam responder.

Dentre os 90 moradores que participaram desta pesquisa, 73,3% consideram a natureza da Serra do Tepequém preservada, embora o garimpo tenha deixado

grandes impactos na região. Logo, este percentual de respondentes afirma e considera a natureza preservada quando comparada a época de existente atividade garimpeira na região; oposto a isso, 26,7% não concordam que a natureza da serra esteja preservada. Ainda de acordo com a fala dos moradores, isso ocorre pela falta de cuidado dos visitantes que acabam deixando resíduos nos locais visitados, uma vez que não há fiscalização para evitar esse tipo de comportamento.

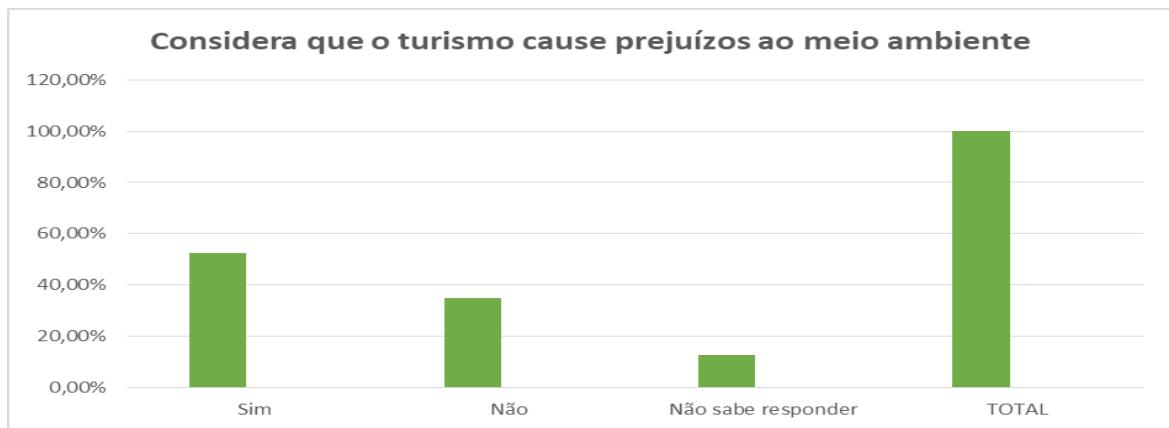
Quando questionados se o turismo gera mais benefícios ou problemas para a comunidade, 61,1% consideram que causa mais benefícios, 25,6% acham que o turismo gera tanto problemas quanto benefícios para a comunidade, 6,7% não souberam responder e 6,7% disseram causar mais problemas (Figura 36).

Figura 36 – Opinião dos moradores com relação aos prejuízos do turismo ao meio ambiente



Com relação à importância de se preservar o meio ambiente e os recursos naturais, 97,8% dos moradores participantes da pesquisa responderam que acham importante preservar o meio ambiente e os recursos naturais e apenas 2,2% pensam o contrário. Foi questionado, também, se os visitantes consideram que o turismo causa prejuízos ao meio ambiente, sendo que 52,2% disseram que sim, enquanto que 35,0% disseram que não e 12,8% não souberam responder (Figura 37).

Figura 37 – Opinião do turista com relação aos prejuízos do turismo ao meio ambiente



Para os turistas, 90% consideram que a natureza da serra está preservada e 10% responderam que não consideram a natureza do local preservada. Com relação a importância de se conservar o meio ambiente e os recursos naturais, 100% dos respondentes disseram que acham importante conservar o meio ambiente.

Aos gestores também foi perguntado se esses consideram que o turismo cause prejuízos para o meio ambiente e quais seriam esses prejuízos. Os gestores A, B, C, E e H responderam que concordam que o turismo cause, sim, prejuízos ao meio ambiente e, dentre esses prejuízos, citaram em suas falas a degradação através da poluição e o desmatamento com interesse em construir casas em locais inadequados (como na beira e igarapés e próximo as cachoeiras); ainda, B ressalta que já ocorre invasão em áreas inapropriadas para a construção de casas. Os outros (D, F, G, I e J) acreditam que o turismo não cause prejuízos ambientais, alegando que os turistas, atualmente, comportam-se de maneira mais consciente com relação as questões ambientais.

Quando questionados se os impactos gerados pelo turismo na Serra do Tepequém são prejudiciais à comunidade ou à população, e se os mesmos são positivos ou negativos, os 10 empreendedores responderam que o turismo pode prejudicar sim o meio ambiente, mas também pode trazer muitos benefícios tanto para a comunidade quanto para a população no geral. A pousada B complementa sua opinião dizendo que o prejuízo afeta a todos, tanto a população no geral quanto a comunidade, pois os recursos são de todos e não só de quem mora no local da visitação. O empreendedor A acredita que os impactos negativos são mínimos e que, no geral, são positivos, uma vez que trazem prosperidade e atraem gente de

outros países, como Holanda e França por exemplo. Os empreendedores E e J dizem ser negativos e positivos: negativos por conta das questões ambientais, já que não há controle e fiscalização, e positivos porque movimentam o comércio trazendo renda para os comerciantes e dando oportunidade de emprego para os moradores.

Dentre os principais problemas ambientais encontrados na Serra do Tepequém, de acordo com as respostas dos 10 entrevistados, todos ressaltam a questão do lixo deixado de forma inadequada nos locais de visitação, causando poluição no solo e nas águas dos rios e cachoeiras, além da poluição sonora causada pelos motoqueiros que visitam a localidade nos finais de semana. A pousada B, além das questões acima em conformidade com os outros empreendedores, resalta em sua fala o problema com animais soltos na estrada ao longo da subida da serra, a construção de casas em locais inapropriados e a retirada de plantas pelos visitantes.

Sobre as consequências ambientais do turismo na comunidade, percebeu-se que os gestores A, B, C, F, G, H e I destacaram a falta de cuidado dos visitantes com relação ao descarte de lixo nos locais visitados. Além disso, a pousada B destacou os prejuízos ambientais com relação ao uso de produtos químicos, como shampoos, protetores, bronzeadores e descolorantes que, muitas vezes, são utilizados pelos visitantes nas áreas de banho, como cachoeiras e igarapés.

Neste sentido, o empreendedor coloca ainda que o fluxo grande de turistas sem controle limita a capacidade de atendimento com relação aos serviç os oferecidos pelos estabelecimentos, e por não haver fiscalização ambiental e controle isso acaba trazendo grandes consequências não são para os atrativos, mas também para a comunidade.

Entretanto, os gestores D e E enfatizaram que alguns turistas já têm um comportamento consciente da importância da preservação do ambiente. A pousada H afirma que, com o fim do garimpo, a comunidade desapareceu e, aos poucos, o turismo foi se estabelecendo e promovendo a reestruturação da vila, existindo uma estrutura para receber o turista com maior tranquilidade, embora ainda existam melhorias a serem feitas.

É interessante ressaltar que a maioria dos gestores se dirige ao turista como se existissem dois grupos: o grupo que realmente vai em busca de explorar novos lugares e curtir o clima, a natureza e a tranquilidade do local, e o outro que vai em

busca de aventura, mesmo já conhecendo o local. Destacam, ainda, que o turista de verdade deixa lucro no local, consumindo seus produtos e usando os serviços de hotelaria e gastronomia; esse tipo de turista, para eles, é o turista consciente ambientalmente, já o outro grupo procura explorar o local em busca de festas e aventuras, não consome e, geralmente, não utiliza os serviços de hotelaria e de gastronomia. O que se pode perceber na opinião dos gestores é que esse grupo, na visão da maioria dos gestores, não é o tipo de turista verdadeiro e consciente ambientalmente.

No que tange as questões ambientais, foi perguntado aos empreendedores quais suas opiniões sobre a relação entre o turista e a preservação ambiental. O gestor A destacou que essa relação depende do tipo de turista que chega a este destino: tem-se aquele turista que vem para curtir a natureza e o outro que vem em busca de aventura, e acaba degradando e poluindo o ambiente de diversas formas, desde a poluição sonora (quando chegam com suas motocicletas fazem barulho e causando incômodo aos moradores e demais visitantes), até aqueles que realmente não têm consciência da importância de manter o ambiente preservado.

O gestor B respondeu que essa relação do turista com a preservação ainda é considerada larga e que poderia ser estreitada. Já as respostas das pousadas C, D, E, F, G, H, I e J estão todas voltadas para a importância de se preservar o ambiente, já que existe estreita dependência entre os dois e que é necessário que haja equilíbrio.

Foi perguntado a opinião do gestor para saber se o turismo tem afetado as condições de vida da população local, momento em que se observou que os gestores A, C, D, E, F, H, I e J concordam que o turismo afeta de forma positiva as condições de vida da comunidade local e, dentre a maioria das justificativas, diz respeito ao aumento da renda e do emprego para a comunidade, melhorando, assim, as condições de vida da comunidade em geral. Já a pousada B coloca que o turismo afeta as condições de vida local de forma negativa em decorrência do aumento da especulação imobiliária em desfavor do morador. Ainda, a pousada G afirma que o turismo afeta as condições de vida da comunidade, porém de forma negativa, e isso se deve ao aumento do fluxo de visitantes que causa, além dos impactos ambientais, a insegurança tanto para a comunidade como para as pessoas que visitam.



Em contrapartida, o turista considera que o turismo causa prejuízos ao meio ambiente e, em relação aos empreendedores, observa-se que houve divisão de opiniões, onde a metade diz que sim e a outra diz que não há prejuízos. Sendo assim, fica evidente que há um olhar e interesses diferentes entre as três categorias investigadas. Diante disso, em observação, o que se pode perceber com relação as questões ambientais é que existem vários fatores que contribuem para a degradação da natureza no local, dos quais podemos citar o lixo, as fogueiras, os danos à vegetação, as inscrições ou pichações, a erosão do solo, as trilhas irregulares e as construções de moradias e estabelecimentos irregulares.

Com relação ao lixo, ao percorrer o local pode-se constatar a presença de resíduos sólidos em coletores somente em alguns pontos mais visitados; mesmo assim, ao percorrer a área foi encontrado lixo em locais inapropriados e próximo à área de banho. É importante destacar a existência de placas educativas somente nos pontos de maior visitação (Figuras 38 e 39).

Observou-se durante a realização da pesquisa, que os resíduos sólidos são jogados de forma inadequada, provavelmente pelos visitantes, e as placas e coletores de lixo instalados no local que dá acesso à cachoeira.

Figura 38 – Lixo próximo a área de banho e uma placa educativa na Cachoeira do Barata



Figura 39 – Sinalização para coletor de lixo



Como os próprios moradores relataram no decorrer da aplicação dos questionários, são eles e os empreendedores que fazem a coleta semanal do lixo nas cachoeiras, o que é feito após o final de semana que é quando o fluxo de visitantes diminui. Para esse trabalho foi organizada uma escala entre moradores e empreendedores para que todos os participantes possam efetuar esta atividade sem sobrecarregar nem um, nem outro.

O lixo, segundo os moradores e empreendedores, é coletado pelo município de Amajari uma vez por semana e levado para um lixão localizado na Via Três Corações. Diante disso, podemos constatar que, certamente, não há um tratamento adequado para esse lixo no local onde é despejado, o que traz como consequência um impacto ambiental a longo prazo para toda a região, inclusive para a Serra do Tepequém. Haja vista que quem se destina a visitar o Tepequém tem antes que passar pelo município de Amajari, toda essa questão poderá depreciar um dos pontos turísticos mais visitados do Estado de Roraima.

Ao percorrer os pontos é fácil identificar lixo nos mais variados locais; dentre esses dejetos podemos encontrar garrafas plásticas, latas de refrigerantes e cervejas e bitucas de cigarro, bem como embalagens dos mesmos, fraldas

descartáveis, absorventes, copos plásticos e até mesmo eletrodomésticos, como mostra a Figura 40.

Figura 40 – Eletrodoméstico em desuso deixado por moradores no quintal de uma residência próxima a um ponto turístico



Nas proximidades também foram encontrados restos de fogueiras próximas às formações vegetais e à área de banho das cachoeiras, contudo as áreas não oferecem locais apropriados para fogueiras – possivelmente, faz-se o uso de fogueiras para cozer o próprio alimento. Como já dito anteriormente, há placas orientando os visitantes quanto ao uso de fogueiras somente nos pontos considerados mais visitados.

As figuras 41 e 42 mostram placas de orientação quanto ao uso de fogueiras, bem como restos de fogueiras encontrados em um dos pontos visitados. As figuras deixam claro que, mesmo com a orientação das placas, não há respeito dos visitantes com relação à proibição do uso de fogueiras nas proximidades dos locais de banho.

Figura 41 – Placa orientando visitantes quanto ao uso de fogueiras



Figura 42 – Restos de fogueira na Cachoeira do Barata



Quanto aos danos à vegetação, no decorrer do percurso aos pontos turísticos visitados, foram observados alguns danos a área verde, como galhos quebrados e

pisoteio em áreas próximas as cachoeiras, provavelmente para facilitar o acesso às quedas d'água, conforme mostra a Figura 43.

Figura 43 – Danos à vegetação nas proximidades das cachoeiras



As margens dos rios e das cachoeiras estão cobertas por vegetação e, no relato da maioria dos participantes desta pesquisa, foi colocado que muitos visitantes costumam levar mudas de plantas e flores das áreas onde visitam. Há placas em poucos locais de visitação alertando quanto aos cuidados com o ambiente em geral, inclusive com relação aos cuidados com a vegetação (Figura 44).

Figura 44 – Placa alertando quanto aos cuidados com o ambiente em geral



Em alguns pontos existem placas orientando os visitantes quanto a importância dos cuidados com a vegetação, como mostra a Figura 45. Para Mallmann, Silva e Schmitt (2016), as matas ciliares são primordiais para sustentar e manter a biodiversidade, favorecendo e promovendo condições ecológicas adequadas para o desenvolvimento de plantas que são indicadoras de qualidade ambiental. No entanto, as matas ciliares vêm sofrendo impactos negativos em decorrência da alta densidade demográfica e da ocupação urbana de forma inapropriada e sem limites.

Diante disso, o que podemos constatar é que se, em um futuro muito próximo, esses impactos não forem vistos com mais cuidado as consequências podem ser graves e até irreversíveis.

Figura 45 – Placa orientando visitantes quanto ao cuidado com a vegetação



Observou-se, também, a presença de inscrições, pichações e outras formas de vandalismo na área. As inscrições ocorrem geralmente nas rochas das

cachoeiras e, também, nas encostas da beira da estrada e na entrada da Vila do Paiva, como mostram as figuras 46 e 47.

Figura 46 – Pichações na pedra de uma cachoeira



As pichações depreciam os locais no sentido de causar poluição visual, além de prejudicarem o ambiente degradando a imagem natural das belezas do local, bem como deterioram os componentes estruturais dos recursos naturais e, conseqüentemente, causando a perda do valor cênico da paisagem.

Figura 47 – Pichação na beira da estrada na entrada da Vila do Paiva



A Figura 47 mostra que, além das pichações nas rochas das cachoeiras, há, também, impactos nas rochas encontradas na entrada da Vila do Paiva. Ainda, a erosão do solo é outro tipo de impacto ambiental observado em alguns percursos percorridos a caminho dos pontos turísticos e em locais onde ocorriam atividades do garimpo, podendo-se ver sulcos, talvez provenientes de águas da chuva, que carregam muitos sedimentos; nesses locais, a terra possui coloração barrenta (Figura 48).

Figura 48 – Erosão a beira da estrada que dá acesso a um ponto turístico



A erosão pode acontecer pela retirada da mata nas encostas, bem como pela água da chuva; diante disso, esse impacto influencia no empobrecimento do solo, trazendo danos à vegetação existente no local. O Tepequém possui vulnerabilidade natural à erosão que acaba sendo intensificada pelas atividades antrópicas, tais como abertura de vias de acesso, trilhas, etc. Com relação à pavimentação, a erosão encontrada no caminho dificulta a passagem dos visitantes aos pontos turísticos, podendo, também, trazer riscos de acidentes pelas crateras formadas na beira da estrada.



No decorrer do percurso foram encontradas em pequenos morros algumas trilhas provavelmente feitas por condutores de motocicletas ou jipeiros que vão ao local em busca de aventuras. Essas trilhas, provavelmente, não são oficiais, uma vez que nos locais não há placas indicativas de trilhas oficializadas e muito menos proibindo a abertura das mesmas. Para formação dessas trilhas é retirada a cobertura vegetal propiciando a erosão e, por consequência, o empobrecimento do solo (Figura 49).

Figura 49 – Formação de trilhas nos pequenos morros



Quanto às construções irregulares, há estabelecimentos particulares sendo construídos nos mais diversos locais espalhados na região. Entre eles próximo as cachoeiras, como, por exemplo, áreas de camping dentro da mata e muito próximas de uma das cachoeiras mais visitadas. A Figura 50 mostra o acesso a este estabelecimento.

Figura 50 – Ponto de acesso a uma área de camping muito próxima a uma das cachoeiras



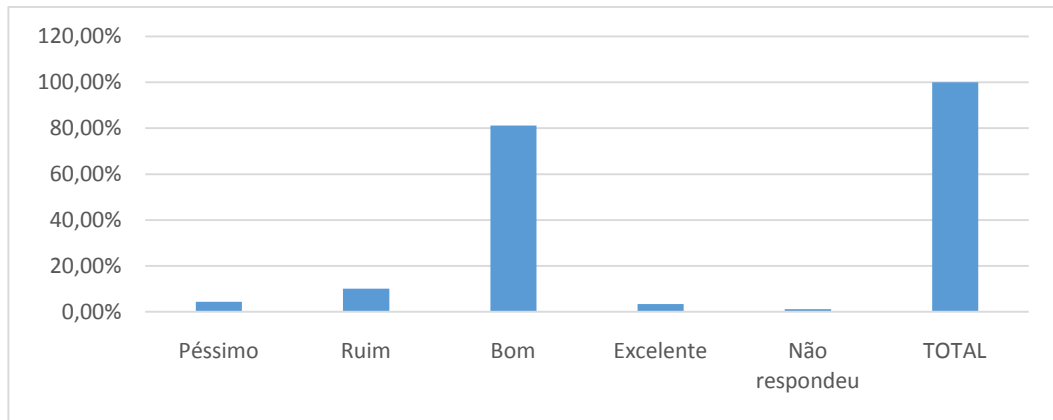
Em alguns locais, é possível ver pequenos pontos indicando a construção de casas em áreas bem afastadas da vila principal, e dentro da mata nas proximidades de morros e montanhas, causando desarmonia com a paisagem (Figura 51). Na fala de muitos moradores e empreendedores comenta-se sobre a especulação imobiliária, o que de fato estas construções que estão sendo feitas em locais inapropriados poderão propiciar.

Figura 51 – Ponto mostrando uma casa dentro da mata próximo a morros



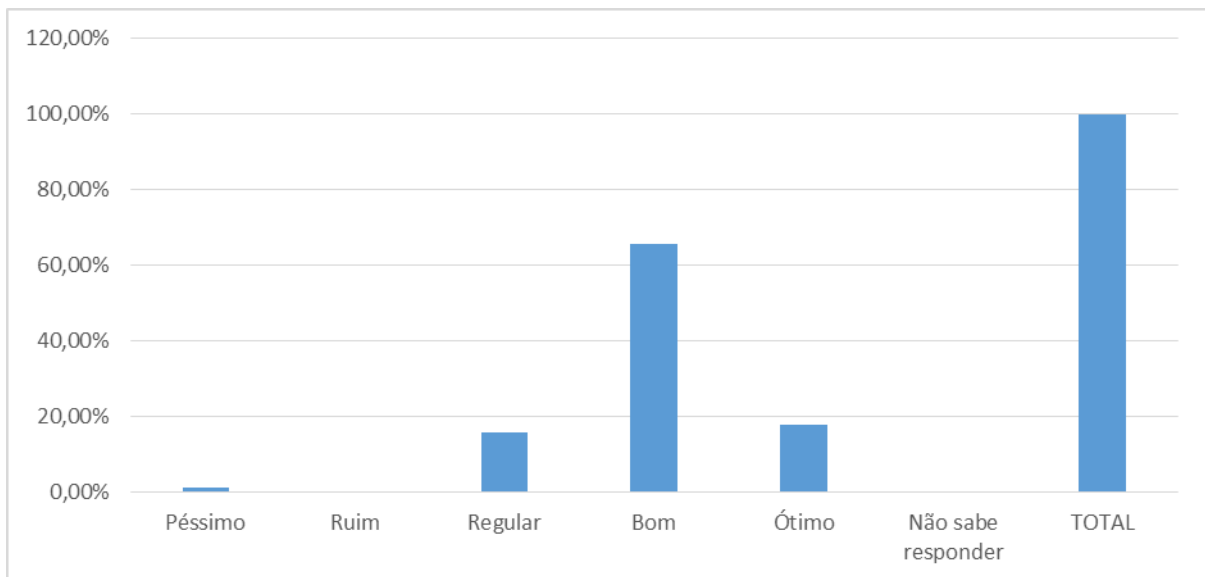
Quando feita uma avaliação dos benefícios ambientais gerados para a comunidade pelo turismo, a maioria dos moradores participantes (81,1%) disse ser bom, 10% responderam que é ruim, 4,4% consideram péssimo, 3,3% acham excelente e 1,2 % não responderam (Figura 52).

Figura 52 – Avaliação dos moradores sobre os benefícios ambientais gerados pelo turismo



Foi feita, também, uma avaliação da opinião dos moradores com relação ao turismo na comunidade, em que 65,6% pensam ser bom, 17,8% acham o turismo ótimo, 15,6% consideram regular e apenas 1% acredita que o turismo seja péssimo para a comunidade (Figura 53).

Figura 53 – Avaliação dos moradores sobre o turismo



É possível perceber que apesar de boa parte dos participantes considerar o turismo bom, uma pequena parte considera ótimo e regular, demonstrando que ainda falta algo para melhorar a atividade no local.

Percebe-se que tanto moradores quanto turistas e empreendedores consideram a natureza da Serra do Tepequém preservada, embora em conversa informal os mesmos tenham chamado atenção de que a natureza da serra já foi mais danificada na época do garimpo e que hoje está parcialmente preservada. No mesmo sentido, embora tenham interesses diferentes com relação ao turismo, moradores, turistas e empreendedores consideram importante a preservação do meio em virtude de que há uma dependência do turismo com o meio ambiente.

Quanto aos problemas e benefícios gerados pela atividade turística na Serra do Tepequém, o morador concorda que o turismo traz mais benefícios, pois acarreta emprego e aumento da renda. Já o empreendedor diz que, apesar dos impactos negativos serem mínimos, o turismo, se realizado sem fiscalização e de forma desordenada como acontece hoje, pode trazer problemas futuros prejudicando tanto a comunidade quanto a população; dentre esses problemas são mencionadas na fala de alguns empreendedores além das questões ambientais, como a poluição sonora e ambiental, a violência que pode gerar insegurança a toda comunidade e, conseqüentemente, aos visitantes. Com relação aos prejuízos para o meio percebe-se que na opinião do morador, o turismo não causa prejuízos para o meio ambiente.

#### **4.1.4 Diretrizes gerais para a Gestão Ambiental**

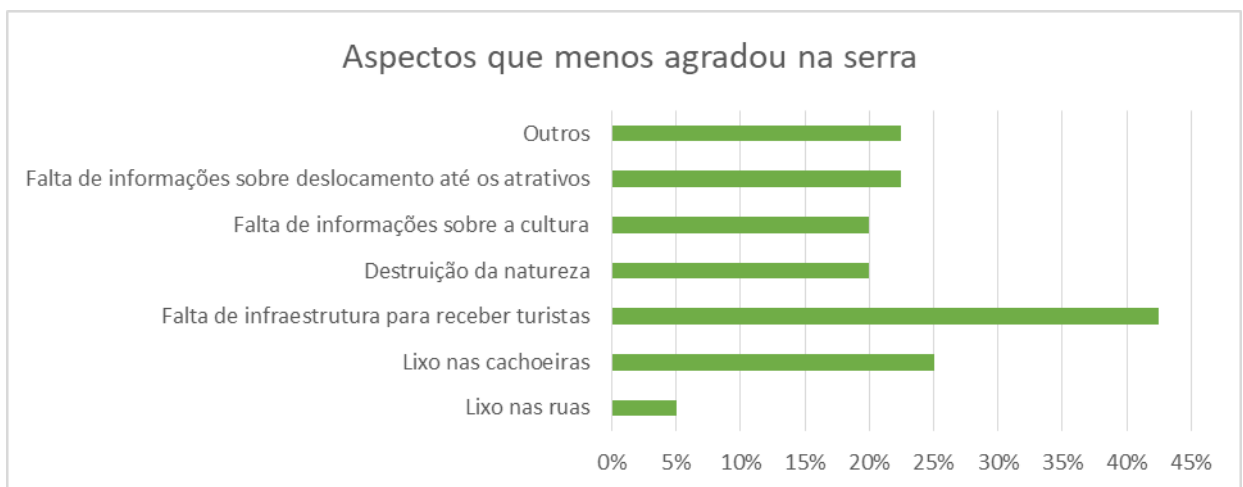
Segundo Souza e Campare (2014), **gestão ambiental** compreende um conjunto de ações da administração empresarial que dá destaque para as questões voltadas à sustentabilidade, visando o uso de elementos administrativos que consistem em reduzir ao máximo os danos ambientais ligados a atividades econômicas nos recursos da natureza.

Quanto à satisfação, 80,0% dos moradores sentem a falta de investimento por parte dos órgãos públicos, 23,3% sentem falta de infraestrutura, saneamento e limpeza pública e 7,8% disseram sentir falta de outros aspectos, como por exemplo a manutenção da estrada que dá acesso à serra, atenção maior por conta dos órgãos com relação as invasões que estão ocorrendo em áreas inapropriadas (causando desordem na área urbana), falta de transporte coletivo, desconforto na

segurança da estrada pela existência de muitos animais na pista, bem como a falta de manutenção das mesmas. Constatou-se que, muitas vezes, os próprios moradores e empreendedores colaboram para a manutenção da estrada tapando buracos com cimento, tendo sido citado, ainda, a falta de união da comunidade.

Quando perguntado aos turistas que aspecto menos agradou na Serra do Tepequém, 42,5% disseram que a falta de infraestrutura para receber o turista deixa a desejar, 25,0% reconhecem que falta um cuidado maior com o lixo que é deixado pelos visitantes, 20,0% responderam ser a destruição da natureza, 20,0% afirmaram não gostar da falta de informações sobre a cultura, 22,5% disseram que faltam informações sobre como chegar até os atrativos com segurança, 22,5% disseram não gostar de outros aspectos e apenas 5,0% responderam que não gostam do lixo acumulado nas ruas (Figura 54).

Figura 54 – Percentuais representados por cada opção quanto aos aspectos que menos agradaram na Serra do Tepequém



Perguntou-se aos turistas se havia acontecido algo que tenha causado desagrado, quando 17,5% responderam que o fato de ter encontrado lixo nas trilhas de acesso as cachoeiras desagradou e 82,5% responderam que nada desagradável aconteceu. Quando perguntado se os mesmos desejariam voltar a Serra do Tepequém para uma nova visita, 97,5% responderam que sim e 2,5% responderam que não.

Nas observações ao final da entrevista o empreendedor D destacou que se deve explorar o turismo e não o turista, para que tenha vontade de voltar mais vezes e trazer novos visitantes; é preciso recebê-los bem para que se sintam satisfeitos. O

gestor C reforçou, ainda, que gostaria que os representantes olhassem mais para o Tepequém.

Em observação a estes aspectos percebe-se que os moradores sentem falta do investimento por parte dos órgãos públicos e de infraestrutura. Já os visitantes chamam mais atenção para a falta de infraestrutura para serem melhor recebidos. O empreendedor considera o turismo bom, porém em conversa informal todos foram unânimes em destacar que sentem falta de investimentos por parte dos órgãos públicos no tange aos aspectos voltados para melhorar o turismo na Serra do Tepequém. Sendo assim, as diretrizes aqui elencadas são direcionadas como sugestões diante de alguns dos principais problemas identificados nesta pesquisa mediante a percepção dos atores locais que foram investigados.

As localidades com potenciais turísticos podem, por meio das atividades relacionadas a esse setor, proporcionar o desenvolvimento, trazendo muitos benefícios para a localidade, tais como a valorização cultural, a geração de renda e a preservação do meio ambiente, bem como o desenvolvimento da infraestrutura básica e turística que atenda as necessidades dos visitantes proporcionando, assim, satisfação para os mesmos e para quem oferece. Diante do exposto, o Estado tem o poder e a função de dispor sobre aspectos normativos do setor, tornando-se responsável pela definição das políticas voltadas para a questão, além de coordenar os mecanismos de incentivo para desenvolver tais tarefas. Para isso, é necessário que seja feito um planejamento turístico da região; contrário a isso, o crescimento desordenado da atividade pode gerar problemas (VIEIRA; FERREIRA, 2016).

De modo geral, e em decorrência dos problemas de infraestrutura básica na serra do Tepequém, sugere-se as seguintes instruções: implantação de sistema de coleta e tratamento de efluentes adequado à dinâmica sazonal da cidade e gestão adequada do lixo (resíduos sólidos). Quanto a educação e cultura sugere-se: educação ambiental, tanto para a comunidade quanto para quem visita o local, e revitalização cultural, proporcionando ações e projetos que visem a valorização da identificação histórica local, bem como resgatando e preservando a parte histórica local, podendo, por exemplo, construir um pequeno museu histórico com os resquícios do garimpo, visto que ainda existem as ruínas deixadas com a passagem do fim do garimpo na região. Diante disso, pode-se associar estas ações aos elementos da natureza que também sofreram alterações durante essa passagem – tudo isso poderá incidir sobre a população como um todo e sensibilizar o visitante.

Com relação à educação nas escolas, pode-se incorporar ao currículo temas relacionados com a realidade local visando abranger o conhecimento mais amplo da história local, assim como sensibilizar as crianças quanto a importância de se valorizar e preservar o meio ambiente.

Outras recomendações seriam: divulgar as informações relacionadas a Serra do Tepequém, de modo que a comunidade se torne conhecedora dos problemas ambientais, sociais e estruturais do local onde vivem; sensibilizar a comunidade e os visitantes principalmente sobre os temas relacionados à preservação do ambiente, lixo em locais inadequados e destruição indiscriminada da natureza; propor cursos de capacitação em educação ambiental para profissionais do turismo; oferecer orientação ecológica para os visitantes na chegada à serra; e, proporcionar cursos de capacitação da comunidade em geral para intervir em situações em que os visitantes possam assumir posturas inadequadas.

Ghedin (2007), em sua pesquisa para elaborar um plano de gestão comunitária para o desenvolvimento na Serra do Tepequém, sugere alguns pontos interessantes e compatíveis com os citados nesta pesquisa, como por exemplo: promoção e realização de cursos de educação ambiental para a comunidade, implantação do programa de iniciação escolar para o turismo e educação ambiental nas escolas, oferecimento de cursos de sensibilização turísticas para a comunidade e visitantes, criação de um Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Natural e Cultural ligado à Secretaria Municipal de Turismo e Cultura.

Diante dos problemas ambientais encontrados, sugerem-se as seguintes orientações: revigoração de áreas degradadas e conservação das atuais áreas verdes e a elaboração e aplicação de planos de manejo visando a criação futura de possíveis áreas de proteção ambiental. Para Pereira (2009), **o Plano de Manejo** consiste em um documento técnico no qual se determina o zoneamento e as normas que devem reger o uso da área de determinada unidade de conservação e o manejo dos recursos naturais, bem como a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão. Estes planos foram instituídos no Brasil em 1979 tendo como objetivo adequar e orientar o manejo ecológico dos Parques Nacionais.

Considera-se interessante, também, o apoio à realização de estudos de capacidade de suporte, com o intuito de evitar maiores danos às áreas visitadas, bem como proteger, ainda, os recursos naturais, estabelecer uma gestão sustentável das atividades desenvolvidas visando as futuras na área proteção

ambiental, incentivo ao uso de fontes renováveis de energia e instalação de banheiros ecológicos em estabelecimentos e residências.

Para Moraes (2015), é necessário que se busquem soluções para problemas como os de abastecimento de água, saneamento básico e depósito final de resíduos sólidos. Por outro lado, visando a questão espacial, sugere-se delimitar o fluxo de turistas e empreendimentos no local através da determinação da capacidade de carga turística.

Quanto a proteção dos pontos visitados, seria interessante as seguintes recomendações: estabelecer normas adequadas de segurança nos locais de visita, inserir gerenciamento dos pontos turísticos (controle e fiscalização das atividades, ambulantes, restrições, etc.), construção de infraestrutura de apoio aos visitantes em cada ponto turístico, zoneamento das áreas próximas aos locais de visita (evitando a construção desordenada de casas e de estabelecimentos em locais impróprios), determinação das atividades permitidas em cada ponto turístico objetivando a minimização de impactos ambientais, regulamentação sobre as atividades que fazem ou farão futuramente uso dos recursos naturais e regulamentação para possíveis atividades comerciais que possam surgir no decorrer do tempo (o que já percebe-se na entrada de alguns pontos na serra).

Moraes (2015) defende que o planejamento estratégico do turismo deve ter início no poder público, no sentido de que ele é que determina que tipo de turismo deseja ter na região. Neste sentido, o autor sugere que o poder público deve fazer gestão pública da paisagem baseada no plano diretor municipal, no zoneamento ecológico e, também, econômico, assim como no licenciamento ambiental de atividades geradoras de grandes impactos e potencial poluidor.

Quanto aos gestores de instituições públicas, em março realizou-se entrevista com o atual Secretário de Meio Ambiente do Município de Amajarí e verificou-se, pela fala do mesmo, que há uma rotatividade muito grande por parte dos representantes de órgãos na região. De acordo com o representante, não há projetos e planos de ação voltados para o turismo e meio ambiente, já que cada gestão que sai não deixa em arquivo tais projetos, planos e ações. Sendo assim, percebe-se pela fala do representante a dificuldade em dar continuidade e andamento aos projetos voltados para esse setor.

Em observação *in loco* percebeu-se que as pessoas que respondem pelo turismo na região também representam outros setores. Outra situação é que não



existe exatamente uma Secretaria de Turismo no Estado, nem nos municípios, ocasionando dificuldades na busca de informações, bem como fiscalizações e cumprimento das leis que poderiam assegurar o bom desenvolvimento do turismo na região como um todo. Para tanto, é importante a implementação de uma política de Estado visando estabilidade de apoio para o turismo na região.

Diante do exposto, para a administração pública sugere-se: capacitação dos funcionários que trabalham diretamente com a gestão ambiental nos órgãos públicos; estabelecimento de uma gestão pública participativa levando em consideração as expectativas e os conhecimentos de todos os setores sociais envolvidos; planejamento estratégico integrado de longo prazo que inclua um plano de Desenvolvimento Sustentável e um plano de Desenvolvimento Turístico; planejamento e controle do uso do solo; e, plano diretor.

Dentro deste contexto, Vieira e Ferreira (2016) deixam clara a importância do envolvimento, tanto público quanto da comunidade local, de maneira que políticas públicas empenhadas para concretizar tal atividade proporcionem benefícios que contemplem todos os envolvidos. Sendo assim, visando enriquecer e concentrar as informações obtidas neste estudo através dos instrumentos utilizados nesta pesquisa, foi feita a análise de Swot de acordo com os resultados obtidos.

#### 4.1.5 Análise de Swot

<p style="text-align: center;"><b>Pontos fortes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença de placas educativas e informativas a respeito dos cuidados com o meio ambiente;</li> <li>• Paisagem exuberante;</li> <li>• Contemplação da natureza;</li> <li>• Clima agradável;</li> <li>• Cachoeiras, igarapés e corredeiras;</li> <li>• Pontos de visitação de fauna e flora; e,</li> <li>• Turismo de aventura.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Pontos fracos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Lixo deixado pelos visitantes nos pontos turísticos;</li> <li>• Coletores de lixo somente em alguns pontos de visitação;</li> <li>• Depreciação por picha�es nos locais visitados;</li> <li>• Retirada da vegeta�o para abertura de trilhas irregulares que propiciam a erosão;</li> <li>• Constru�es irregulares;</li> <li>• Estrutura para receber o turista; e,</li> <li>• Informa�es sobre cultura e como chegar até os atrativos.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Oportunidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Utiliza�o de potenciais, habilidades, capacidades e compet�ncias;</li> <li>• Progresso da comunidade;</li> <li>• Desenvolvimento local;</li> <li>• Emprego; e,</li> <li>• Melhor qualidade de vida.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Amea�as</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de investimento por parte dos órgãos públicos;</li> <li>• Planejamento turístico para a região;</li> <li>• Projetos e planos de a�o voltados para o turismo e meio ambiente;</li> <li>• Rotatividade de gestores; e,</li> <li>• Fiscaliza�o.</li> </ul>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que turismo é um fenômeno que se encontra inserido nas mais diversas regiões do mundo, destacando-se por ser um setor em grande expansão e, na maioria das vezes, fonte de desenvolvimento para as localidades que a utilizam como caminho ou ferramenta para o progresso das comunidades.

Em Roraima, percebe-se que o turismo é pouco explorado e, conseqüentemente, pouco valorizado quando se trata principalmente da cultura. Neste contexto, seus atrativos são pouco divulgados tornando os mesmos desconhecidos por muitas pessoas que por aqui passam. Percebe-se que o visitante sempre está de passagem, geralmente com outro destino, tendo em vista que o Estado de Roraima faz divisa com a Venezuela e com a Guiana Inglesa.

Entre os pontos turísticos do Estado de Roraima, a Serra do Tepequém é considerada um dos pontos mais visitados e que recebe turistas de vários lugares. A serra encontra-se localizada em uma região que se destaca por apresentar paisagens e cachoeiras de belezas exuberantes, além de um clima agradável. O turismo na região tem se desenvolvido nos últimos anos de modo que hoje o fluxo de visitantes tem aumentado de forma significativa.

A história da Serra do Tepequém começou com a exploração do garimpo, onde os primeiros moradores foram construindo suas casas e, assim, formando uma pequena vila, hoje conhecida como Via Tepequém ou Via do Paiva, local de concentração desta pesquisa.

Os dados deste estudo foram apurados através dos atores envolvidos com o turismo na região. Diante disso, identificou-se, primeiramente, tais atores como: moradores, empreendedores, turistas e membros representantes dos órgãos que representam o setor turístico na região e no Estado.

Entre os ambientes naturais e pontos turísticos do local, as cachoeiras são áreas muito valorizadas pelos moradores, empreendedores e visitantes, devendo estar em evidência e serem vistas com atenção pelos órgãos públicos para os planejamentos; esses ambientes são as principais áreas de lazer e onde os turistas passam a maior parte do tempo. Na visão dos atores, destacam-se os principais pontos turísticos: Cachoeira do Paiva, Cachoeira do Funil, Corredeiras do Cabo Sobral, Cachoeira do Barata, Platô, Gruta do Preto (cavernas) e Poção.

Quanto as atividades turísticas que fazem uso dos recursos naturais, são citadas pelos atores: as caminhadas ou trilhas para chegar até os atrativos, o ciclismo, a observação da fauna e da flora e a prática de travessia de montanhas utilizando cordas e outros equipamentos de segurança.

As várias atividades que ocorrem nesses ambientes acontecem de forma desordenada causando visíveis efeitos negativos ao ambiente, como, por exemplo, o lixo que é deixado na maioria das vezes em locais impróprios, a vegetação que é retirada pelos visitantes ao passarem por determinados locais ou mesmo para abrir caminhos na mata para passagem de motocicletas, entre outros automóveis, depredação dos elementos naturais, como a pichação nas rochas encontradas nas cachoeiras, uso de fogueiras às margens dos locais de banho, construção de casas em locais inapropriados, dentre outros efeitos no ambiente que podem passar despercebidos pela população.

Diante disso, há, também, os possíveis impactos sociais acarretados pela atividade turística. Em pesquisa com os atores, percebe-se que existem algumas divergências de opiniões com relação ao turismo pelo fato de haver interesses diferentes entre as categorias. Diante disso, percebeu-se, ainda, algumas preocupações em comum entre moradores, turistas e empreendedores no que tange às questões ambientais e aos impactos que podem surgir, como as atividades turísticas e como devem interagir com o meio. Esses impactos são visivelmente classificados em positivos e negativos na visão dos mesmos.

Quanto aos empreendedores e aos turistas, o maior interesse e preocupação estão relacionados a falta de infraestrutura para receber o turista e isso inclui, além da falta de informações para o turista que visita pela primeira vez, a falta de pessoas qualificadas para atender os visitantes e as questões como abastecimento de água, energia e serviços que possam suprir as necessidades dos visitantes com maior qualidade, conforto e segurança. Sendo assim, na opinião dos mesmos, a falta de apoio do governo não contribui para incentivar a comunidade a dar maior importância para a atividade turística na comunidade local – esta é, também, a opinião dos moradores.

O turismo tem contribuído para o aumento da renda e geração de emprego no local. Nota-se que há um crescimento no setor hoteleiro com o surgimento, cada vez maior, de novos empreendimentos como pousadas e restaurantes, por exemplo. Em observação *in loco* verificou-se que o fluxo de visitantes na Serra do Tepequém é

maior durante os finais de semana, o que implica no aumento da movimentação econômica nos estabelecimentos gastronômicos e setores de hotelaria. Sendo assim, como alguns dos donos dos estabelecimentos moram em Boa Vista, os mesmos se encontram no local geralmente nos finais de semana.

A história da Serra do Tepequém deixa clara a valorização da comunidade como um todo a respeito da importância de se preservar a natureza e conservar o que ainda está se reestruturando em decorrência das grandes degradações ambientais e sociais geradas pelo garimpo em anos anteriores.

Diante dos dados obtidos, verificou-se que a natureza, o clima e a tranquilidade são os principais aspectos que determinam a atratividade do local. Neste sentido, esses aspectos devem ser relevantes para o planejamento turístico da região e, por outro lado, o aspecto ambiental deve ser planejado com maior urgência visto que a descaracterização do ambiente natural pode acarretar a falta de interesse dos visitantes; além disso, esse impacto pode se tornar irreversível futuramente.

Neste contexto, é importante que se tomem medidas urgentes que possibilitem minimizar os impactos negativos, e que visem, também, possíveis danos no futuro em decorrência do aumento do fluxo do turismo na região, bem como o crescimento da Vila do Tepequém que já vem ocorrendo de forma desordenada causando sutis mudanças na paisagem do local. Neste sentido, a partir dos problemas identificados na pesquisa foram sugeridas algumas diretrizes adaptadas para a real situação do local, visando, também, um futuro próximo.

É relevante destacar a importância de se realizarem estudos de análise tanto ambiental quanto cultural e econômica mais detalhados e profundos para que auxiliem em um planejamento eficiente, já que para planejar é necessário, primeiro, o conhecimento de forma geral visando todos os aspectos inseridos na comunidade. Desta forma, é importante lembrar que é essencial a participação da comunidade neste processo.

No que tange às respostas institucionais percebe-se que foram implementadas poucas ações no que diz respeito aos impactos ambientais locais, e que são muitos os entraves para resolver esta questão.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A. K. S.; GONÇALVES, R. M. P.; COSTA, F. J. F. Trabalho e ser social: uma reflexão ontológica do trabalho na relação homem x natureza. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 12, p. 78-87, jul./dez. 2014.
- ALVES, R. A.; BESERRA NETA, L. C. B. A ocupação antrópica em área de risco na Serra do Tepequém – Município de Amajari. In: TAVARES JÚNIOR, S. S.; MOURÃO, G. M. N. **Amajari: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2015. p. 53-76.
- ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ARANTES, E. C. *et al.* Potencialidades do ecoturismo na Serra do Tepequém (RR) sob múltiplos olhares. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 83-102, nov. 2013.
- AZEVEDO, A. S. C. A Educação Ambiental no turismo como ferramenta para a conservação ambiental. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, Manaus, v. 3, n. 1, p. 77-86, jan./jun. 2014.
- BALIM, A. P. C.; MOTA, L. R.; SILVA, M. B. O. Complexidade ambiental: o repensar da relação homem-natureza e seus desafios na sociedade contemporânea. **Revista Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 163-186, jan./jun. 2014.
- BARBOSA, K. C. **Turismo em Armação dos Búzios (RJ/Brasil)**: percepções locais sobre os problemas da cidade e diretrizes prioritárias de apoio a gestão ambiental. Niterói: 2003. 124 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARROS, J. D. S. Educação ambiental no ecoturismo: potencialidades e estratégias de conservação dos recursos naturais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 42-49, jan. 2013.
- BESERRA NETA, L.; ALVES, R. A., A ocupação antrópica em área de risco na Serra do Tepequém – Município de Amajari – RR. In: TAVARES JÚNIOR, S. S.; MOURÃO, G. M. N. **Amajari: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2015. p. 53-76.

BESERRA NETA, L. C.; TAVARES JÚNIOR, S. S.; LIMA DA COSTA, M. Vulnerabilidade do solo na Serra do Tepequém – RR: análise da atividade erosiva linear. **Revista Geonorte**, v. 10, n. 1, p. 99-103, 2012.

BRAGA, S. S.; GONTIJO, B. M.; VIEIRA, L. M. A ação espacial do turismo: análise dos atrativos e equipamentos turísticos na Serra do Cipó (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 681-693, nov. 2014.

BRANDALISE, L. T. *et al.* A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental. **Revista Gestão de Produção**, São Carlos, v. 16, n. 2, p. 273-285, abr./ jun. 2009.

BRUHNS, H. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. **Acta Scientiarum, Human and Social Sciences**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 157-164, jul./dez. 2010.

CARVALHO, D. T. B. C. **Turismo backpacker**: um estudo exploratório sobre perfil, características e motivações. Niterói: 2009. 97p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Turismo, Universidade Federal Fluminense, 2009.

CARVALHO, B. C.; COSTA, V. C. Educação Ambiental na visão ecoturística: turismo e desenvolvimento local no município de Rio das Ostras (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 171-190, jan./abr. 2013.

CASTRO, R. C.; MENDONÇA, A. A importância dos recursos/atrativos naturais e artificiais para a cidade de Manaus. **Revista Eletrônica Aboré**, Manaus, n. 5, dez. 2010.

CERQUEIRA NETO, S. P. G.; SILVA, L. T. Turismo e desenvolvimento: transformações no território da região do extremo sul da Bahia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 16, n. 55, p. 74-88, set. 2015.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. **A metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CESSA, R. M. A.; SOARES, M. H. Potencial de fragilidade ambiental no município de Santa Terezinha-MT identificado pela caracterização de áreas naturais e antropizadas. **Revista Agroambiental**, Pouso Alegre, v. 5, n. 3, p. 21-25, dez. 2013.

CONAMA. **Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986**. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental. Brasília, 1986. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=23>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CORTEZ, A. T. C. O lugar do homem na natureza. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 22, p. 29-44, jan. 2011.

COSTA, E. C. N.; SANTOS NETO, J. I.; SILVA, M. W. S. Impactos ambientais do “turismo de massa”: um estudo de caso da procissão de N. Sr<sup>a</sup> dos Navegantes na Apa da Barra do rio Mamanguape – PB, Brasil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 8, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: UNIVALI, 2014. p. 1-27.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, L. D. **A paisagem da Serra do Tepequém – RR e sua potencialidade para o geoturismo.** Boa Vista: 2013. 109 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Roraima, 2013.

CUNHA, V. P. *et al.* A reprodução do espaço urbano em Roraima: uma análise sobre o impacto da implantação do Instituto Federal em Amajari – RR. In: TAVARES JÚNIOR, S. S.; MOURÃO, G. M. N. **Amajari: um olhar geográfico.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2015. p. 167-207.

DIAS, J. A.; MAHIQUES, M. M.; CEARRETA, A. Gestão Costeira: resultado de uma relação dúbia entre o Homem e a Natureza. **Revista de Gestão Costeira Integrada/Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v. 12, n.1, p. 3-6, mar. 2012.

DUARTE, T. K. S.; CORTEZ, I. C. Análise e diagnóstico dos impactos ambientais causados pelos turistas na Serra do Tepequém/Roraima. **Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-24, jun. 2015.

FADINI, A. A. B. *et al.* Políticas públicas e participação social: perspectivas de turismo sustentável em Vargem (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 91-108, jan./abr. 2010.

FANDÉ, M. B.; PEREIRA, V. F. G. C. Impactos ambientais do turismo: um estudo sobre a percepção de moradores e turistas no Município de Paraty-RJ. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 18, n. 3, p.1170-1178, set./dez. 2014.

FARIA, A. C. V. *et al.* Turismo e impactos ambientais: um estudo sobre a trilha e a Cachoeira dos Macacos – Distrito São Sebastião das águas, Nova Lima/MG. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 20, n. 34, p. 1-7, jul./dez. 2010.

FARIAS, M. F.; SONAGLIO, K. E. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinar no Turismo. **Revista Ibero-americana de Turismo**, Penedo, v. 3, n. 1, p. 71-85, jan./jun. 2013.

FEITOSA, M. J. S.; GOMEZ, C. R. P. Aplicação do Tourism Ecological Footprint Method para avaliação dos Impactos Ambientais do Turismo em Ilhas: um estudo em Fernando de Noronha. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 220-238, maio/ago. 2013.

FRANÇA, J. P.; ARAÚJO, I. J. Desenvolvimento sustentável, redefinição do poder local e turismo como alternativa de desenvolvimento local. **Revista Holos**, Natal, v. 26, n. 2, p. 60-70, jul./dez. 2010.

GERENT, J. A relação homem-natureza e suas interfaces. **Cadernos de Direito**, Piracicaba, v. 11, n. 20, p. 23-46, jan./jun. 2011.

GHEDIN, L. M. **Plan de gestión comunitaria para el desarrollo del turismo en la Sierra de Tepequem, Município de Amajari, Estado de Roraima – Brasil**. Marcaibo: 2006. 173p. Disertación (Magister en Planificación Integral para del Desarrollo del Turismo) – Universidad del Zulia, 2006.

GHEDIN, L. M. Plano de gestão comunitária do turismo como alternativa para o desenvolvimento sustentável na Serra do Tepequém. **Revista Norte Científico**, Boa Vista, v. 2, n. 1, jan. 2007.

GHEDIN, L. M. et al. Sinalização turística: uma proposta de uso turístico para a Serra do Tepequém. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, n. esp. EGAL, 2011.

IBGE. **Brasil / Roraima / Amajari: panorama**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rr/amajari/panorama>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

JACINTO, J. M.; MENDES, C. M.; PEREHOUSKEI, N. A. O rural e o urbano: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço urbano. **Revista Percursos**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 173-191, jul./dez. 2012.

LIMA, R. L.; SILVA, V. P. Gestão ambiental para o turismo do Olheiro de Pureza – RN: uma contribuição de moradores e excursionistas. **Revista Holos**, Natal, v. 3, p. 120-137, maio/jun. 2011.

LINHARES, H. L.; GARRIDO, G. M. Del desarrollo turístico sustentable al desarrollo local. Su comportamiento complejo. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 12, n. 2, p. 453-466, 2014.



MACHADO, S. F.; ALVES, K. S. Turismo e meio ambiente: relação de interdependência. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 220-241, jan./jun. 2014.

MAIA, D. M.; FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P. Um estudo diagnóstico sobre os impactos ambientais do turismo sobre a orla fluvial de Cachoeira Dourada de Minas (MG). **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 293-306, mar. 2012.

MALLMANN, J. T.; SILVA, V. L. S.; SCHIMITT, J. L. S. Estrutura comunitária de samambaias em mata ciliar: avaliação em gradiente de antropização. **Revista Ambiente e Água**, Taubaté, v. 11, n. 1, p. 111-124, jan./mar. 2016.

MALTA, M. C. M.; MARIANI, M. A. P.; ARRUDA, D. P. Sustentabilidade e gestão de empreendimentos hoteleiros: analisando hotéis de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 7, n. 3, p. 358-376, jul./set. 2015.

MARIANO, Z. F. *et al.* A relação homem-natureza e os discursos ambientais. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 22, p. 158-170, jan. 2011.

MARKOVIC, J. J.; PAVIC, D. J.; MESZAROS, M. D. P. Measuring the quality of the lakeside tourist destinations: case stud of Lake Palić and Lake Srebrno (Serbia). **Journal of Environmental and Tourism Analyses**, Bucuresti, v. 3, n. 1, p. 63-81, jan./dez. 2015.

MARTINS, S. M. G. **As trilhas ecológicas como ferramenta para vivencias ambientais na Serra do Tepequém**. Lajeado: 2014. 140 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Exatas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Exatas, Universidade do Vale do Taquari, 2014.

MARUJO, M. N. N. V.; SANTOS, N. Turismo, turistas e paisagem. **Revista Investigaciones Turísticas**, Sant Vicent del Raspeig, n. 4, p. 35-48, jul./dic. 2012.

MATTOS, R. M. F.; AZEVEDO, L. E. L. Plano de Comunicação: fortalecimento do Turismo na cidade de Boa Vista – RR. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFAM, 2009. p. 1-16.

MEDEIROS, L. C.; MORAES, P. E. S. Turismo e sustentabilidade ambiental: referências para o desenvolvimento de um turismo sustentável. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Curitiba, v. 3, n. 2, jan./jun. 2013.

MENEZES, M. M.; NUNES, M. B. Um olhar turístico sobre a comunidade do bairro Restinga com vistas ao turismo de base comunitária. In: FÓRUM INTERNACIONAL

DE TURISMO DO IGUASSU, 5, 2011, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: UNIVALI, 2012. p. 61-84.

MICHELIN, R. L.; FILHO, A. R. A percepção dos moradores da Vila do Tepequém em Amajari – RR acerca dos impactos gerados pelas atividades turísticas. In: TAVARES JÚNIOR, S. S.; MOURÃO, G. M. N. **Amajari: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2015. p. 77-107.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2010.

MIRELY, A. C.; VIRGILIO, D. F. Gestão ambiental no turismo: uma análise dos impactos ambientais nos atrativos turísticos de Baía Formosa, RN, Brasil. **Revista Turismo & Práticas**, Mossoró, v. 3, n. 2, p. 34-59, jul./dez. 2014.

MORAES, L. C. A. Políticas públicas: ecoturismo x preservação dos recursos naturais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 444-461, ago./out. 2015.

MOURA-FÉ, M. M. Geoturismo: uma proposta de turismo sustentável e conservacionista para a região nordeste do Brasil. **Revista Sociedade & Natureza**, v. 27, n. 1, p. 53-66, jan./abr. 2015.

MUCELIN, C. A.; BELLIN, M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Revista Sociedade & Natureza**, Urberlândia, v. 20, n. 1, p. 111-124, 2008.

NASCIMENTO, A. M. V. *et al.* Turismo e transformações socioespaciais: uma aproximação teórica e conceitual. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 388-407, abr. 2013.

NASCIMENTO, C. H. C.; LIMA, E. T. M. D.; SILVA, E. L. Memória do Garimpo de diamante do Tepequém: uma nova paisagem. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, 3, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 1-16.

NETO, R. C. S.; SENHORAS, E. M. Dinâmica sócioespacial da Vila Três Corações no Município do Amajari. In: TAVARES JÚNIOR, S. S.; MOURÃO, G. M. N. **Amajari: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2015. p. 27-52.

NEVES, J. G. P.; BERNARDES, M. B. J. A relação histórica homem/natureza e sua importância no enfrentamento da questão ambiental. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 29, n. 57, p. 7-26, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, B. Fatores Determinantes da Satisfação do Turista: um estudo na cidade do Guarujá. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-

GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPTUR, 2010. p. 1-10.

OLIVEIRA, E. S. **Impactos socioambientais e econômicos do turismo e suas repercussões no desenvolvimento local: o caso de Itacaré - Bahia.** Ilhéus: 2008. 154 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia, 2008.

OLIVEIRA, K. A.; CORONA, H. M. P. A percepção ambiental como ferramenta de propostas e de políticas ambientais. **Anap Brasil**, Alta Paulista, v. 1, n. 1, jul. 2008.

OLIVEIRA, L. R.; VIANA, L. J. T; BRAGA, A. L. C. Conflitos e fragilidades de uma atividade turística não planejada: um olhar direcionado às praias de porto de galinhas e Itamaracá/PE. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, Santos, v. 7, n. 10, p.1-19, abr./maio/jun. 2010.

OLIVEIRA, S. D.; SANTOS, R. R. Turismo, educação ambiental e preservação do meio ambiente. **Revista Saber Acadêmico**, São Paulo, n. 13, p. 33-35, jun. 2012.

PAKMAN, E. T. Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à história do pensamento turístico. In: SEMINÁRIO ANPTUR, 11, 2014, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPTUR, 2014. p. 21-32. Disponível em: [www.anptur.org.br/novo\\_portal/anais\\_anptur/anais\\_2014/...03pdf](http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/...03pdf). Acesso em: 28 out. 2015.

PANOSSO NETTO, A. **O que é turismo.** São Paulo: Brasiliense, 2010.

PARNAÍBA, E. B. F; BEZERRA, K. J. N.; CAVALCANTE, L. S. Informativo turístico cultural: uma proposta para a promoção e a valorização do patrimônio histórico cultural da Serra do Tepequém – Roraima. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 5, 2011, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: UNIVALI, 2011. p. 1-16.

PEREIRA, S. G. **O Plano de Manejo e o seu uso como ferramenta de Gestão de Parques Nacionais no Estado do Rio de Janeiro.** Seropédica: 2009. 115 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambientais e Florestais) – Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009.

PIMENTA, H. F. Diferenças de gênero na prática das atividades de lazer no turismo em espaço rural (ter) na sub-região do Minho Lima, Portugal. **Turismo: estudos & práticas**, Mossoró, v. 3, n. 1, p. 124-153, jan./jun. 2014.

PINHEIRO, B. R. A.; SOARES, A. S.; AZEVEDO, F. F. A relação homem-natureza e a práxis do turismo: um reencontro para a preservação. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 331-340, jul. 2010.

PINTO, R. N. F.; COSTA, V. C. Ecoturismo e risco ambiental. **Revista Territorium**, Chã do Freixo, n. 19, p. 227-235, jan. 2012.

RABELO, D. L. O Ecoturismo como experiência e prática de liberdade. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.11-22, jan. 2010.

ROCHA, J. M. Desenvolvimento e sustentabilidade do turismo: preceitos da teoria da capacidade de carga turística. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 3, n. 1, p. 382-392, jul./dez. 2011.

ROCHA, M. B.; ZOUAIN, D. M. Percepção socioambiental: a visão de turistas e gestores de hotéis sobre os impactos da poluição das praias no turismo do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 360-377, maio/ago. 2015.

RODRIGUES, A. P. B. Políticas e Planejamento Estratégico em Turismo. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 4, n. 4, p. 651-657, out./dez. 2012.

RODRIGUES, E. S.; VIEIRA, J. G. Tepequém, do garimpo ao turismo, Tepoking (rei dos Tepuis). **Textos e Debates**, Boa Vista, v. 1, n. 16, p. 86-98, 2009.

RODRIGUES, J. L. K.; CASTRO, P. M.; SANTAELLA, L. A. Análise do perfil e da satisfação dos turistas da cidade de Camocim-CE: um estudo de caso. **Revista Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 36-57, jan./jun. 2015.

RORAIMA. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento. Departamento de Turismo. **Serra de Tepequém, uma aventura**. Boa Vista: SEPLAN, 2013. Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/serra-do-tepequem>. Acesso em: 20 jun. 2017.

RUA, E. R.; SOUZA, A. P. A. Educação Ambiental em uma abordagem interdisciplinar e contextualizada por meio das disciplinas Química e Estudos Regionais. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 95-100, maio 2010.

SCÓTOLO, D.; PANOSSO NETTO, A. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. **Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, v. 9, n. 1, p. 36-59, fev. 2015.

SILVA, O. V. Sistemas produtivos, desenvolvimento econômico e degradação ambiental. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**, Garça, v. 4, n. 6, p. 1-7, jan. 2007.

SILVA, T. S. N.; SOUZA, C. F. Percepção dos impactos do Turismo pelos moradores da Praia do Farol - Ilha de Cotijuba/PA. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 9, n. 1, p. 262-280, jan./mar. 2013.

SILVEIRA, A. V.; MORELATO, A. S. O turismo sustentável como estratégia de preservação da paisagem cultural na região do Caparaó. **Labor & Engenho**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 110-126, jan./mar. 2011.

SOARES, J. R. R.; LOPEZ, M. P. V. O uso do etnoconhecimento para o desenvolvimento do turismo sustentável. **Tourism and Hospitality International Journal**, Serra da Amoreira, v. 4, n. 2, p. 19-26, maio 2015.

SOUZA, D. I. et al. **Manual de orientações para projetos de pesquisa**. Novo Hamburgo: FESLSVC, 2013.

SOUZA, L. C.; ANDRADE, W. C. D. S.; BRITO, E. P. C. O Lago azul como potencialidade turística/lazer. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 2, n. 2, p. 83-102, jan./jun.2013.

SOUZA, G. C.; CAMPARE, R. Sistema de Gestão Ambiental (SGA): uma abordagem sobre os aspectos desse importante instrumento administrativo. **Revista Inter Atividade**, Andradina, ed. esp., n. 1, p. 133-139, 2014.

STAEVIE, P. M. Migrações e Múltiplas Identidades dos Imigrantes em Boa Vista – RR. **Informe Gepec**, Toledo, v. 15, n. esp., p. 478-487, 2011.

TALASKA, A.; PUNTEL, J. A.; SIMON, E. L. A. relação sociedade natureza: da racionalidade tecnicista ao enfoque científico da agroecologia. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 5, n. 3. p. 242-263, jan./jun. 2014.

TEISSERENC, P. Reconhecimento de saberes locais em contexto de ambientalização. **Revista Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 13, n. 2, p. 5-26, dez. 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TOPKE, D. R.; VIDAL, M. P. Responsabilidade socioambiental no turismo: o caso da empresa ambiental viagens e turismo. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 10, 2013, Resende. **Anais...** Resende: AEDB, 2013. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/40118410pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

VIANA, F. C. V.; NASCIMENTO, A. L. N. O turismo de natureza como atrativo turístico do município de Portalegre, Rio Grande do Norte. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 79-93, 2009.

VIEIRA, E. W.; FERREIRA, A. J. A. Turismo como estratégia para o desenvolvimento socioeconômico no polo Munim, Maranhão, Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18, 2016, São Luís. **Anais...** São Luís: AGB, 2016. p. 1-11.

VIEIRA, O. L.; LIMA, E. A. P. Produto da relação homem e natureza: o ambiente comparado. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 4, n. 7, p. 415-424, 2012.

ZARDO, E. F. **Marketing aplicado ao turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

**ANEXOS**

**ANEXO A – Relatório da Fundação Estadual do Meio Ambiente e recursos Hídricos -  
FEMARH**



**RELATÓRIO DE VIAGEM A SERVIÇO**

<b>Nº do Pedido:</b>		<b>Vlr/ Diária Solicitada (R\$)</b>		<b>Vlr/Diária Utilizada (R\$)</b>	
<b>Nº OSD:</b>			<b>Registrado no FIPLAN:</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
<b>Servidor (a): RICHARD MARCELO SILVA COSTA</b>				<b>Matrícula nº:</b> 040012512	
<b>Cargo/Função:</b> GEOGRAFO					
<b>Destino: TEPEQUEM</b>					
<b>Data da saída:</b> 24/02/2017		<b>Hora</b> 06:00h		<b>Data de chegada:</b> 27/02/2017	
				<b>Hora</b> 16:20h.	
<b>Metas Previstas:</b> - Participar de Blitz educativa, distribuição de sacolinhas para carro, adesivar veiculos e fixar as placas de sinalização aos acessos às cachoeiras e demais pontos turisticos no Tepequém.					
<b>Serviços Executados:</b> - Foram fixadas as placas de orientação aos turistas, foi realizada a blitz educativa e distribuida as sacolinhas para os carros.					
<b>Resultados Obtidos:</b> As metas foram cumpridas como previsto.					

Boa Vista-RR, 04 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do servidor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do chefe imediato  
(Carimbo do chefe imediato)



## **ANEXO B – ENTREVISTA DESTINADA AOS REPRESENTANTES LEGAIS E GESTORES**

Caro gestor ou representante,

Esta entrevista é parte de um estudo sobre o turismo na Serra do Tepequém. Ele fornecerá importantes informações para uma tese de mestrado que está sendo desenvolvida por meio da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Agradecemos a sua colaboração, que será de grande relevância.

### **DADOS E CARACTERÍSTICAS DA INSTITUIÇÃO**

1 Nome da Instituição: \_\_\_\_\_

2 Representante legal: \_\_\_\_\_

3 Endereço: \_\_\_\_\_

4 Telefone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5 E-mail: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6 Origem: \_\_\_\_\_

7 Objetivos: \_\_\_\_\_

8 Segmento de atuação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9 Quantidade de sócios ou afiliados (ou funcionários): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10 Área de atuação: ( ) Zona Urbana ( ) Zona Rural

11 Há quanto tempo atua na localidade? \_\_\_\_\_

12 Existem projetos e ações voltados para o turismo, que envolvam a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais da Serra do Tepequém? Quais?

---

---

---

---

13 Quais são atrativos turísticos da Serra do Tepequém?

---

---

14 Quais são as atividades recreativas associadas ao turismo mais praticadas na Serra do Tepequém?

---

---

---

15 Em sua opinião qual a relação entre o turismo e a preservação ambiental?

---

---

---

16 O Sr (a) considera o turismo como estratégia para a conservação da natureza?

---

---

---

17 Quais as consequências ambientais do turismo nesta comunidade?

---

---

---

18 Quais são as principais ações levadas a cabo pela gestão para minimizar os impactos ambientais causados pelo turismo na Serra do Tepequém?

---

---

---

19 Em sua opinião qual a principal contribuição do ecoturismo na preservação ambiental

---

---

---

20 Na sua opinião o turismo tem afetado as condições de vida da população local? Como?

---

---

---

---

21 Quais são os interesses e preocupações com relação ao aumento do fluxo de turistas e a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais?

---

---

---

---

---

22 Quais são os principais problemas ambientais encontrado na Serra do Tepequém ocasionados pela atividade turística?

---

---

---

---

---

---

---

23 Quais as atividades turísticas que fazem uso dos recursos naturais?

---

---

---

---

---

24 Em sua opinião, os eventos são os principais atrativos turísticos da Serra do Tepequém?

---

---

24 Você considera que o turismo causa prejuízos para o meio ambiente? Quais seriam esses prejuízos?

---

---

---

---

---

---

25 Os impactos gerados pelo turismo na Serra do Tepequém, de modo geral, são prejudiciais a comunidade ou a população? Os impactos observados são mais positivos ou negativos?

---

---

---

26 Os que você acha que ainda precisa ser feito para melhorar a atividade turística na Serra do Tepequém? Qual a sugestão que você daria para melhorar o turismo na Serra do Tepequém?

---

---

---

25 No geral, após ter o(a) Sr(a) ter refletido sobre o turismo em sua cidade, e levando em consideração os benefícios e prejuízos que ele pode gerar, você considera que o turismo é....

( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo ( ) Não sabe responder

Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

---

Outras observações:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TURISTAS

Caro turista,

Este questionário é parte de um estudo sobre o turismo na Serra do Tepequém. Ele fornecerá importantes informações para uma tese de mestrado que está sendo desenvolvida pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Agradecemos a sua colaboração que será de grande relevância.

### ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

1 Sua idade se insere em qual faixa etária? Abaixo de 18 anos ( ) De 18 a 25 anos ( )  
De 26 a 35 anos ( ) De 36 a 50 anos ( ) De 51 a 65 anos ( ) Acima de 65 anos ( )

2 Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

3 Local de origem (país, estado ou cidade): \_\_\_\_\_

4 Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

5 Profissão: \_\_\_\_\_

6 Onde Mora atualmente – (Cidade /Estado) \_\_\_\_\_

### ASPECTOS GERAIS

1 É a primeira vez que você vem à Serra do Tepequém?

( ) Sim ( ) Não

2 Para quantos dias está prevista a sua estada na Serra do Tepequém?

\_\_\_\_\_

3 Há quanto tempo você frequenta a Serra do Tepequém?

\_\_\_\_\_

4 Que aspectos determinaram a sua escolha por conhecer a Serra do Tepequém?

( ) Natureza em geral ( ) A vida noturna

( ) Esportes aquáticos ( ) Meditação

( ) Conhecer a cultura local ( ) Tranquilidade para descansar

( ) Outros:

\_\_\_\_\_

5 O que você mais gostou (gosta) na Serra do Tepequém ?

( ) Natureza ( ) Clima

( ) Vida noturna ( ) Tranquilidade

( ) Cultura local ( ) Outro: \_\_\_\_\_

6 Qual o aspecto que menos lhe agradou na Serra do Tepequém?

Lixo nas ruas  Lixo nas cachoeiras  Falta de infraestrutura para receber os turistas

Destruição da natureza  Falta de informações sobre a cultura local

Falta de informações de como chegar até os atrativos

Outros: \_\_\_\_\_

7 Por quais aspectos você mais se interessa em suas viagens de turismo?

Contato com a natureza  Conhecer outras culturas e outros povos

A vida noturna e festas  Tranquilidade

Outros: \_\_\_\_\_

### **ASPECTOS AMBIENTAIS**

1 Você considera a natureza da Serra do Tepequém preservada?

Sim  Não

Por quê? \_\_\_\_\_

2 Você acha importante conservar o meio ambiente e os recursos naturais?

Não  Sim

Porquê? \_\_\_\_\_

3 Você considera que o turismo causa prejuízos para o meio ambiente?

Sim  Não  Não sabe responder

4 Você fez alguma atividade de ecoturismo na Serra do Tepequém?

Não  Sim

Qual (ou quais)? \_\_\_\_\_

5 Qual dos aspectos abaixo você considera que as atividades turísticas devem envolver?

Obtenção de conhecimentos sobre a natureza

Contemplação da beleza da natureza sem obtenção de informações sobre ela

Obtenção de informações sobre os aspectos da cultura tradicional local

Valorização da população local

Preservação da natureza

Preservação da cultura local

Atividades de Educação Ambiental

**SATISFAÇÃO**

1 A serra do Tepequém atendeu às suas expectativas? Você ficou satisfeito durante sua estada?

( ) Sim      ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

2 Aconteceu alguma coisa que lhe desagradou durante a sua estada?

( ) Não      ( ) Sim

O Quê? \_\_\_\_\_

3 Você deseja voltar a Serra do Tepequém?

( ) Sim      ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_



## ANEXO D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES

Caro morador,

Este questionário é parte de um estudo sobre o turismo na Serra do Tepequém. Ele fornecerá importantes informações para uma tese de mestrado que está sendo desenvolvida por meio da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Agradecemos a sua colaboração, que será de grande relevância.

### ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

1 Sua idade se insere em qual faixa etária? Abaixo de 18 anos ( ) De 18 a 25 anos ( )  
De 26 a 35 anos ( ) De 36 a 50 anos ( ) De 51 a 65 anos ( ) Acima de 65 anos ( )

2 Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

3 Local de origem (país, estado ou cidade): \_\_\_\_\_

4 Qual a sua ocupação atual? Empregador ( ) Empregado assalariado em empresa privada com carteira assinada ( ) Empregado assalariado em empresa privada sem carteira assinada ( ) Trabalhador Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado ( )  
Dona de Casa ( ) Estudante ( ) Outros \_\_\_\_\_

5 Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

### ASPECTOS GERAIS

1 Há quanto tempo é morador da Vila do Paiva? \_\_\_\_\_

2 O que você mais gosta na Serra do Tepequém ?

( ) Natureza ( ) Clima

( ) Vida noturna ( ) Tranquilidade

( ) Cultura local ( ) Outro: \_\_\_\_\_

3 Qual o aspecto que menos lhe agrada na Serra do Tepequém?

( ) A falta de infraestrutura e saneamento, limpeza pública

( ) A falta de investimento por parte dos órgãos competentes

( ) Outro: \_\_\_\_\_

### ASPECTOS AMBIENTAIS

1 Você considera a natureza da Serra do Tepequém preservada?

( ) Sim ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

2 Você acha importante conservar o meio ambiente e os recursos naturais?

Não  Sim

Por quê? \_\_\_\_\_

3 Você considera que o turismo causa prejuízos para o meio ambiente na Serra do Tepequem?

Sim  Não  Não sabe responder

4 Na sua opinião o turismo gera mais problemas ou benefícios para sua comunidade?

Mais problemas  Mais benefícios  Não sabe responder

5 Como você avalia os benefícios ambientais gerados para sua comunidade pelo turismo?

Bom  Ruim  Excelente  Péssimo

6 Na sua opinião, os eventos são os principais atrativos turísticos da Serra do Tepequem?

Sim  Não

7 Qual dos aspectos abaixo você considera que as atividades turísticas devem envolver?

Obtenção de conhecimentos sobre a natureza

Contemplação da beleza da natureza sem obtenção de informações sobre ela

Obtenção de informações sobre os aspectos da cultura tradicional local

Valorização da população local

Preservação da natureza

Preservação da cultura local

Atividades de Educação Ambiental

## **SATISFAÇÃO**

1 Você gosta de morar na Serra do Tepequem?

Sim  Não

Por quê? \_\_\_\_\_

2 No geral, após ter o(a) Sr(a) ter refletido sobre o turismo em sua cidade, e levando em consideração os benefícios e prejuízos que ele pode gerar, você considera que o turismo é....

Ótimo  Bom  Regular  Ruim  Péssimo  Não sabe responder

Por quê? \_\_\_\_\_

Outras observações:

---

---